



Universidade de Aveiro Departamento de Educação  
Ano 2013

**TATIANA LOUREIRO  
MARÇAL**

**INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: RETRATOS DE  
ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA**



**TATIANA LOUREIRO  
MARÇAL**

**INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: RETRATOS DE  
ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA**

Projeto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, área de especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária realizada sob a orientação científica da Doutora Manuela Gonçalves, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho, principalmente, aos meus pais pelo apoio incondicional, à minha família e amigos que estiveram sempre a meu lado.

## **o júri**

presidente

Prof. Doutor António Maria Martins  
professor auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof.<sup>a</sup> Doutora Inês Maria Henriques Guedes de Oliveira  
professora auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Manuela Bento Gonçalves  
professora auxiliar da Universidade de Aveiro

## **agradecimentos**

Primeiramente gostaria de agradecer aos participantes neste projeto pela sua participação e contributo fundamentais. Também tenho a agradecer à Professora Manuela Gonçalves por todo o apoio, dedicação e aconselhamento ao longo de todo o processo, a sua ajuda foi fundamental. Gostaria de agradecer ao Grupo SIHO e ao Doutor Geert Van Hove pelo apoio durante todo o estágio realizado em Gent, por todos os ensinamentos e conhecimentos partilhados ao longo deste tempo, que representaram uma mais valia no desenvolvimento deste projeto. Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer à Professora Rosa Madeira pela sua constante disponibilidade para apoiar o trabalho desenvolvido.

**palavras-chave**

Deficiência, inclusão, educação, estereótipos, educação inclusiva, ensino superior, retratos, histórias de vida, autenticidade.

**resumo**

São cada vez mais os jovens a ingressar no ensino superior e importa reconhecer a especificidade em cada um deles. Os jovens com deficiência desejam entrar no ensino superior pela oportunidade de crescimento pessoal e social que esse facto simboliza. Assim, o presente trabalho propõe-se explorar a questão da inclusão no ensino superior de pessoas com deficiência. Este projeto é composto por uma dimensão teórica, na qual são exploradas as questões da deficiência e da inclusão no ensino, e, por uma dimensão de investigação empírica, em que se procurou construir retratos de estudantes com deficiência no ensino superior, baseados nas suas personalidades e histórias de vida, os quais serão apresentados e analisados no presente trabalho.

**keywords**

Disability, inclusion, education, stereotypes, inclusive education, higher education, portraiture, life stories, authenticity.

**abstract**

There are more and more young people that want to enter higher education and we must recognize the specificity of each of them. Young people with disabilities wish to enter higher education to have the opportunity for personal and social growth. Thus, this project attempts to explore the issue of inclusion in higher education of people with disabilities. This project consists of a theoretical dimension, which explores the issues of disability and inclusion in education, and a dimension of empirical research, which sought to build portraits of students with disabilities in higher education, based on their personalities and life stories, which will be presented and analyzed in this work.





## Índice

Introdução.....	10
Capítulo 1- Enquadramento Teórico.....	14
1.1. Deficiência.....	15
1.1.1. Contextualização histórica.....	17
1.2. Inclusão.....	23
1.2.1. Inclusão e Educação.....	24
1.2.2. Inclusão no Ensino Superior.....	27
Capítulo 2 – Metodologia.....	31
2. Os participantes.....	32
2.1. A procura por participantes.....	32
2.2. Apresentação dos participantes.....	33
2.3. Orientações Metodológicas.....	34
2.3.1. O método: Investigação- Ação Participativa.....	34
2.3.2. Os Retratos como instrumento metodológico.....	36
O Contexto.....	39
A Voz.....	40
A Relação.....	42
Temas Emergentes.....	44
O Retrato como um todo estético.....	45
2.3.3. Outras ferramentas metodológicas.....	46
2.3.4. Notas de Terreno.....	46
2.3.5. Conversas Informais.....	46
2.4. Descrição do processo de construção dos Retratos .....	47
Capítulo 3 – Apresentação e Análise dos Retratos.....	49
3.1. Ana Sofia.....	50
3.1.1. A construção do Retrato.....	50
3.1.2. A personalidade da Ana Sofia.....	51

3.1.3. O papel da Família.....	52
3.1.4. A Universidade como uma oportunidade.....	54
Superar obstáculos iniciais.....	54
Em busca da Autonomia.....	57
3.2. Isabel.....	60
3.2.1. A construção do Retrato.....	60
3.2.2. Viver a deficiência.....	61
3.2.3. A liberdade debaixo de água.....	62
3.2.4. Uma educadora diferente.....	63
3.3. João Paulo.....	67
3.3.1. A construção do Retrato.....	67
3.3.2. A personalidade do João.....	67
3.3.3. O apoio da Família.....	70
3.3.4. O Orgulho de ser Atleta.....	70
3.3.5. O percurso académico e o gosto pelas tecnologias.....	73
3.3.6. Perspetivas sobre a deficiência.....	76
3.4. Tertúlia: <i>Perspetivas sobre a Deficiência</i> .....	77
3.5. Reflexão.....	81
3.5.1. Perspetivas sobre a deficiência.....	81
3.5.2. Universidade: O caminho para um mundo de oportunidade.....	84
Conclusões.....	88
Conclusão.....	89
Limites do Projeto.....	91
Referências Bibliográficas.....	93
Anexos.....	99

# Introdução

---

O número de estudantes no ensino superior, em Portugal, tem aumentado de forma significativa nas últimas décadas, o que revela dinâmicas de democratização social com bastante importância na sociedade portuguesa. Contudo, o acesso ao ensino superior por parte de pessoas com deficiência é ainda bastante limitado e os estudos sobre a inclusão deste indivíduos nas instituições deste nível de ensino são, também, diminutos. Neste sentido, ao longo deste projeto detivemos a nossa atenção sobre a inclusão de pessoas com deficiência neste nível de ensino.

Reconhecendo que a presença de indivíduos com deficiência nas instituições de ensino superior ainda não é muito representativa e considerando a importância da inclusão e de criar uma sociedade que seja respeitadora dos direitos das pessoas com deficiência, decidimos colocar o foco do nosso projeto nas experiências dos estudantes com deficiência no ensino superior.

Numa fase inicial deste projeto, foi realizado um estágio no grupo SIHO- Steunpunt Inclusief Hoger Onderwijs, pertencente à Universidade de Gent, na Bélgica. Esta experiência representou uma oportunidade de enriquecer o nosso conhecimento sobre as questões da deficiência e da inclusão no ensino superior. Neste âmbito, entrámos em contacto com o UDL- Universal Design for Learning, o qual faz parte de uma rede de novas tecnologias com características fundamentais como a flexibilidade, maleabilidade e interatividade. Este procura funcionar como um apoio para os professores no reconhecimento da diversidade de todos os estudantes e na construção do currículo com vista a reconhecer as suas necessidades. Outra mais valia do estágio em Gent passou pelo conhecimento dos Retratos de Sara Lawrence-Lightfoot & Davis (1997), instrumento metodológico adotado no projeto, no âmbito de uma investigação de carácter qualitativo, baseada no método da investigação ação-participativa.

O ideal de educação inclusiva defendido, quer pela Declaração de Salamanca (1994), quer pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2009), pressupõe a adoção de estratégias que procurem responder aos seus objetivos principais, ou seja, que todos os indivíduos tenham a possibilidade de aprender juntos e com igualdade de oportunidades de acesso e sucesso.

Apesar de alguns progressos, quanto à autonomia ou desenvolvimento de capacidades das pessoas portadoras de deficiência, estas continuam a viver barreiras e obstáculos quotidianos que influenciam o controlo sobre as suas próprias vidas. Estas barreiras são, em muitos casos, provocadas pelo desconhecimento ou representações erradas relativamente às reais capacidades e limitações que as pessoas com deficiências têm.

No que respeita ao ensino, nomeadamente o ensino superior, a sua participação ainda é diminuta, quer quantitativamente, dado que estes estudantes constituem uma minoria quando comparados com o número de estudantes sem deficiências, quer qualitativamente, pois a sua voz ainda está um pouco silenciada.

Com este projeto, procurámos conhecer as experiências de estudantes com deficiência no ensino superior, nomeadamente estudantes da Universidade de Aveiro. Com base nesta partilha de vivências, perspetivas e visões sobre a educação no ensino superior, o nosso propósito passou por dar visibilidade às capacidades e potencialidades destes estudantes.

Cremos que um maior conhecimento sobre as vidas, expectativas, dificuldades, sucessos e desilusões dos estudantes com deficiência no ensino superior, poderá funcionar como uma forma de mostrar que estes são capazes de ultrapassar obstáculos e alcançar graus superiores de ensino e ser bem sucedidos nos mais diversos aspetos das suas vidas.

Através da escuta ativa e do diálogo com os estudantes participantes e do uso dos Retratos, pretendemos colocar o foco nas suas perspetivas. Ao dar-lhes voz e ao fazê-los sentir confortáveis para partilhar

as suas vivências foi-nos possível alcançar uma visão mais real da sua experiência. Procurámos ainda colocar ênfase nos aspetos positivos e vitórias alcançadas, pelo que acreditamos que este poderá ser um caminho para a diminuição de barreiras e criação de mais oportunidades para os estudantes com deficiência. Ao longo do processo procurámos envolver os participantes na construção do seu retrato, no qual pretendíamos que estes se identificassem e reconhecessem.

Este documento encontra-se organizado da seguinte forma:

No primeiro capítulo, exploramos o quadro teórico que suporta a investigação desenvolvida, no qual apresentamos, inicialmente, diversas perspetivas relacionadas com os estudos sobre a deficiência, para mais tarde, nos determos sobre as questões da inclusão, particularmente no ensino superior.

No segundo capítulo, apresentamos a metodologia utilizada, explicando a opção pelo método da Investigação-Ação Participativa como forma de melhor responder aos propósitos deste projeto. Damos a conhecer o instrumento metodológico central do projeto, os Retratos, explicando como estes representam um processo que busca conhecer a personalidade da pessoa retratada e a centralidade assumida pela voz dos participantes.

No terceiro capítulo, procedemos à apresentação e análise dos Retratos construídos com os participantes do projeto, em que destacamos os temas emergentes e refletimos sobre a importância dos mesmos na construção dos Retratos. Ainda neste capítulo, procurámos analisar as experiências dos participantes do ponto de vista das questões teóricas de base do projeto, tentando estabelecer uma conexão.

Terminamos com a conclusão, em que refletimos, não só sobre as limitações e mais valias do projeto, como também sobre o processo de construção dos Retratos no seu todo e de que forma contribuiu para o enriquecimento académico e pessoal da investigadora.

## **Capítulo 1- Enquadramento Teórico**

---

## **Capítulo 1: Enquadramento teórico**

Neste projeto emergem duas problemáticas centrais: deficiência e inclusão. Começamos por procurar definir e explorar o conceito de deficiência.

### **1.1. Deficiência**

Derivada do latim *deficientĭa* e associada à ideia de enfraquecimento, no dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora (2006), esta palavra é definida como uma falta ou imperfeição. Deficiente será “aquele ou o quê” que se apresenta como incompleto, imperfeito ou pessoa com deficiências a nível físico e mental. Facilmente se verifica que qualquer destas definições está associada à ideia de incapacidade ou de algo que não é perfeito, que apresenta falhas, tratando-se de definições bastante restritas à luz do conhecimento científico que tem vindo a ser produzido pelas Ciências Sociais, que enquadram o conceito de deficiência no âmbito de todo um conjunto de perspetivas sociais, culturais e históricas.

Torna-se difícil apresentar uma definição quando a deficiência é um conceito em evolução. Porém, podemos considerar, numa visão mais simples, que a pessoa com deficiência é portadora de incapacidades duradouras físicas, mentais ou intelectuais que a impedem de ter uma plena participação na sociedade, com igualdade perante os outros sujeitos. Esta condição pode ser tomada como “(...) uma alteração nas funções e estruturas do corpo, ainda que encarada na relação que essas funções ou estruturas do corpo estabelecem com as atividades e com a participação social” (Stoer & Magalhães, 2005:78).

A pessoa portadora de deficiência é vista pela sociedade como alguém diferente, diferença essa que é alvo de estereótipos, designadamente associando a pessoa com deficiência como menos capaz, dependente dos outros ou como um ser frágil. É com base nesses estereótipos que são colocadas barreiras/limitações à plena participação social e económica das pessoas com deficiência na sociedade. A essas



atitudes discriminatórias com base na deficiência é dado o nome de Ableísmo, o que pode ser comparado, por exemplo, ao racismo. Ou seja, quando falamos de ableísmo, referimo-nos a atitudes prejudiciais e comportamentos discriminatórios com base na deficiência, quer seja mental, física ou motora. São estas atitudes que veiculam a ideia de que a pessoa com deficiência é menos capaz, levando à construção de barreiras no seu percurso. Segundo Wolbring (2008:252) “Ableism is a set of beliefs, processes and practices that produce- based on abilities one exhibits or values- a particular understanding of oneself, one’s body and one’s relationship with others of humanity, other species and the environment, and includes how one is judged by others”.

Essas barreiras têm origem quer nas reais dificuldades/limitações do sujeito, quer ao nível da sociedade em si. Stoer & Magalhães (2005:78) apontam três principais razões da exclusão de pessoas com deficiência, a primeira passa por considerar que a “[...]deficiência é uma condição imutável e uma *«tragédia pessoal»* que não é possível melhorar”, isto é, a visão da deficiência como uma doença, para a qual não existe cura, sendo que as pessoas que dela sofrem necessitam de assistência ao longo da sua vida. Acredita-se que as pessoas com deficiência são dependentes da ajuda dos outros, que não são autónomas. Neste sentido, são colocadas limitações pela própria sociedade, reconhecendo esta como a segunda razão, consideramos que “[...] reconhece-se que a deficiência é causada pelas barreiras sociais e estruturais criadas pela sociedade e sabe da necessidade de participação das pessoas com deficiência na tomada de decisões sobre si próprias” (Johnstone cit in Stoer & Magalhães,2005:78).

A terceira razão apontada passa por não reconhecer “[...] às pessoas com deficiência autonomia e cidadania” (Johnstone cit in Stoer & Magalhães, 2005:78). Ou seja, a estas não é reconhecida autonomia suficiente para assumir o seu papel como cidadão, ou até mesmo, na sua vivência diária. Na medida em que existem “[...] atitudes em que se encaram as pessoas com condições de deficiência como improdutivas e permanentemente devedoras à sociedade.” (Johnstone cit in Stoer & Magalhães, 2005:79) Isto é, as pessoas com deficiência não contribuem, em termos produtivos, para a sociedade e,

necessitando constantemente de auxílio, estão em permanente dívida para com os outros. Contudo, as barreiras que as pessoas com deficiência enfrentam não são apenas sociais, mas também físicas, nomeadamente falta de acessibilidade nas estruturas. Atualmente, tal como a raça, o género, ou a classe social, a deficiência é um fator de exclusão na sociedade. Contudo, “as fundamental as race, gender and class, disability must be approached in its full social dimension as one of the central elements in every culture’s response to full range of human differences” (S. Peters *et al.* 2005), ou seja, o respeito pela diferença implica olhá-la como parte da sociedade. Por outras palavras, as pessoas portadoras de deficiência devem ser consideradas como um grupo com um papel na sociedade que tem direito a participar nos mais diversos contextos.

Segundo UPIAS<sup>1</sup> (1976:14), *“disability is something imposed on top of our impairments by the way we are unnecessarily isolated and excluded from full participation in society.”*

### **1.1.1.Contextualização histórica**

As concepções sobre a deficiência foram evoluindo ao longo do tempo. Durante décadas, em resultado da ideia de que as pessoas com deficiência eram seres especiais, com limitações à convivência com os outros, eram-lhes prestados cuidados nas suas próprias casas ou instituições, regidas por ideologias segregadoras e assistencialistas. Estas instituições eram vistas como espaços em que se podia ‘esconder’ estes sujeitos. No que diz respeito à religião, estes eram vistos como emissários de satanás, como alguém que possuía um grande mal. Frequentemente vistos como seres estranhos e até, possivelmente, prejudiciais, convinha afastá-los da vida em sociedade.

---

<sup>1</sup> Union of the Physically Impaired Against Segregation : Organização de defesa dos direitos das pessoas com deficiência que nasceu no Reino Unido. Esta foi um apoio no desenvolvimento do modelo social da deficiência em que começa a existir uma distinção entre incapacidade e deficiência.

---

Finkelstein (1980) aponta três períodos distintos no desenvolvimento do conceito de deficiência: Período Pré-Industrial, Período Industrial Capitalista e o Período Pós- Industrial. Entre o século XVII e o século XIX, período Pré-industrial, na Europa Ocidental, as pessoas com deficiência estavam inseridas nas comunidades locais. O sistema económico nesta época tinha na sua base a agricultura e pequenas indústrias. Era no seio destas comunidades que as pessoas com deficiência sobreviviam. Estas eram vistas como seres infortunados, experienciando algumas formas de segregação em situações familiares e/ou económicas. Nesta altura, a deficiência dizia mais respeito ao potencial económico do sujeito e não tanto a incapacidades corporais/mentais/intelectuais.

No período industrial capitalista, verificou-se uma intensificação da comercialização de propriedades e produtos agrícolas. Neste período, o conceito de deficiência sofre uma mudança. Com efeito, a mecanização dos sistemas de produção por via dos mercados livres e, por conseguinte, a revolução industrial trouxe limitações à empregabilidade das pessoas com deficiência. Assim sendo, “the speed of factory work, the enforced discipline, the time keeping and production norms all these were highly unfavourable changes from the slower, more self-determined and flexible methods of work into which many handicapped people had been integrated”(Hodkinson & Vickerman, 2009:36). Sendo o ritmo de produção acelerado e dada a necessidade de uma crescente produtividade, este sistema criava limitações ou mesmo barreiras à integração das pessoas com deficiência na força de trabalho.

Considerando que “[...] people with impairments were observed to have ‘suffered’ a ‘personal tragedy’, and thus they became both a social problem and a burden to the rest of the society” (Hodkinson & Vickerman, 2009:36) surge a necessidade de procurar formas de lidar com essa realidade. Esta abordagem veio a influenciar a medicina, a educação e os movimentos de caridade. Só no período Pós-industrial, em que se verifica um aumento da comunicação entre os povos, a difusão das tecnologias e a sociedade deixa de estar baseada na produção agrícola ou na indústria, mas sim no sector

dos serviços, vêm a surgir algumas oportunidades para as pessoas com deficiência. Verifica-se um afastamento da ideia de tragédia individual, considerando que “[...] disability is nothing more than a form of social oppression” (Hodkinson & Vickerman, 2009:37). Nas décadas de 70 e 80 do século XX, as pessoas com deficiência procuram mostrar o seu descontentamento com a forma como são tratadas no seio da sociedade.

É neste período e já na década de 90, que se verifica em Portugal uma proliferação dos estabelecimentos de educação especial, como as CERCI<sup>2</sup>s ou as APPCDM<sup>3</sup>s por forma a dar resposta às necessidades dos cidadãos com deficiência. Os movimentos organizados de pais estão na base da criação de instituições sociais e apoios às instituições particulares sem fins lucrativos. Na sua maioria, estas instituições estavam organizadas por tipos de deficiência.

A Lei de Bases do Sistema Educativo, em 1986, defende o acesso à educação e à cultura para todos os portugueses, em que o ensino especial tem como principal objetivo a integração socioeducativa dos indivíduos com deficiência, pretendendo-se o desenvolvimento de potencialidades físicas e intelectuais, o desenvolvimento de capacidades de comunicação, redução de limitações associadas à deficiência, assim como a inserção nos diversos contextos de vida, social, familiar e escolar. A Declaração de Salamanca, de 1994, representa um importante marco na conceptualização da deficiência e nas práticas educativas com vista a responder às necessidades dos alunos com necessidades especiais, defendendo que todos têm o direito a aprender juntos independentemente das suas especificidades. A mudança na forma como as pessoas com deficiência são perspectivadas na sociedade ganha força nas instituições de ensino, nas quais as crianças com deficiência começam a ser integradas. Neste sentido, emerge um ideal de inclusão escolar, em que se procura ensinar estas crianças nas classes regulares.

---

<sup>2</sup> Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas

<sup>3</sup> Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental

Apesar de tudo, é necessário referir que, no seio de uma mesma sociedade, a deficiência é vista de diferentes formas e considerando diferentes teorias. Neste sentido, é possível distinguir três principais modelos: o modelo psicológico-médico, o modelo social e as perspectivas mais recentes sobre a deficiência.

Segundo Geert Van Hove (2009), o modelo individual sobre a deficiência, presente entre as décadas de 60 e 70, considera a deficiência como uma tragédia individual, pelo que está focada nas dificuldades individuais, sendo a sua causa a patologia individual e as incapacidades. “There are two fundamental points that need to be made about the individual model of disability. Firstly, it locates the ‘problem’ of disability within the individual and secondly it sees the causes of this problem as stemming from the functional limitations or psychological losses which are assumed to arise from disability” (Van Hove, 2009:13).

Este modelo representa a visão tradicional da sociedade sobre a deficiência, em que se crê que a pessoa está doente e importa uma intervenção médica na busca de uma cura ou tratamento. A educação processa-se de forma segregada, ou seja, em unidades especiais. Os média, as crenças, políticas e práticas profissionais contribuem para que esta conceção seja fortalecida.

Apesar de ainda estar muito enraizado na sociedade, este modelo tem sofrido variadas críticas. Uma delas passa pela ideia de que “ This model’s application of what have been called pseudo- medical taxonomies and therapeutic treatments, which aim to cure disability, is undermined because the treatments offered invariably fail to take into account the society in which disabled people live” (Hodkinson & Vickerman, 2009:19). Assim, a pessoa com deficiência é vista como um problema que precisa ser “consertado”, alguém diferente, e é ela que deverá mudar para poder estar integrada na sociedade, e não a sociedade que deve ter em conta as suas necessidades individuais. Segundo Geert Van Hove (2009) esta conceção é chamada “The personal tragedy theory of disability’ which suggests that disability is some terrible chance event which occurs at random to unfortunate individuals.”

Na sua obra, Hodkinson & Vickerman (2009:19) apresentam alguns exemplos de pessoas portadoras de deficiência que, enquadradas no

modelo psicológico-médico, sentem que não são ouvidas, nem possuem oportunidade de escolha. Destacamos aqui uma passagem com o exemplo de Gina: “from the time I was born doctors and their assessments have been used to say where I should live, where I should go to school, and what type of education I should be allowed. Nobody listens to me and what I want because I am not seen as equal to a person who does not have a disability” Não são consideradas as opiniões, desejos e direitos da pessoa com deficiência, tudo é imposto e deverá ser a pessoa a procurar integrar-se no sistema.

No que respeita ao modelo social, segundo Oliver, citado por Geert Van Hove (2009), este modelo representa a rejeição por parte das pessoas com deficiência de todos os fundamentos do modelo individual da deficiência. O modelo social, que surge por volta da década de 80, centra-se nas atitudes sociais e contextos, procurando-se trabalhar na diminuição das barreiras colocadas à inclusão das pessoas com deficiência na sociedade. Este modelo resulta das atitudes, valores e crenças que procuram evitar a discriminação dos grupos minoritários. Neste sentido, pessoas com e sem deficiência trabalham em conjunto para ultrapassar essas barreiras. “It does not deny the cause of the problem of disability but locates it squarely within society. It is not individual limitations, of whatever kind, which are the cause of the problem but society’s failure to provide appropriate services and adequately ensure the needs of disabled people are fully taken into account in its social organisation” (Geert Van Hove, 2009:13).

Na base deste modelo, está a ideia de que “it is the attitudes, values and beliefs operating within society that cause disability, not medical impairments” (Hodkinson & Vickerman, 2009:23). Assim, a mudança deverá partir da sociedade e não do indivíduo com deficiência, porém é nele que deverá estar o poder de decisão e escolha sobre a sua própria vida. Se a pessoa com deficiência vê os seus direitos limitados por diversas circunstâncias, quer a nível político ou legislativo, a solução para esta questão só poderá ser conseguida através do trabalho conjunto entre pessoas com e sem deficiência. Apesar deste modelo significar um progresso na consideração das necessidades das pessoas com deficiência, também foi alvo de algumas críticas. Uma delas respeita ao facto de, apesar de se ter

verificado uma mudança nas concepções individuais e coletivas sobre a deficiência, a qualidade de vida das pessoas com deficiência continuou sem ser questionada. Segundo Terzi (2004), este modelo representa apenas uma visão parcial sobre a relação entre incapacidades, deficiência e sociedade.

A defesa dos direitos das pessoas com deficiência possibilitou a criação de condições para a sua reivindicação. O argumento subjacente reside no reconhecimento de que o problema não está na incapacidade do sujeito, mas sim nos comportamentos e atitudes estereotipadas. Tendo algumas bases no modelo social, verifica-se uma procura em valorizar as experiências de vida das pessoas com deficiência. Isto é, “its overriding aim is to directly challenge the assumption that disabled people want to be cured, as well as to encourage the undermining of societal presumptions of what it means to be normal and what constitutes a happy and fulfilling life” (Hodkinson & Vickerman, 2009: 26). A ideia que a pessoa com deficiência pode ter controlo sobre a sua vida começa a fortalecer-se. Há uma procura em terminar com a discriminação de pessoas com deficiência, recorrendo principalmente a políticas inclusivas. Hodkinson & Vickerman (2009:28) fazem referência a Allan (2005) ao defender que “disability politics as a movement aims to liberate the silent voices of disabled people in an attempt to subvert and undermine societal values, beliefs and conventions which are based upon the ideology of the medical model of disability”.

Uma perspetiva centrada nos direitos das pessoas com deficiência reconhece a discriminação de que estas são alvo, que representam uma grande força coletiva e, ainda que a visibilidade democrática das pessoas com deficiência tem a sua base na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Em suma, as pessoas com deficiência continuam a deparar-se com barreiras à sua participação como membros iguais da sociedade. Importa reconhecer a importância que elementos como a autonomia e independência individual assumem nas suas vidas, assim como o acesso à oportunidade de estarem envolvidas nos processos de decisão sobre políticas ou programas que a elas digam respeito.

Só por volta de 1980 começa a ser considerada a categoria de necessidades educativas especiais, em que se considera que as crianças deveriam aprender com professores especializados, contudo inseridos na escola regular, é abandonada a ideia de que estas deveriam estar inseridas em instituições especiais. Evoluindo lentamente ao longo do tempo, em 2006 e no âmbito da Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência foi encorajada a construção de leis e políticas que conduzissem à sua inclusão nos mais diversos aspetos de vida em sociedade, de entre eles o acesso igual aos serviços educativos. Segundo dados da UNESCO, aquando da convenção, referenciado por Hodkinson & Vickerman (2009), cerca de “(...)90 por cento das crianças com deficiência não têm acesso à educação, o que mostra que a discriminação leva à perda de oportunidades e chances de fazer parte da sociedade.”

A Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência é um marco na conceptualização da deficiência. Ela não define exatamente o conceito de deficiência, contudo reconhece que “disability is an evolving concept and that disability results from the interaction between persons with impairments and attitudinal and environmental barriers that hinders their full and effective participation in society on an equal basis with others.” (UN, 2006:1)

A vida do sujeito portadora de deficiência é muitas vezes afetada pelas inúmeras barreiras que lhes são colocadas. Frequentemente se crê que são pessoas dependentes, incapazes, sem poder de decisão sobre as suas vidas. “Sem dúvida que “ser capaz de ir onde se quer, quando se quer, é um dos fatores mais importantes para determinar a qualidade de vida de uma pessoa.” (Vernon & Qureshi cit in Johnstone, 2003:202) Ou seja, no seio da sociedade a pessoa com qualquer tipo de deficiência vive muitas vezes processos de segregação em que a sua liberdade de escolha e acesso a oportunidades é fortemente afetado.

## **1.2.Inclusão**

No que respeita à problemática da inclusão, existe ainda uma maior variedade de perspetivas que exercem influência sobre a forma como esta



é realmente conseguida na sociedade atualmente. À palavra inclusão estão associados outros conceitos familiares como igualdade, democracia, participação, respeito pela diversidade ou mesmo, num patamar mais abrangente, comunidade. O conceito de Inclusão baseia-se num sistema de valores em que se procura que todos se sintam bem-vindos, celebrando a diversidade quer com base na nacionalidade, no género, na raça, nas qualificações educativas e/ou profissionais ou na deficiência. Sinteticamente, a inclusão pode ser definida como “[...] a dynamic process of participation of people within a net of relationships” (Peters & Johnstone & Ferguson, 2005:145) e “(...) está relacionado antes de mais com não ser excluído isto é com a capacidade de pertencer ou de se relacionar com uma comunidade” (Rodrigues, 2006:2).

Podemos considerar inclusão e exclusão como duas faces da mesma moeda, em que a primeira consiste na “aceitação e a valorização da diversidade, a cooperação entre diferentes e a aprendizagem da multiplicidade são, assim, valores que norteiam a inclusão social, entendida como o processo pelo qual a sociedade se adapta de forma a poder incluir, em todos os seus sistemas, pessoas com necessidades especiais e, em simultâneo, estas se preparam para assumir o seu papel na sociedade” (Silva, 2009:144). Na outra face, a exclusão pode ser vista como “[...] o processo pela qual certos indivíduos e grupos são sistematicamente impedidos de aceder a posições que lhes permitiriam uma forma de vida autónoma dentro das normas sociais, enquadrados por instituições e valores, num determinado contexto” (Stoer & Magalhães, 2005:65). Estes são dois conceitos inter-relacionados, pelo que segundo Stoer & Magalhães (2005:66), “a exclusão [...] é permanentemente comparada com um cenário de algo que está incluído”. Ou seja, o objetivo passa por perceber “[...] as distinções, diferenciações e divisões que disciplinam e produzem os princípios que qualificam e desqualificam indivíduos (e grupos) para a acção e participação” (Stoer & Magalhães, 2005: 65).

### **1.2.1. Inclusão e Educação**

O caminho para a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade passa pela educação como instrumento de formação e desenvolvimento do sujeito. Sendo certo que a heterogeneidade faz parte

da educação, então, importa procurar estruturas organizacionais, curriculares e estratégias de ensino e aprendizagem em que sejam consideradas as especificidades dos alunos. A não diferenciação do currículo pressupõe que, na base da ação educativa, não está um modelo inclusivo que promova a igualdade de oportunidades de todos os alunos. A Declaração de Salamanca, que data de 1994, é um marco para olhar a diversidade humana sob uma perspectiva inclusiva. Nela está presente o princípio fundamental da escola inclusiva que “(...) consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem” (Correia, 1997:70).

O que significa ter um sistema educativo realmente inclusivo? “The label of special educational needs plays a significant role in extending to a much greater number of people an educational rationale for failure within the educational system and the subsequent social marginalization and denial of opportunities that follows for those who are unsuccessful within the ordinary school system” (Armstrong, Armstrong & Spandagou, 2010:5).

O papel do ensino especial tem vindo a ser desafiado pelas novas conceções sobre a deficiência. O movimento da escola inclusiva fortaleceu-se com a constante luta das pessoas com deficiência nos Estados Unidos e Europa, em que apontam as políticas e práticas que continuam a alimentar processos de segregação, e que colocam em causa as capacidades e potencialidades dos sujeitos com deficiência.

Neste sentido, o conceito de Inclusão, no contexto educativo “[...] implica, antes de mais, rejeitar, por princípio, a exclusão (presencial ou académica) de qualquer aluno da comunidade escolar” (Rodrigues, 2006:2). Para isso, é fundamental que “[...] a escola desenvolva culturas e práticas que valorizam o contributo ativo do aluno para a construção de um conhecimento construído e partilhado e desta forma atingir a qualidade académica e sócio cultural sem discriminação” (Rodrigues, 2006:2).

A educação inclusiva pressupõe o respeito pela diferença, aprender a viver com ela, sendo que esta representa um grande desafio para os profissionais, assim como para todos os envolvidos. Esta lógica implica o conceito de comunidade, em que todos trabalham em prol de um objetivo,

considerando a especificidade de cada um, mas simultaneamente considerando todos como iguais. O objetivo central passa pela qualidade da educação para todos os alunos, conseguida segundo uma lógica igualitária, em que possam desenvolver o seu potencial e que a dignidade humana seja respeitada. Neste sentido, são instrumentos relevantes a flexibilidade dos currículos e uma cultura escolar acolhedora e respeitadora da diferença. Importa salientar o princípio fundamental em que “[...] children should have the opportunity to learn together” (Peters, Johnstone & Ferguson, 2005:142).

É responsabilidade do sistema educativo dar resposta a todos os alunos. Estes, quando vão para a escola transportam consigo necessidades e capacidades variadas. O desejável seria responder às especificidades dos alunos, com vista ao aumento das expectativas, padrões e qualidades académicas, em que a flexibilidade do currículo é preponderante para alcançar um ambiente educativo acessível. O progresso e sucesso educativo fortalecia-se no trabalho conjunto das comunidades em prol de uma sociedade inclusiva.

A elaboração de programas individuais é uma forma de corresponder às necessidades dos alunos. O ideal da educação inclusiva pressupõe uma mudança nas atitudes face à deficiência, dos profissionais e todos os envolvidos no contexto educativo. Este ideal tem como premissa que qualquer indivíduo tem o direito a fazer parte do ensino regular. A pessoa com deficiência não deverá estar num ambiente separado, dado que, quando isso acontece, acentua-se ainda mais a ideia de diferença e os obstáculos à normalização das crianças com deficiência.

As oportunidades educacionais dos jovens com deficiência, por diversas vezes, podem ter sido inadequadas, conduzindo a que estes se sintam desmotivados para lutar pelo seu lugar na sociedade, como cidadãos comuns com direitos iguais. Se a sua capacidade de participação democrática, ou num patamar mais simples, se a capacidade de decisão no que diz respeito à sua própria vida for condicionada, o sujeito sente-se em desvantagem social.

É de salientar que à pessoa com deficiência deverá ser concedida igualdade de oportunidades e deverão ser tomados como sujeitos capazes de aprender e assumir um lugar na sociedade. Com efeito, “[...] O jovem encontra-se ligado a sistemas burocráticos mas sem poder controlar a sua participação, o que afeta diretamente o ‘sentido de lugar’. (...) A capacidade para responder efetiva e autonomamente pode ser um fator- chave para aumentar o nível de autoconfiança do indivíduo assim como os seus sentimentos de auto-estima.” (Johnstone, 2003:203)

A liberdade de escolha é um elemento fundamental na qualidade de vida de qualquer sujeito. Segundo Johnstone (2003), fazermos escolhas sobre a nossa vida, sermos capazes de julgar, construir relações interpessoais, contribuir de alguma forma para o mundo, ter objetivos na vida, são elementos essenciais para a vivência quotidiana de qualquer indivíduo.

O respeito pela diversidade e aceitação de que todos somos diferentes e que cada um possui elementos próprios é um ponto de partida para aceitar e olhar de forma diferente a deficiência. “É parte da vida humana, parte da forma como as coisas são. Deixem-nos implicar-nos nela, questioná-la, fazer amigos com ela. As pessoas com deficiência fazem-no a partir de dentro. Pessoas que não são ainda deficientes necessitam de o fazer do exterior.” (Coleridge cit in Johnstone, 2003:207)

### **1.2.2.Inclusão no Ensino Superior**

Atualmente, o número de pessoas com deficiência no ensino superior tende a aumentar e os estabelecimentos de ensino dão uma melhor resposta às necessidades dos alunos na procura de obter uma formação superior. Como referem Barfiel *et al.* (2007:384), “ the number of students with disabilities pursuing higher education is increasing [...] as well as the number requesting and receiving disability services [...].” Face a esta procura, importa que os responsáveis pelas instituições de ensino superior percebam o seu papel e responsabilidade de promover o acesso igual para esta população.

Frequentar o ensino superior significa uma grande oportunidade para as pessoas com deficiência, dado que “when disabled people enter higher education they are taking up an opportunity to increase their knowledge, to develop their social skills, to obtain good qualifications and to expose themselves to debate and discussion. It is an important experience for empowerment” (Hurst, 1996:141). Contudo, esta não é apenas uma oportunidade de empoderamento<sup>4</sup>, a participação no ensino superior é um caminho para a igualdade de oportunidades e desenvolvimento, assim como uma forma da sociedade perceber que uma pessoa com deficiência é capaz de participar ativamente como cidadão.

Neste sentido, emergem as potencialidades e capacidades dos sujeitos, afastando o foco das dificuldades/limitações como base à construção de barreiras na sua participação como cidadãos de corpo inteiro. Para apoiar as pessoas com deficiência é importante reforçar a ideia de que estas são capazes de levar uma vida independente, promover atividades que alertem a sociedade de maneira a procurar minimizar atitudes discriminatórias. São ainda muitas as barreiras para a entrada da pessoa portadora de deficiência no ensino superior. Porém, fazer parte deste nível de ensino pode possibilitar uma nova visão do sujeito sobre si próprio, como alguém capaz.

Assumimos que “[...] disability is a physical or mental impairment that substantially limits one or more major life activities. [...] The term substantially limits indicates that an individual is unable to perform a life activity to the same extent or for the same duration as the general population and, in reference to higher education settings, the major life activity is learning” (Weber cit in Barfield *et al.* 2007:386). É perpetuada a ideia de que a pessoa com deficiência poderá ter

---

<sup>4</sup> Empoderamento diz respeito ao processo através do qual pessoas ganham poder em questões que lhes dizem respeito em que adquirem controlo sobre as suas próprias vidas. Segundo Zimmerman (1995) citado por Pais & Menezes (2010:136) “empoderamento é um construto que integra perceções de controlo pessoal, de desenvolvimento proactivo face às situações do dia-a-dia e da compreensão crítica do ambiente sociopolítico. O conceito de empoderamento remete, pois, para um conjunto de esforços com vista à autonomia e ao controlo dos indivíduos e, conseqüentemente, ao acesso a recursos que, consciente e deliberadamente, consideram ser-lhes úteis para a sua qualidade de vida”. Empoderamento relaciona-se ainda com a análise crítica do contexto sociopolítico e com o contributo na transformação do mesmo.

dificuldades em acompanhar o ritmo no ensino superior. Porém, a instituição de ensino deverá conceder todos os ajustamentos necessários que possibilitem o desenvolvimento e progresso do estudante com igualdade de oportunidades para aprender e ser bem sucedido.

É de notar que “[...] the intent of disability legislation is not to ensure success of students with disabilities or mandate all requested accommodations; rather, the intent of the law is to provide equal opportunity to programs and services” (Barfield et al. 2007:391).

Os ajustamentos adequados às necessidades dos estudantes com deficiência estão intimamente ligados à premissa de justiça curricular, em que esta apenas poderá ser alcançada através de uma perspetiva inclusiva da universidade. É fundamental que as políticas e práticas sejam discutidas. O desafio passa por integrar essa perspetiva inclusiva na construção dos currículos, de forma a que estes sejam reformulados, assim como os processos de ensino, aprendizagem ou avaliação, considerando os valores e princípios inclusivos. Assim, com base numa visão inclusiva procura-se promover a participação e sucesso no ensino superior de grupos que tradicionalmente são excluídos da sociedade, como raça, género, estatuto socioeconómico, etnia ou deficiência.

Neste sentido, “[...] inclusivity in educational contexts as concerned with successful participation which generates greater options for all people in education and beyond. This construction of inclusivity has as a focus not just the factors directly affecting access, participation and success is determined. It is not just concerned with representing the full range of views [...] but in ensuring that the decisions about what was included are made according to criteria which affirm the basic human values of participation, democracy, equality and emancipation” (Nunan, George & Mccausland, 2000:65). Quando uma universidade declara a sua missão numa lógica inclusiva, ela declara um ideal político e de educação que se manifesta num currículo inclusivo. Uma universidade comprometida com uma educação inclusiva considera a diversidade existente na população estudantil. A par com a diversidade da população, está um valioso conjunto de diferentes experiências, conhecimentos e valores culturais

que, ao serem elementos de relevo no processo educativo, possibilitam um enriquecimento das aprendizagens dos estudantes.

Os principais resultados no processo educativo com base numa visão inclusiva passam por “[...]social and economic benefits it provides to segments of the community traditionally excluded”, pelo facto de que “[...] it enriches the educational experience of students as they engage with and accommodate diversity in building knowledge, values, skills, abilities and personal qualities that will equip them as effective professionals and as citizens” e ainda “[...] there are pragmatic benefits in developing professionals who can operate effectively and creatively with a wide variety of others and in rapidly changing, globally oriented workplace contexts” (Nunan, George & Mccausland, 2000:76).

O primeiro passo para a inclusão das pessoas portadoras de deficiência no ensino superior passa proceder a um ajustamento das acessibilidades físicas, de forma a tornar os edifícios acessíveis, procedendo às adaptações necessárias para corresponder às necessidades dos estudantes. Contudo, para além das acessibilidades do ponto de vista físico, é fundamental levar em consideração outros tipos de barreiras à inclusão destas pessoas. Um elemento importante passa por escutar os estudantes, procurando saber as suas opiniões, pontos de vista, de forma a melhor compreender as dificuldades/obstáculos que estes sentem.

É fundamental que a comunidade académica perceba que estes alunos fazem parte e têm direitos iguais perante os outros, promovendo a sua participação e crescente ingresso no ensino superior. Os planos individuais são outra forma de dar resposta às suas especificidades, na medida em que dão especial atenção aos sentimentos, às fraquezas ou potencialidades do estudante, numa procura de afastar a ideia de que são incomuns (Guia Succesvol studeren, SIHO<sup>5</sup>).

---

<sup>5</sup> <http://www.siho.be/files/Gidsen/gids%20succesvol%20studeren.pdf>

## Capítulo 2 – Metodologia

---



Tendo em conta o principal objetivo deste projeto, que passa por dar voz aos alunos com deficiência da Universidade de Aveiro, participantes neste projeto, procurámos adotar opções metodológicas que melhor respondessem ao nosso objetivo. Assim, no presente capítulo apresentamos o método e os instrumentos metodológicos utilizados no projeto.

## **2. Os participantes**

### **2.1. A procura por participantes**

Apesar do presente projeto se focar no ensino superior, optámos por restringir a população a participar à Universidade de Aveiro, esta possui cerca de 15 mil alunos, entre graduações e pós-graduações, contudo apenas 67 são alunos com algum tipo de deficiência. Sendo este um grupo diminuto e como forma de nos aproximarmos destes estudantes, optámos por contactar a Dra. Gracinda Martins, responsável pelo Gabinete Pedagógico, pela sua proximidade e trabalho com este grupo de alunos. Este foi o primeiro passo para entrar em contacto com os estudantes. A Dra. Gracinda deu-nos a conhecer algumas das atividades em que estes estão envolvidos e forneceu o contacto de alguns para que lhes pudéssemos dar a conhecer o projeto e o que pretendíamos com a sua participação.

Mais tarde, enviámos um e-mail a cada um dos contactos fornecidos, de forma a perceber quem estaria interessado e disponível a participar. Aguardámos algum tempo, contudo não obtivemos respostas. Porém, já tínhamos contacto com uma aluna, que já conhecíamos anteriormente, que se disponibilizou a participar, assim como a conversar com alguns dos seus colegas de forma a perceber se alguém estaria interessado.

No início de Março de 2013, tivemos a oportunidade de conversar algum tempo com a nossa primeira participante, a qual já conhecíamos anteriormente porque nos havia contactado, aquando do estágio em Gent,

para esclarecer algumas questões caso se deslocasse para Gent a fim de realizar um programa Erasmus. Foi a nossa primeira participante que nos ajudou a estabelecer o contacto com outros dois alunos que se disponibilizaram a participar. Reunimos assim 3 participantes.

## **2.2. Apresentação dos Participantes**

### **Ana Sofia**

Desde logo se disponibilizou a fazer parte do nosso projeto. É natural da Guarda, mas decidiu ingressar na Universidade de Aveiro para estudar Psicologia Clínica e da Saúde. Define-se como uma pessoa determinada e lutadora. Ana Sofia tem baixa visão. Viveu grande parte da sua vida, até entrar para a universidade numa instituição na Guarda. Atualmente tem quatro irmãos, sendo que tinha mais um irmão (também com deficiência) que faleceu recentemente. Um facto curioso sobre a Ana Sofia, o qual tivemos conhecimento já no fim da construção do seu Retrato, o de ter um irmão gémeo. A Ana Sofia, hoje com 27 anos, vive de uma forma o mais autónoma possível nas residências da universidade.

### **Isabel**

Com 26 anos, frequenta o Programa Doutoral em Multimédia em Educação e é natural de Nogueira de Regedoura em Santa Maria da Feira. Dedicar-se a tempo inteiro aos estudos, razão pela qual teve que abandonar a natação adaptada que praticou durante anos. Isabel tem Paralisia Cerebral. Apesar de durante as aulas viver nas residências da universidade, ainda mant m contacto bastante próximo com a sua família, e destaca o nascimento do seu único irmão como um dos momentos mais marcantes da sua vida.

### **João Paulo**

Natural de Vale de Cambra, frequenta a licenciatura em Novas Tecnologias da Comunicação. Divide-se entre a universidade e o desporto,   atleta de alta competição na modalidade de Boccia. João orgulha-se das vitórias alcançadas e apresenta-se como alguém muito persistente. O João

tem 29 anos e tem Paralisia Cerebral. Durante muito tempo vinha para a universidade e voltava todos os dias para Vale de Cambra, só recentemente passou a viver em Aveiro, o que para ele significou um grande progresso no alcance da sua autonomia. O João não tem irmãos e aponta a mãe como a pessoa mais importante da sua vida.

### **2.3. Orientações metodológicas**

#### **2.3.1. O método: Investigação-Ação Participativa**

Neste projeto, optámos por uma metodologia qualitativa, na medida em que poderia corresponder de melhor forma aos nossos propósitos, que implicaram uma análise atenta e profunda de todo o processo de construção dos Retratos, o que não seria viável através de uma investigação com um carácter quantitativo. Com efeito, tendo em conta que o nosso objetivo passou pela escuta dos participantes e construção conjunta dos Retratos, a opção por uma metodologia quantitativa não seria adequada. A abordagem qualitativa é marcadamente descritiva e interpretativa, valoriza a ação social e os significados construídos com base nessa ação. Segundo Berg (2001) a metodologia qualitativa “refers to the meanings, concepts, definitions, characteristics, metaphors, symbols, and descriptions of things. In contrast, quantitative research refers to counts and measures of things”.

De uma forma mais específica, a Investigação-Ação Participativa foi a nossa opção metodológica, por considerarmos poder responder de forma mais adequada aos objetivos do nosso projeto. Encarada como uma forma de Investigação-Ação (Ander-Egg, 2003), esta representa um olhar sobre a ciência e ação social que se afasta de linhas mais convencionais sobre a investigação social. A investigação-ação sob uma lógica tradicional pressupõe uma maior distância entre o investigador e o objeto, em que se observa a realidade sem interferir na mesma. A Investigação- Ação Participativa retém a intencionalidade de conhecer para agir, ou seja, a construção do conhecimento científico é feita tendo em vista a modificação de uma dada situação.

Este método pressupõe o constante diálogo com a realidade e são os participantes que detêm o protagonismo ao longo do processo. O envolvimento com o contexto possibilita ao sujeito experienciar o mundo do outro, assim como pressupõe a implicação e participação dos participantes. Com efeito, em Investigação-Ação Participativa, segundo Nunes (2010) ao agir “[...] reflexivamente sobre a realidade, para a sua transformação num determinado sentido e intencionalidade, resulta no crescimento interativo dos sujeitos singulares e dos coletivos que contextualizam essa interação”.

Reconhecendo-se que este método é ainda pouco utilizado, este não se baseia apenas na busca de conhecimento, mas também se enriquece na reflexão sobre a sua variedade de práticas. A investigação-Ação Participativa passa, então, por uma transformação nas práticas sociais, nos valores, nas atitudes individuais, na personalidade de cada um e na cultura. Valoriza-se a interação, o confronto de perspectivas, assim como o envolvimento/interação entre os participantes/atores (Schiefer, 2006). A participação e envolvimento no contexto, quer do investigador, como dos participantes permitem perceber as interações sociais e dinâmicas presentes, existindo uma relação entre as perspectivas dos participantes e do investigador.

Segundo Reason & Bradbury (2001:1) a Investigação-Ação Participativa refere-se a “um processo democrático, participativo, que diz respeito ao desenvolvimento do saber prático para propósitos humanos dignos, fundamentado numa visão do mundo participativa [...]” e acrescentam que “procura juntar a ação e a reflexão, a teoria e a prática, de forma participada, na procura de soluções para questões importantes para as pessoas, e, mais geralmente, para que as pessoas individuais e as suas comunidades possam florescer.”

Pelas suas características, este método possui um potencial transformador, na medida em que os participantes adquirem melhor consciência de si próprios, assumem responsabilidade nas suas decisões, há uma interdependência e cultura de partilha entre todos, o que aumenta as capacidades de reflexão e experimentação. A

autorrepresentação e lugar à participação alimenta a expressão pessoal e coletiva do sujeito. A liberdade de expressão das perspectivas pessoais possibilita ao indivíduo um autorreconhecimento como membro de uma sociedade, tendo em conta o potencial transformador da Investigação-Ação participativa, esta possibilita que ao longo do processo de investigação as relações sociais e as relações entre o sujeito e o contexto surjam e alcancem visibilidade. O seu objetivo não passa apenas por conhecer o mundo e as suas dinâmicas, mas principalmente pela mudança.

Segundo Ander-Egg (2003), a investigação-ação participativa pressupõe uma co-implicação no processo, por parte dos investigadores e dos participantes. Uma vez estabelecida esta relação, os resultados serão bastante enriquecedores para ambas as partes, pelo que existe uma contínua interligação entre as experiências dos participantes e a componente teórica que orienta os investigadores. Este trabalho conjunto leva a novas perspectivas que alimentam uma visão crítica da realidade e promovem a compreensão das mais variadas questões do ponto de vista dos elementos participantes. A participação dos diversos elementos representativos da comunidade possibilita uma análise mais profunda da realidade. Este método consiste numa forma democrática de partilha de conhecimentos e formas de agir. Ainda nesta lógica, procura dar resposta às necessidades dos sujeitos participantes e melhorar a qualidade de vida de todos os envolvidos.

Em suma, a Investigação- Ação Participativa distingue-se como um método de investigação social em que a participação da comunidade é fundamental, também como um processo educativo e, ainda, como um meio de promover o desenvolvimento (Hall, 1979).

### **2.3.2 Os retratos como instrumento metodológico**

As experiências dos participantes são o elemento central ao longo do projeto, então procurámos desenvolver o processo com base no instrumento metodológico dos Retratos, de Sara Lawrence-Lightfoot, que o

define da seguinte forma: “portraiture is a method of qualitative research that blurs the boundaries of aesthetics and empiricism in an effort to capture the complexity, dynamics and subtlety of human experience and organizational life”(Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:15).

Trata-se de um instrumento que procura perceber a complexidade e dinâmicas inerentes às experiências humanas, atribuindo-lhes significados. Assim, os Retratos dizem respeito à procura de perceber e de interpretar os fenômenos, as perspectivas dos participantes, assim como as suas vivências, através da gravação/documentação das suas vozes e visões, em momentos de partilha e diálogo com os investigadores. É ao longo deste processo que emergem elementos chave como a sabedoria, o conhecimento e autenticidade dos sujeitos: “the portraits are shaped through dialogue between the portraitist and the subject, each one participating in the drawing of the image. The encounter between the two is rich with meaning and resonance and is crucial to the success and authenticity of the rendered piece” (Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:3).

A construção do Retrato ajuda a quebrar barreiras, pois é feita tendo em conta o contexto social e cultural, em que a pessoa que faz o Retrato e o retratado estabelecem diálogo e constroem significados. Há um constante trabalho entre a empiria, ética e estética: “combine systematic, empirical description with aesthetic expression, blending art and science, humanistic sensibilities and scientific rigor” (Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:3).

A construção do Retrato implica assumir diferentes posições, dado que o trabalho em colaboração entre o investigador e os participantes possibilita o surgir de novos desafios e uma melhor adequação à essência de cada um dos sujeitos. A busca pela autenticidade é permanente, procurando interligar valores de verdade e rigor científico.

Capturar a riqueza e a complexidade das experiências sociais e culturais, e desta forma interpretar as perspectivas dos participantes, é o intuito fundamental dos Retratos. Este processo implica uma especial atenção aos detalhes e uma escuta cuidadosa, de forma a ir além de uma imagem superficial da pessoa. Não se toma o sujeito como objeto, mas sim

como elemento recetivo e participativo, e portanto, importa determo-nos em sentimentos, perspectivas e experiências próprias. É fundamental que a pessoa retratada sinta que é “vista”, que se sinta reconhecida, respeitada e apreciada, e que encare o processo como uma descoberta de si própria.

Outro elemento relevante diz respeito ao permanente paradoxo de procurar um momento no tempo e a intemporalidade, ou seja, identificar um momento que assumiu um significado determinante numa altura da vida do sujeito, mas que permanece ao longo do tempo, não perde o seu significado podendo adequar-se a outros momentos da sua vida. Deste modo, importa enfatizar os aspetos positivos de forma a que esteja sempre presente a expressão de bondade. Assim, importa questionarmo-nos sobre esses aspetos e procurar centrar a neles a nossa análise, em detrimento de nos centrarmos no fracasso. Sendo este processo fortemente aproximado do sujeito, na partilha de experiências e perspectivas poderão surgir fraquezas ou uma certa vulnerabilidade.

Segundo Sara Lawrence-Lightfoot & Davis (1997), na construção do Retrato existe uma procura de dar atenção às dimensões de bondade, assim como tem como intuito chamar a atenção de um maior número de pessoas.

E ainda, detendo-nos nas palavras de O'Brien (1999:4) “*portraiture works from the powerful effects of the artist on the portrait, even on a photographic portrait, and does not try to hide behind a screen of objectivity*”. O processo de construção dos retratos pressupõe a procura pela subjetividade, pelos significados e interpretações do sujeito de uma dada realidade, ao determo-nos na objetividade apenas obteríamos uma imagem superficial da pessoa retratada, seria como tirar apenas uma fotografia, sem procurar conhecer o indivíduo de forma mais aprofundada.

A construção dos Retratos é muito complexa e envolve uma grande proximidade dos sujeitos participantes, porque entramos na vida da pessoa, estabelecemos com ela relações, o que implica uma grande responsabilidade moral. Desenvolver uma narrativa autêntica requer cuidado, detalhe na descrição que se desenvolve com base na observação,

escuta e interação com os atores: “the portraitist seeks to document and illuminate the complexity and detail of a unique experience or place, hoping that the audience will see themselves reflected in it, trusting that the readers will feel identified” (Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:14).

É no desenvolver deste trabalho detalhado que se identificam temas emergentes: “so the portraitist is active in selecting the themes that will be used to tell the story, strategic in deciding on points of focus and emphasis, and creative in defining the sequence and rhythm of the narrative” (Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:12). Este é o primeiro esforço de tentar interpretar os dados, procurando dar-lhes significado e inserindo-os como elementos preponderantes no Retrato.

O Retrato assume como central o eu da pessoa retratada, procura dar a conhecer a história da pessoa, colocando o foco na sua personalidade e perspectivas pessoais: “Portraitists listen for a story” (Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:13). Assim, “[...] the self of the portraitist emerges as an instrument of inquiry, an eye on perspective – taking, an ear that discerns nuances, and a voice that speaks and offers insights” (Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:13). A personalidade do participante, o seu próprio eu permite ao investigador obter perspectivas mais pessoais, procurando colocar-se numa posição que lhe permita compreender as conceções da pessoa retratada. Na procura de criar significados, são descritos os detalhes da ação, o que o participante faz, como se comporta. Neste sentido, importa que o investigador assuma o papel de um estranho que procura pela novidade, que persiste de forma a obter um conhecimento mais aprofundado.

No caso específico deste projeto, na análise dos Retratos definimos 5 dimensões que foram relevantes ao longo do processo: o contexto, a voz, a relação, os temas emergentes e o todo na sua componente estética.

### **O Contexto**

O contexto é um elemento fundamental na interpretação das ações dos sujeitos e das suas perspectivas. Com efeito, “context becomes the framework, the reference point, the map, the ecological sphere; it is used to place people and action in time and space and as a resource for understanding what they say and do”



(Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:41). Neste sentido, na construção dos Retratos com os participantes, procurámos estar nos seus ambientes naturais, ou seja, onde se sentissem confortáveis e se identificassem. Contudo, o trabalho em contexto também implica conceder alguma atenção a possíveis surpresas, situações imprevisíveis, ou inconsistências, pelo que é necessário, da parte do investigador, a capacidade de adaptação às condições do contexto e de lidar com o imprevisto.

Ao longo dos momentos de interação com os participantes, estes foram estabelecendo relação com alguns contextos importantes na sua vida, o que desempenhou um papel crucial na documentação e análise dos dados. Através do contexto foi-nos permitido perceber melhor as suas experiências, os significados por eles construídos, as suas visões e formas de agir. Tivemos sempre presente que “working in the natural environment, the portraitist scrutinizes the connections (and disconnections) between the theoretical predispositions and the actors’ realities, seeking to accommodate the former to the latter, monitoring the growing convergence between scientific abstractions and the actors’ empirical categories.” (Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:59).

O nosso próprio envolvimento no contexto possibilitou-nos perceber algumas das relações que os participantes estabelecem com os outros e os sentimentos que daí advêm. Importa ainda referir que “[...] the context is not static and that the actors are not only shaped by the context, but that they also give it shape” (Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:57). Assim sendo, é fundamental que o leitor, ao ter contacto com os Retratos, sinta como se estivesse no contexto.

### **A Voz**

A voz do investigador está presente ao longo de todo o processo, constituindo um elemento essencial, embora a voz dos participantes continue a ser o principal foco. Segundo Sara Lawrence-Lightfoot & Davis (1997:85), a voz do investigador é onnipresente, pois encontra-se nas preocupações, nas questões colocadas, nos dados recolhidos, na escolha de histórias que documenta, funcionando como um eco de si própria.

Ao longo do projeto, a voz dos participantes foi essencial, na medida em que procurámos dar-lhes oportunidade de partilhar as suas experiências, sentimentos e formas de ver o mundo. Assim, nestes momentos de diálogo, procurámos que a voz do investigador não ofuscasse a voz do participante, mas permitisse a sua emergência: “the portraitist renders a self-portrait that reveals her soul but she also produces a selfless, systematic examination of the actor’s images and perspectives” (Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:86).

As sessões com os participantes possibilitaram colocar-nos em diferentes perspetivas, obtendo uma perceção dos dados que os envolvidos poderão não ter.

Por um lado, assumindo a voz dos participantes numa lógica um pouco afastada da ação, ou seja, como investigadores, por vezes colocamos-nos numa posição mais distanciada, o que nos possibilita ter uma noção da ação e do contexto no seu todo. Este distanciamento permitiu-nos notar elementos que para os envolvidos poderão não ser tão perceptíveis. Como refere Sara Lawrence-Lightfoot & Davis (1997:87) “the researcher’s stance as discerning observer, as sufficiently distanced from the action to be able to see the whole, as far enough away to depict patterns that actors in the setting might not notice because of their involvement in the scene”.

Ao assumir esta posição, digamos não-participativa, em determinadas situações, o nosso intuito era o de influenciar o mínimo possível o comportamento dos participantes. Desta forma, existiram momentos em que apenas escutámos o sujeito, sem intervir, de forma a deixá-lo o mais confortável e liberto possível para partilhar os seus sentimentos e emoções.

“We see the portraitist standing on the edge of the scene- a boundary sitter-scanning the action, systematically gathering the details of behavior, expression, and talk, remaining open and receptive to all stimuli” (Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:87).

Por outro lado, a voz é ainda vinculada no papel interpretativo do investigador, dado que, ao longo do projeto, não assumimos apenas a

posição de observadores, mas procurámos interpretar os dados e dar-lhes significado.

Esta tarefa é complexa, na medida em que, quando vamos para o terreno, transportamos concepções sobre a realidade, sobre o contexto, os envolvidos, os interesses, entre outros. Assim, tendo consciência de que estas assunções influenciam a forma como o investigador interpreta os dados, tentámos não perder de vista a nossa intenção fundamental, ou seja, dar expressão à voz dos participantes: “the portraitist’s voice as preoccupation refers to the ways in which her observations and her text are shaped by the assumptions she brings to the inquiry” (Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:93).

E, por fim, a voz nos retratos é o reflexo da história de vida da pessoa retratada. As suas perspetivas e visões são formadas no desenvolvimento autobiográfico das suas experiências. Os conhecimentos adquiridos nas vivências do investigador são uma fonte para a compreensão e interpretação da relação dos atores com o contexto, contudo é importante que não se sobreponham à realidade/contexto em análise. É fundamental manter o foco nos atores, através da observação, escuta e diálogo com as pessoas.

Todo nós temos as nossas experiências, as nossas visões sobre o mundo e importa que procuremos manter o balanço entre as nossas próprias concepções e o reportar da experiência de outra pessoa. Identificar pontos de interesse comuns entre o investigador e os atores poderá funcionar como um ponto de partida para melhor conhecer os participantes. A voz do investigador e do ator estão em constante diálogo.

### **A Relação**

Consideramos a relação entre o investigador e os atores como um elemento essencial: “portraits are constructed, shaped, and drawn through the development of relationships” (Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:135). Na construção do retrato importa que se estabeleçam relações que possibilitam desenvolver a confiança entre os elementos, construir

conhecimento ou desenvolver laços de maior intimidade que se desenvolvem ao longo do tempo, porque as relações são dinâmicas e nunca estáticas.

O contacto com os participantes neste projeto e o desenvolvimento de ligações de maior proximidade possibilitaram alcançar uma visão mais aprofundada da forma como estes vêem a realidade. Segundo a visão tradicional da investigação qualitativa, as relações estabelecidas deverão ser claras e formais. Contudo, segundo Sara Lawrence Lightfoot & Davis (1997) importa que a relação estabelecida entre o investigador e os atores seja dinâmica, recíproca e fluída. A qualidade dessas relações estabelecidas contribui para a construção dos Retratos, na medida em que possibilita uma maior aproximação aos indivíduos, e, conseqüentemente, uma visão mais aprofundada das suas perspetivas. Estas relações funcionam como um quebrar de barreiras: “we see relationships as more than vehicles for data gathering, more than points of access. We see them as central to the empirical, ethical, and humanistic dimensions of the research design, as evolving and changing processes of human encounter” (Lawrence-Lightfoot & Davis, 1997:138).

Na construção dos Retratos procuramos, ainda, por elementos de bondade. O intuito deste processo não passa por nos centrarmos nas vulnerabilidades dos nossos participantes, mas sim nas suas potencialidade e forças, enaltecendo-as. Convém esclarecer que procurar pela bondade não implica que tornemos qualquer experiência positiva, quando o não é, ou que olhemos apenas para os aspetos bons das vidas dos participantes, mas buscamos, sim, um afastamento da visão mais tradicional da ciência social em que se procuram soluções ou a cura para uma patologia.

Esta procura da bondade pressupõe que, enquanto investigadores, estabeleçamos uma relação de empatia com os participantes. É com base nesta relação que nos tornamos capazes de, mais facilmente, nos colocarmos no lugar dos participantes e imaginar como seria ver o mundo através dos olhos do participante. O investigador busca por “put himself in

the actor's place and witness his perspectives, his ideas, his emotions, his fears, his pain" (Lawrence-Lightfoot, 1997: 146).

Outro elemento importante ao estabelecer relações, no processo de construção dos Retratos, passa pela reciprocidade e definição de limites: "it is the portraitist's responsibility to define the boundaries and protect the vulnerability and exposure of the actor" (Lawrence-Lightfoot & Davis 1997: 152). Estes limites poderão ser internos ou externos. No que respeita aos limites internos, estes relacionam-se com a procura de manter o equilíbrio entre a intimidade e a distância; quanto aos limites externos, estão associados ao tempo, pela dificuldade, por vezes, em encontrar horas comuns para agendar um encontro com os participantes, as estruturas, que nem sempre possuem as melhores condições e dificultam que o participante se sinta confortável, compromisso e responsabilidade, ao assumir o compromisso de participar neste projeto importa ser-lhe fiel e responsável até ao fim, que por parte do investigador, quer por parte da pessoa retratada.

### **Temas Emergentes**

Um elemento extremamente relevante na construção dos Retratos diz respeito ao desenvolvimento dos temas emergentes, que simboliza o primeiro esforço do investigador no sentido de analisar e interpretar os dados. Ao longo das conversas com os participantes, pudemos ir selecionando alguns temas que consideramos centrais nas suas histórias.

A definição de temas emergentes implica a construção de categorias de análise ou quadros temáticos como forma de apoiar a construção da narrativa: "the portraitist draws out the refrains and patterns and creates a thematic Framework for the construction of the narrative. She gathers, organizes, and scrutinizes the data, searching for convergent threads, illuminating metaphors, and overarching symbols, and often constructing a coherence out of themes that the actors might experience as unrelated or incoherent" (Lawrence-Lightfoot & Davis 1997: 185).

Alguns temas foram mais focados que outros, contudo na construção dos Retratos procurámos consultar os participantes para que apontassem os elementos que seriam importantes para eles nos retratos. Ainda na base da seleção das temáticas centrais estiveram os conhecimentos académicos e pessoais da investigadora e os principais objetivos do projeto.

### **O Retrato como um todo estético**

Após a seleção dos temas emergentes, procedemos ao passo seguinte, a construção do Retrato, como um todo estético. Como afirma Sara Lawrence-Lightfoot & Davis (1997), os Retratos procuram combinar a arte e a ciência. Com base nos dados recolhidos, procurámos identificar elementos representativos das histórias narradas, de maneira a formar um todo que captasse e espelhasse a essência dos participantes. Neste sentido, o resultado final pretendia ser, não apenas a reunião de vários pontos de análise, mas sim algo que valorizasse e deixasse transparecer a história de cada um dos participantes.

Assim, dedicámos especial atenção a momentos, fotografias, objetos com significado especial para os participantes e que pudessem fazer parte do Retrato, de forma a torná-lo ainda mais pessoal e autêntico. Para os três participantes optamos por fazer uma apresentação no programa Prezi<sup>6</sup> constituídos por esses elementos pessoais. Tornar os retratos acessíveis para um maior número de pessoas foi, também, um dos nossos objetivos na sua construção. Com base no “Universal Design”<sup>7</sup>, que pretende funcionar como um apoio no reconhecimento da diversidade dos indivíduos, representa uma mudança nos ambientes físicos, mas também nas conceções do sujeitos sobre a acessibilidade, em particular na educação, na qual pretende funcionar como um apoio aos professores na construção das suas práticas educativas. Procurámos construir os

---

<sup>6</sup> Software utilizado para apresentações mais dinâmicas e interativas que procuram captar a atenção dos espetadores, poderá substituir o mais comum Powerpoint.

<sup>7</sup> <http://www.cast.org/udl/index.html>

Retratos de forma a serem acessíveis ao máximo de pessoas possível, quer ao nível da linguagem, da leitura e/ou visualização.

### **2.3.3. Outras ferramentas metodológicas**

#### **Notas de Terreno**

Ao ir para o terreno, o investigador já transporta consigo algum conhecimento obtido através de leituras. O conhecimento teórico é um elemento fundamental para melhor compreender e desenvolver o processo. Quando entramos em contacto com o terreno, procuramos estratégias e formas de ação e relação com os outros. Torna-se importante conseguir a confiança dos participantes e ganhar um lugar entre eles.

Neste sentido, a observação participante é um elemento crucial porque passa pela interação entre o investigador e os atores. A adoção desta posição por parte do investigador possibilita-lhe aceder ao ponto de vista dos atores, em que o próprio investigador é um ator social.

Ao longo deste processo, importa que se procure anotar detalhes relevantes da observação ou atividades realizadas, procede-se à descrição da ação e procura-se refletir sobre a mesma. Assim, na construção dos Retratos optámos pelo uso de notas de terreno, na medida em que estas assumem dupla função: descritiva e reflexiva. Recorremos a esta ferramenta como forma de descrever as sessões com os participantes de forma mais detalhada, ou seja, registar interações, diálogos ou contextos. Contudo, não nos detemos apenas na descrição, procurámos refletir sobre a ação tendo por base pressupostos teóricos e metodológicos, e ainda transparecer os sentimentos, impressões ou visões convocados no investigador ao longo do processo.

As notas de Terreno poderão ser encontradas em anexo, neste documento.

#### **Conversas Informais**

Os momentos informais com os participantes foram também importantes ao longo do processo, pois através destes foi-nos possível

apreender alguns elementos interessantes na construção do retrato. Quer em encontros casuais na universidade ou no agendar das sessões, foi-nos possível entrar em contacto com algumas das suas rotinas, com a forma como organizam o seu quotidiano, as suas prioridades ou preocupações. Por vezes, os participantes, sabendo que iam estar envolvidos no projeto e seriam centrais no seu desenvolvimento, sentiam-se um pouco retraídos com esse facto, e, nesse sentido optávamos por ter conversas informais sobre situações quotidianas ou interesses em comum, como forma de deixar os participantes mais confortáveis e libertos para conversar connosco.

As notas de Terreno das conversas informais poderão ser encontradas em anexo, neste documento.

## **2.4. Descrição do processo de construção dos Retratos**

Começámos a reunir com os participantes em Março de 2013. Ao longo do processo de construção dos Retratos realizámos três sessões presenciais com cada um dos participantes, com duração de entre meia hora a uma hora. No decorrer do processo e devido à incompatibilidade de horários, optámos por propor via e-mail, a realização de uma atividade que nos permitisse recolher mais alguns detalhes sobre os participantes. (as Notas de Terreno desta atividade poderão ser encontrada nos anexos de I a III). As sessões presenciais foram sempre gravadas de forma a facilitar a recolha e análise dos dados abordados pelos participantes. Nestes momentos optámos por não usar guião, ou seja, deixar o diálogo aberto, de forma a que os participantes falassem sobre as questões que se sentissem mais confortáveis ou consideravam mais relevantes. Apenas em alguns momentos delineámos determinados temas que desejaríamos trabalhar ou detalhes que queríamos explorar de sessões anteriores.

No desenvolver do projeto e após algumas sessões com os participantes, considerámos que seria interessante reunir os três numa



sessão em que se pudesse discutir algumas questões relacionadas com a deficiência e inclusão, assim como conhecer as suas experiências na primeira pessoa.

Neste sentido, decidimos realizar uma sessão de debate e partilha de perspetivas, entre os participantes do projeto, docentes e alunos do Mestrado em Ciências da Educação e a investigadora. Esta sessão intitulada Tertúlia: *Perspetivas sobre a Deficiência* foi realizada no dia 1 de outubro de 2013. A sessão foi composta por dois momentos principais: a visualização do primeiro episódio da série americana *Touch* e debate sobre a mesma; e num segundo momento, pela apresentação dos Retratos de cada um dos participantes e partilha de experiências.

Ao longo do processo procurámos manter sempre proximidade com os participantes, mesmo que não fosse possível encontrar-nos pessoalmente, trocámos e-mail ou mensagens de texto, de forma a manter a proximidade com os mesmos, não permitindo a possível existência de quebras nas ligações estabelecidas.

## **Capítulo 3 – Apresentação e Análise dos Retratos**

---

Neste capítulo procedemos à descrição da construção dos Retratos e exploração dos temas emergentes. Os Retratos na sua totalidade poderão ser encontrados nos anexos deste documento<sup>8</sup>, eles seguem uma estrutura semelhante porque recorremos a apresentações no programa Prezi, onde inserimos elementos referentes a cada um dos participantes, como fotografias ou músicas.

### 3.1. Ana Sofia



#### 3.1.1. A construção do Retrato

A Ana Sofia foi a primeira das nossas participantes, o nosso primeiro contacto foi ainda durante o estágio realizado na Bélgica. A nossa participante pretendia fazer Erasmus e o seu destino de eleição era a Bélgica, então procurou saber um pouco mais sobre o país e as experiências lá vividas. Inicialmente, a Ana Sofia deu logo a conhecer que tinha uma deficiência visual e gostaria de saber que apoios poderia usufruir num país diferente, procurámos esclarecê-la o melhor possível e dar-lhe todo o apoio que necessitasse. Contudo, acabou por não ser possível para Ana Sofia realizar o programa Erasmus na Bélgica.

Após este primeiro contacto com a Ana Sofia, pensámos que a sua participação poderia ser uma mais valia para o nosso projeto, neste sentido agendámos um encontro com a nossa participante de forma a

---

<sup>8</sup> Transcrições: anexo I a IV. Retratos: anexo V a VII.

perceber se estaria disposta a participar. A Ana Sofia disponibilizou-se desde logo a fazer parte do nosso projeto.

Ao agendar as sessões com a Ana Sofia deixámos sempre ao seu critério a escolha do sítio, na medida em que pretendíamos perceber os locais da universidade nos quais se sentia mais confortável e de que mais gostava. No desenvolver do projeto, mantivemos sempre contacto com a nossa participante, quer via e-mail quer por telefone, e a Ana Sofia ia-nos dando a conhecer algumas atividades de interesse realizadas na universidade referentes à temática da deficiência. O interesse e empenho em contribuir para o nosso projeto foi sempre notório na Ana Sofia, que procurou perceber o desenvolver do processo e como pensávamos chegar ao “produto final”. O Retrato da Ana Sofia foi constituído por elementos que espelham a sua personalidade e colocámos ainda como som de fundo a música que ela mesma nos enviou: Sarah Brightman & José Carreras – Amigos para sempre.

### **3.1.2. A personalidade da Ana Sofia**

Desde logo percebemos que a Ana Sofia gosta muito de conversar e expõe abertamente os seus pontos de vista. Ao longo das sessões com a Ana Sofia, pudemos identificar algumas das suas características fortes que se tornaram aspetos decisivos nas suas vivências quotidianas. Foi a própria participante que falou sobre as suas limitações e a forma como, à medida do seu crescimento, foi lidando com a deficiência visual. Um elemento de destaque na personalidade da Ana Sofia respeita ao seu autoconhecimento e perceção como alguém com potencialidades e capacidades. A pessoa com deficiência, frequentemente, experiencia situações que a levam a sentir-se incapaz ou dependente dos outros e, é um passo fundamental, que o próprio sujeito conheça as suas potencialidades assim como as suas capacidades de levar uma vida o mais autónoma possível.

Destacamos também a determinação da Ana Sofia para superar as suas limitações. De facto, mesmo com os obstáculos que teve que

ultrapassar ao longo da sua vida, manteve-se sempre confiante e com esperança no seu futuro.

*“Eu defino-me como uma pessoa muito corajosa, muito lutadora...”* (Anexo I: Transcrição IV)

A Ana Sofia partilhou algumas experiências em que estas suas características foram determinantes, como a questão de ser sinalizada como uma criança com défice cognitivo, quando frequentava o ensino básico, ou, já na universidade, quando não conseguia ser bem sucedida em algumas unidades curriculares, aspetos que desenvolvemos posteriormente na apresentação do seu retrato.

Além de uma pessoa persistente, determinada, dedicada e divertida, a Ana Sofia apresenta-se como alguém que procura ser o mais autónoma possível.

*“Eu prefiro ter a minha autonomia, prefiro ter a minha vida...”* (Anexo I: Transcrição II)

Através dos momentos que passámos com a nossa participante, podemos perceber que esta aprecia muito o convívio com os seus colegas, gosta de conhecer novos locais e novas culturas. Confessou-nos, ainda, o seu gosto por cantar e dançar; apesar de não ter tempo para fazer parte da Tuna Feminina da universidade, ainda canta ocasionalmente numa escola diocesana de música sacra, momentos onde aproveita para fazer algo que gosta bastante.

### **3.1.3. O papel da Família**

Por diversas vezes, a Ana Sofia fez referência à sua família e à Casa de Irmãs (IPSS) em que cresceu. Apesar de ter abandonado a IPSS mantém o contacto com as irmãs, onde frequentemente passa as suas férias ou fins de semana. Notámos que a Ana Sofia mantém uma relação

com os pais, contudo não muito próxima. Foi perceptível o carinho e admiração pelas pessoas que a apoiaram na IPSS, em que ela própria vinca o quanto se sente agradecida por isso.

*“Sempre apostaram em mim, elas nunca duvidaram das minhas capacidades e elas sabem que tenho muito potencial...” (Anexo I:Transcrição I)*

Quanto à sua família, notámos que a Ana Sofia já falava de uma forma diferente e um pouco mais fria e distante.

*“Não sinto assim tanta necessidade de estar próxima deles, de viver lá e acho que é uma forma de nós evitarmos de não ter tantos conflitos com as pessoas...” (Anexo I: Transcrição II)*

A relação com a família não foi abordada de forma muito clara o que nos levou a ficar com algumas dúvidas sobre a proximidade e qualidade da relação, contudo notámos que este era um tema que não lhe agradava muito falar, nem se sentia muito confortável ao abordá-lo. Destacámos a Casa das Irmãs, porque foi algo que a nossa participante fez sempre questão de frisar como apoio fundamental ao longo da sua vida.

Quando conversámos com a Ana Sofia sobre os momentos mais marcantes da sua vida, novamente ela referiu a IPSS, relatou-nos a situação em que optou por ficar na Casa das Irmãs em vez de ir viver com os pais. Esta foi uma decisão que ela própria tomou ainda em tenra idade, com cerca de 6 anos. A Ana Sofia destaca as Irmãs pelo apoio constante e crença nas suas capacidades.

*“Apesar da minha família não apostar tanto em mim, eu percebi que tinha outras pessoas, que apostavam em mim, nas minhas potencialidades, não há assim um dia que marque diretamente isso, mas foi algo que me marcou bastante ao longo da minha vida o ter, o ter as Irmãs, o ter um bom suporte que apostasse em mim nas minhas capacidades e que não me pusesse de lado.” (Anexo I: Transcrição IV)*

A Tertúlia: *Perspetivas sobre a Deficiência* foi outro momento em que a Ana Sofia falou sobre o apoio fundamental das irmãs da IPSS ao longo de todo o seu percurso educativo, que sempre a levaram a acreditar nas suas capacidades e potencialidades.

*“Sempre que vou à Guarda, fico com a Instituição e às vezes vou lá passar fins de semana, passo lá algumas partes das minhas férias. Também devo muito às Irmãs, devo muito à casa, também o facto de eu estar aqui neste...na universidade mostra que também sempre apostaram em mim, elas nunca duvidaram das minhas capacidades e elas sabem que eu tenho muito potencial e sempre acreditaram e também sempre foram...foi sobretudo graças a elas que eu aqui estou.”* (Anexo I: Transcrição I)

#### **3.1.4. A Universidade como uma oportunidade**

##### **Superar obstáculos iniciais**

Antes de conhecer com algum detalhe a experiência da Ana Sofia na Universidade, procurámos perceber o seu percurso desde que entrou para a escola até ao momento. Neste sentido, optámos por propor à nossa participante falar-nos um pouco da sua experiência quando entrou para o ensino básico e as suas vivências nos anos seguintes, de maneira a compreender um pouco as concepções e visões da Ana Sofia no presente.

Por diversas vezes, a Ana Sofia fez referência à altura em que os professores do ensino básico a sinalizaram como uma criança com um défice cognitivo. Esta foi uma situação muito marcante para si, porque os professores não sabiam lidar com as limitações da Ana Sofia.

*“Assim mais marcante foi mesmo a primária, que os meus professores não sabiam como lidar comigo...”* (Anexo I: Transcrição I)

A nossa participante confessa que sentia dificuldades em acompanhar a turma e sentia que os professores não estavam preparados

para lidar com a deficiência visual. Essa falta de preparação e acompanhamento insuficiente levaram a que a Ana Sofia fosse ficando atrasada por não conseguir acompanhar o ritmo de aprendizagem dos outros.

*“Mas os professores também não tinham muita preparação, os meus primeiros professores não tinham mesmo preparação basicamente nenhuma para me ajudar.”* (Anexo I:Transcrição I)

Tendo por base a ideia de que a Ana Sofia tinha um déficit cognitivo, os professores colocaram-na num apoio individualizado, em que ela própria afirma que fazia tarefas muito básicas que não alimentavam o desenvolvimento das suas capacidades.

Só mais tarde os professores reconhecem as capacidades da Ana Sofia, isso deveu-se à mudança no tipo de acompanhamento que tinha, que passou a ser mais adaptado as suas especificidades. Desde logo, a Ana começou a mostrar alguma evolução e melhoria nas suas notas e é graças a isso que consegue afastar a ideia de que tinha um déficit cognitivo. Nas aulas conseguia captar tudo através da audição e respondia às questões dos professores.

*“Captava tudo pela audição.”* (Anexo I: Transcrição I)

*“ Eu respondia a tudo.”* (Anexo I:Transcrição I)

Ao ser sinalizada com déficit cognitivo, isso também teve influência na relação com os colegas, na medida em que passava muito tempo no apoio e frequentava muitas atividades que eram realizadas fora da turma, ou seja, a Ana Sofia não se sentia muito integrada.

*“Era um bocadinho frustrante eu estar, por exemplo, ali numa sala de aula e não conseguia aprender as coisas porque não acreditavam nas minhas*



*capacidades ou pura e simplesmente pelo facto de não ver.” (Anexo I: Transcrição I)*

Apesar destes obstáculos iniciais, a Ana Sofia mostrou que era capaz e que a sua deficiência visual não implicava qualquer problema ao nível da cognição. Com base nesta experiência podemos perceber a dificuldade que a sociedade tem em lidar com a questão de deficiência e acaba por rotular os sujeitos como menos capazes, sem procurar perceber as suas necessidades ou as suas capacidades. A Ana Sofia lutou por mudar a situação e mostrou que era capaz de ser bem sucedida tal como os outros, apenas com algum acompanhamento ou adaptações necessárias.

Aquando da entrada no 2º Ciclo, na escola já tinham conhecimento do seu processo e dos ajustamentos necessários às suas necessidades. A Ana Sofia já sentiu outro género de acompanhamento e sentia-se capaz de acompanhar o ritmo da turma. Apesar de manter uma boa relação com os colegas, sentia que existia ainda algum preconceito.

*“É claro que há sempre aqueles colegas assim mais mauzinhos que gozam e isso.” (Anexo I: Transcrição I)*

À medida que avançou nos níveis de ensino, a Ana Sofia teve um acompanhamento mais ajustado às suas necessidades, ela própria conversava com os professores quando sentia alguma dificuldade e frequentemente eram realizadas reuniões entre professores, encarregados de educação e diretor de turma para discutir a sua situação. Tendo em conta a sua limitação, ao longo do seu percurso tinha mais tempo para fazer os testes e era ainda acompanhada por uma professora que lhe lia a prova.

### **Em busca da Autonomia**

Desde cedo, a Ana Sofia teve o desejo de ingressar no ensino superior, objetivo pelo qual sempre lutou.

*“Quero ter um curso superior, quero ter um curso superior. Sempre disse isto, desde que me lembro e para mim era muito triste quando eu estava sinalizada como uma criança com défice cognitivo e ter aquela aspiração de vir para o ensino superior...”* (Anexo I: Transcrição I)

Decidiu ingressar no curso de Psicologia na Universidade de Aveiro, o qual considera ser a sua vocação.

*“Sinto que estou mesmo no curso certo...”* (Anexo I: Transcrição I)

A Ana Sofia destaca, desde logo, a forma como foi recebida pelos professores e outros membros da universidade, considera que estes estavam preparados para a receber e acreditavam nas suas capacidades.

*“Senti que os professores estavam preparados para lidar com a minha limitação...”* (Anexo I: Transcrição I)

*“Os professores do ensino superior no geral estão abertos a ter alunos com limitações...”* (Anexo I: Transcrição I)

No seu primeiro contacto com o contexto universitário, a Dra. Gracinda deu-lhe a conhecer a universidade e os materiais a que podia ter acesso e que poderiam ser uma mais valia ao longo do seu percurso.

Ao longo do curso, sentiu dificuldades em algumas unidades curriculares, nomeadamente Anatomia e Matemática, porque estas implicavam a análise de imagens, gráficos, conhecimento de fórmulas, o que para a Ana Sofia era muito complicado devido à sua deficiência visual. Ela relatou-nos toda a sua luta por lhe modificarem algumas unidades

curriculares, substituírem por outras que ela pudesse frequentar e que fossem mais acessíveis tendo em conta a sua limitação. Percebemos que este momento foi muito delicado para a Ana Sofia, dado que ela tentou ao máximo ser bem sucedida naquelas unidades curriculares e o esforço intenso levou-a, inclusivamente, a perder mais visão.

*“Foi mesmo muito complicado.”* (Anexo I: Transcrição I)

Nesta fase, destacamos a relação que a Ana Sofia estabelece com os colegas, em que sente que, por vezes, eles a colocam de parte.

*“Eu sinto que eles muitas vezes até pensam que eu tenho menos capacidades que eles...”* (Anexo I: Transcrição I)

Ao constituir os grupos, a Ana Sofia sente que é colocada de parte e que os colegas sentem a sua participação no grupo como uma eventual causa para o trabalho ficar prejudicado. Ela refere com alguma indignação que só quando se consegue inserir num grupo é que consegue mostrar aos outros membros aquilo de que é capaz.

*“Muitas vezes as pessoas ficam admiradas...”* (Anexo I: Transcrição I)

Apesar da Ana Sofia se mostrar sempre capaz e com potencialidades, continua a existir algum preconceito por parte dos seus colegas, que pensam que ela não será capaz de ser tão bem sucedida quanto eles. Podemos notar, nesta situação, que as pessoas com deficiência ainda são conotadas com os estereótipos de menos capazes ou dependentes dos outros. Contudo, a Ana Sofia considera que a universidade é inclusiva e coloca à disposição dos alunos todos os materiais necessários para a realização das suas tarefas.

*“Eu acho que a universidade é uma universidade inclusiva...”* (Anexo I: Transcrição I)

Durante as conversas que tivemos com a Ana Sofia, notámos alguma ansiedade em relação ao estágio, pelo receio de não ser capaz de aplicar na prática tudo o que tinha aprendido ao longo da licenciatura, contudo a confiança e determinação nunca abandonaram a nossa participante. Ela considera a formação uma mais valia e gosta de estar sempre a aprender, nesse sentido encara o estágio como uma forma de aprender com os erros e com a experiência, de forma, a um dia, já na sua vida profissional ser competente em tudo o que fizer.

*“Acho que é uma mais valia apostar na formação”.* (Anexo I: Transcrição I)

A universidade significa uma grande oportunidade para a Ana Sofia como forma de crescimento pessoal, conquista de autonomia e autorrealização. Gosta bastante da área da psicologia e percebemos que alguns dos seus objetivos profissionais passam por formação e promover hábitos de vida saudáveis ou fazer consultas de acompanhamento psicológico ou psicoterapêutico.

Outro aspeto que considerámos interessante diz respeito ao desejo da Ana Sofia em fazer voluntariado em África, através do grupo do qual faz parte, o Grupo de Voluntários de Teresa de Saldanha. Este desejo só reflete o seu espírito generoso, de entreaajuda e participativo.

A Ana Sofia aponta a entrada para a universidade como uma oportunidade de ser bem sucedida e de mostrar aos outros que é capaz.

*“O investimento também que é muito da minha parte, eu mostrar a mim mesma que consigo. Eu surpreender os outros pelas minhas vitórias.”* (Anexo I: Transcrição IV)

### 3.2. Isabel



#### 3.2.1. A construção do Retrato

Ao agendarmos as sessões com a Isabel, procurámos seguir o mesmo critério que com os outros participantes, deixar ao critério da Isabel a escolha do local para nos encontrarmos, de modo a perceber como se sentia nesse contexto e o que significava para si. Assim, a Isabel acabou por sugerir irmos para a sala onde trabalha habitualmente como um espaço em que podíamos estar e conversar sem qualquer problema.

Desde logo, sentimos que a presença do gravador nas sessões inibia um pouco a participante, então, algumas vezes, procurámos desenvolver o diálogo sem que este fosse gravado. Com o tempo, a Isabel foi conversando mais connosco e colocou um pouco a timidez de parte. Num dos momentos em que estivemos com a Isabel, ela partilhou connosco a sua mais recente experiência, viajou com colegas para Paris e Bruxelas, e falou-nos do quanto adorou conhecer novos países e novas culturas e confessou mesmo a vontade de viajar mais e conhecer melhor outros locais.

O trabalho conjunto com a participante sobre o retrato resultou num interessante e trabalho, em que procurámos dar a conhecer a experiência e perspetivas da Isabel. Para enriquecer o retrato da Isabel, propusemos-lhe enviar-nos algumas fotografias significativas e partilhar connosco a visão que ela possui sobre si própria.

### 3.2.2. Viver a deficiência

A Isabel tem Paralisia Cerebral. A primeira vez que contactámos pessoalmente com a Isabel ela começou por falar sobre o seu nascimento e o que aconteceu que a levou a ter as limitações que tem. Quando propusemos à Isabel escrever-nos sobre os sentimentos que a assaltam num dia regular na sua vida, foi-nos possível conhecer uma perspetiva interior da Isabel bastante interessante e particular.

Neste “Diário”, a Isabel começa por partilhar alguns receios que sente diariamente. Vive o receio de não se conseguir realizar profissionalmente.

*“Os meus receios prendem-se com o medo de ser discriminada por algum motivo, não ser aceite por exemplo num grupo ou num emprego devido às minhas limitações físicas e não valorizarem as minhas competências.” (Anexo II: Sessão III)*

Confessa que sente alguma revolta pelo facto de a sociedade ainda não saber lidar com a diferença e a permanência de injustiças perante as pessoas com deficiência. Contudo, a Isabel dá a conhecer outro lado de si, o de uma pessoa determinada e lutadora. A sua força de vontade é essencial para conseguir ultrapassar obstáculos e barreiras que lhe surgem no caminho e, deste modo, alcançar os seus objetivos e realizar os seus sonhos.

*“Se não fosse a força de vontade que vem dentro de mim para derrubar todas as barreiras, o apoio da família e acreditar que consigo, não teria chegado onde cheguei a nível académico.” (Anexo II: Sessão III)*

Para a Isabel, surgem oportunidades na vida que devemos aproveitar, e para si a Natação Adaptada e a entrada para a Universidade foram uma mais valia para desenvolver as suas aptidões académicas e sociais.

*“A vida está cheia de desafios que quando aproveitados transformam-se em oportunidades.” (Anexo II: Sessão III)*

A Isabel define-se como uma pessoa simpática e meiga, que luta por aquilo em que acredita, bastante sonhadora e que gosta de ajudar os outros. Ao longo das sessões com a Isabel, tivemos a oportunidade de perceber o quanto ela é dedicada ao que faz e a pessoa extremamente sensível que é.

No discurso da Isabel, é perceptível crítica à permanência de estereótipos na sociedade sobre a deficiência, assim como a discriminação. Essas atitudes influenciam a forma como as pessoas com deficiência se sentem diariamente, assim como a sua liberdade de escolha e decisão e, frequentemente, são levadas a sentirem-se incapazes ou dependentes dos outros. Todavia, é cada vez mais notória a luta pela mudança de mentalidades e reconhecimento das pessoas com deficiência como sujeitos capazes de viver uma vida com autonomia e qualidade.

### **3.2.3. A liberdade debaixo de água**

Só na segunda sessão com a Isabel ela nos deu a conhecer a sua experiência na Natação Adaptada, a qual praticou durante 11 anos mas teve que abandonar devido à dificuldade em conciliar os horários da universidade e os horários dos treinos. A Isabel chegou mesmo a ser atleta de alta competição, durante algum tempo, e destaca a adrenalina sentida antes das provas.

*“Toda a gente diz: pessoas com alguma incapacidade, que dentro de água, não há limitações dos movimentos. Sentias-te livre ao praticar essa modalidade.” (Anexo II: Transcrição II)*

Durante o tempo que praticou Natação Adaptada, a Isabel apreciava bastante o convívio com os colegas, mas o que destaca mesmo era a forma como a natação a fazia sentir-se livre, permitia-lhe desenvolver as suas

capacidades e experienciar as sensações da vitória, reconhecimento e valorização. A Isabel teve de optar entre a natação e a universidade, porém ainda hoje, sempre que pode, pratica ou assiste a algumas competições.

#### **3.2.4. Uma educadora diferente**

Com vista a conhecermos um pouco a experiência da Isabel, ela falou-nos um pouco sobre o seu percurso educativo desde a pré-escola até ao ensino superior. Apesar de termos a nossa atenção sobre a sua experiência na universidade, consideramos relevante conhecermos um pouco das vivências e aprendizagens da participante ao longo da sua vida e que contribuíram para a forma como olha a realidade hoje.

Neste sentido, podemos perceber que, desde muito nova, a Isabel foi acompanhada por uma professora de ensino especial e pelo Centro de Paralisia do Porto. Frequentou a escola regular e tinha apoio extra, porém esse apoio não era específico para ela, mas direcionado para alunos com qualquer tipo de dificuldade. Por conselho do Centro de Paralisia do Porto, quando entra no 2º Ciclo, deixa de ter aulas de apoio e tem apenas mais algum tempo para realizar as tarefas. Segundo a Isabel, teve um percurso escolar relativamente normal até à entrada no ensino secundário.

Quando transitou para o 10ºano, a Isabel tinha de escolher a área que queria seguir, contudo não lhe deram essa hipótese de escolha. O colégio que frequentava decidiu que o melhor para ela era ir para a área da informática.

*“No décimo ano tive que optar por uma área para a qual queria seguir, optei por científico-natural. Na altura era assim que se chamava, nesse ano tive um entrave... no 10ºano. A questão de como é que eu iria trabalhar no laboratório, tendo um pouco de movimentos involuntários, seria...não era impossível, mas era mais difícil para mim manipular os objetos do laboratório. E então o colégio decidiu que a melhor área para mim era informática.” (Anexo II: Transcrição I)*



É com base nesta situação descrita pela Isabel que notamos como a liberdade de escolha e decisão sobre a própria vida das pessoas com deficiência é condicionada. O colégio não teve em consideração os gostos e desejos futuros da Isabel e apenas lhe forçou um caminho que julgava ser mais fácil para ela seguir.

A área da informática não era o que a Isabel desejava para o seu futuro, contudo confrontaram-na com algumas penalizações caso resolvesse realmente seguir pela área de científico-natural. Tendo em conta que, desde muito nova, a Isabel tinha o sonho de ir para a universidade, a possibilidade de ser penalizada nas notas e prejudicar-lhe a média levou-a a sujeitar-se ao que lhe tinham proposto.

*“Mas quando tu és confrontada com a penalização nas notas, quando ouves um professor dizer que poderia haver...ser penalizada nas notas, se a média conta... para entrares na universidade tu acabas por optar pela sugestão deles e foi isso que eu fiz.”* (Anexo II: Transcrição I)

A Isabel acabou por frequentar esta área mas aquando do ingresso no ensino superior decidiu lutar pelos mais gostava para si. Ao candidatar-se para a universidade sentiu que havia um pouco de falta de informação quanto às condições para pessoas com alguma deficiência, desconhecia mesmo a existência de contingente especial. Então, a Isabel decidiu candidatar-se a Educação de Infância.

*“Quando entrei cá em Educação de Infância foi outro impacto, tal como no 10ºano.”* (Anexo II: Transcrição I)

Logo à sua entrada no curso, disseram-lhe que não era o curso mais indicado para a Isabel, contudo desta vez ela decidiu ser persistente e lutar por fazer o que mais gostava. Procurámos desde logo perceber os argumentos que estavam na base desta ideia quanto às capacidades da

Isabel. Ela mesma partilhou connosco com algum descontentamento o porquê.

*“Devido à minha dicção, devido a ser diferente, e pronto foi basicamente essas as razões que... o lidar com pais iria ser muito complicado, como as crianças...o educador é a figura que a criança tem e como eu tinha estas limitações a criança poderia começar a imitar estas limitações. Mas acho que isso não é verdade pronto.”* (Anexo II: Transcrição I)

Como investigadora, e do nosso ponto de vista, não existiu por parte da universidade vontade em proceder a algumas adaptações à situação da Isabel, optando desde logo por defender que não seria a área para ela. No entanto, apesar destes entraves, a Isabel frequentou a licenciatura em Educação de Infância até ao 4º ano.

Na altura em que se preparava para seguir para o estágio, a Isabel foi novamente confrontada com a questão da penalização nas notas. Ao ser avaliada segundo os parâmetros dos outros colegas, A Isabel sentia o receio de poder vir a sair penalizada, porém persistiu e deu início ao estágio, no qual foi bastante bem recebida.

*“Onde eu estive a estagiar fui muito bem recebida, tanto pelas crianças como pelos pais, mas o facto é que a sociedade de hoje, não está preparada minimamente para ter como educadora uma pessoa diferente, com certas limitações e iria ser uma constante batalha contra esse rotulo, que somos incapazes de fazer aquilo.”* (Anexo II: Transcrição I)

A própria Isabel reconheceu a dificuldade em lutar contra os estereótipos da sociedade, mas também teve em atenção que, devido à sua limitação, nem sempre poderia ser capaz de acompanhar o ritmo das crianças e dar-lhes o devido acompanhamento. Neste sentido, a Isabel procedeu à transferência para Educação Básica. É nesta altura que tem

conhecimento que iria abrir o Mestrado em Ciências da Educação na área da Educação Especial, o que era do seu especial interesse.

*“Uma área que eu sempre gostei de trabalhar porque acho que há muito a fazer na área da inclusão de alunos com necessidades especiais.” (Anexo II: Transcrição I)*

Assim, a Isabel acabou por estar na área que mais gostava e desenvolveu um software educativo, na área da Matemática, para crianças com necessidades especiais. Notámos o quanto a Isabel é dedicada ao que faz e como gosta da área, ela própria relata o seu trabalho com entusiasmo e orgulho. Um dos seus maiores desejos é de que um dia as crianças possam vir a ter acesso a esse software educativo, tendo assim a possibilidade de desenvolver as suas capacidades ao nível da Matemática.

Apesar de todas as barreiras que a Isabel teve de ultrapassar ao longo do seu percurso académico, ela realça a entrada para a universidade como um dos momentos mais marcantes da sua vida. A oportunidade de frequentar um curso superior possibilitou-lhe desenvolver as suas capacidades e desenvolver a sua relação com os outros.

*“A entrada na universidade também posso dizer que foi um marco importante porque de certa forma, foi uma nova etapa, porque senti mais ligação com as pessoas.” (Anexo II: Transcrição IV)*

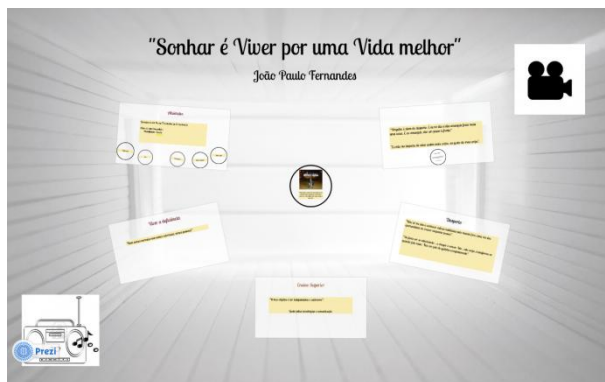
A Isabel refere a forma como a universidade de Aveiro procura adaptar as suas práticas aos alunos com necessidades especiais.

*“Acho que aqui veem as pessoas especiais como ditas normais. Não veem tanta diferença.” (Anexo II: Transcrição IV)*

Assim, a universidade é bastante importante para a Isabel porque representa uma grande oportunidade e lhe abre portas para um dia

trabalhar naquilo que mais gosta, trabalhar com crianças com necessidades especiais.

### **3.3. João Paulo**



#### **3.3.1. A construção do Retrato**

Apesar da agenda bastante preenchida do João, ele disponibilizou-se prontamente a participar no nosso projeto. Neste sentido, procurámos agendar alguns momentos em que pudéssemos conversar um pouco. Optámos por permanecer ao longo das sessões em espaços ao ar livre pela universidade, o João sentia-se confortável dessa forma e ambos sentimos que dava um clima de maior leveza às sessões. Desde logo, percebemos que o João tem uma mentalidade e forma de ver a realidade muito interessante que nos captava completamente a atenção quando falava. Esta sua forma de ser alimentava o desejo por conhecê-lo melhor e obter um conhecimento mais aprofundado sobre a forma como o João vê o mundo que o rodeia. Na construção do retrato do João incluímos fotografias e algumas ideias marcantes que partilhou connosco.

#### **3.3.2. A personalidade do João**

O João tem Paralisia Cerebral e quando o conhecemos, logo nos primeiros momentos de diálogo percebemos que estávamos na presença de alguém com uma forma de ver as coisas bastante complexa e interessante. O João partilhou connosco algumas perspectivas sobre os

variados contextos que fazem parte da sua vida e os significados que constrói sobre os mesmos.

O nosso participante apresentou-se como alguém um pouco fechado, exigente consigo mesmo, mas persistente e empenhado.

*“É assim, eu acho que sou uma pessoa que luta, que não baixa os braços à primeira, nem à primeira nem à segunda, nem à terceira...eu acho que só quebro mesmo quando vejo que estou encurralado [...]. Acho que sou uma pessoa persistente, persistente que se torna um bocadinho chata, confesso! Não, eu confesso! Confesso e tenho a noção que às vezes sou chato.”* (Anexo III: Transcrição IV)

Notámos que o João fala abertamente sobre si e se sente bem consigo mesmo.

*“Eu não me importa de estar assim neste corpo, eu gosto do meu corpo, sou como sou, tenho a minha personalidade, também às vezes sou rabugento. Gosto de ser como sou, mas obviamente que às vezes há sempre uma esperança, não é de caminhar ou de...mas há sempre um orgulho em conseguir objetivos.”* (Anexo III: Transcrição IV)

Outra característica de destaque do João é a sua dedicação a tudo que faz. Ele mesmo afirma que quando está na universidade, ou em relação ao desporto, se dedica inteiramente a isso e luta por ser bem sucedido.

*“Eu gosto de fazer aquilo que realmente estou a obter resultados”.* (Anexo III: Transcrição II)

Ao longo das sessões com o João percebemos o quanto luta por ser bem sucedido nos diversos contextos da sua vida e que não gosta de falhar em nada, chega mesmo a confessar que por vezes exige demais de si próprio e é um pouco perfeccionista. Esta persistência e luta do João

tem como intuito alcançar o seu principal objetivo, ser o mais autônomo possível.

*“O meu objetivo é ser independente e ser autônomo.”* (Anexo III: Transcrição I)

Ao longo do tempo, o João Paulo percebeu que ser uma pessoa tão fechada sobre si própria, que se dedicava somente ao desporto e à universidade, sem comunicar com os colegas, era algo que o prejudicava e então decidiu lutar para mudar isso.

*“Quero continuar a abrir-me, não quero ser o João Paulo fechado que era, porque eu não ganho, eu só perco.”* (Anexo III: Transcrição II)

Tivemos a oportunidade de perceber que o João procura sempre melhorar a sua forma de ser e procurar crescer e lutar pelos seus sonhos. Por diversas vezes, a palavra “força” foi dita por João e essa mesma palavra associamos à sua personalidade. O João deu-nos a conhecer uma pessoa bastante forte, que não desiste dos seus sonhos e, acima de tudo, que acredita nas suas potencialidades para concretizar esses mesmos sonhos.

*“Eu acredito que a força comanda a vida, e o sonho dá-me essa força. Tudo que faço na vida, tenho sempre o pés bem assentes na terra, e vivo no real mas o sonho é que me guia no meu caminho. Para mim os limites são obstáculos, ou seja só há limites se não tiver força para ultrapassar esses obstáculos!”* (Anexo III: Sessão III)

Frequentemente, o João recorria a exemplos bastante engraçados para nos fazer entender a sua linha de pensamento e achámos especialmente interessante e apreciávamos muito o seu bom humor ao longo das sessões. O próprio João reconhecia a complexidade do seu pensamento e

como poderia ser complicado compreendê-lo, porém este foi dos elementos em que mais detivemos a nossa atenção e que destacamos na construção do seu retrato.

### **3.3.3. O apoio da família**

Logo na primeira conversa que tivemos com o João, ele destacou o apoio fundamental da sua família ao longo da sua vida. Se o preconceito começa dentro da família, a pessoa com deficiência sente ainda mais dificuldades em ultrapassar as barreiras que lhe são colocadas na sociedade. Por diversas vezes, o João falou sobre a sua mãe e como se sentiria se não tivesse o seu apoio.

*“Quando eu começo a esmorecer, também tenho uma ajuda muito importante e fundamental que é a minha mãe.” (Anexo III: Transcrição IV)*

Desde sempre teve o apoio da sua mãe, que o acompanhou ao longo do seu percurso e fez com que o João sentisse que tinha sempre ali um porto de abrigo. Foi a própria mãe que o incentivou a ingressar no ensino superior.

### **3.3.4. O orgulho de ser Atleta**

Quando o João se disponibilizou a participar no nosso projeto ficámos logo a saber que era atleta de alta competição e a sua agenda era muito preenchida com os treinos. O desporto foi uma questão bastante abordada pelo João quando conversava connosco e identificámos este tema como central na sua vida.

O João entrou para a alta competição na altura em que frequentava o 10º ano.

*“A competição entrou-me por mero acaso na minha vida.” (Anexo III: Transcrição II)*

O desporto simboliza para o nosso participante uma das grandes oportunidades da sua vida.

*“Não só me deu a conhecer outras realidades pelo mundo fora como me deu oportunidade de crescer enquanto pessoa”. (Anexo III: Transcrição II)*

O João foi ganhando gosto pelo desporto e atualmente divide-se entre a competição e a universidade. Partilhou connosco momentos em que se sentiu um pouco perdido pela dificuldade de conciliar estes dois mundos, porque não queria desistir de nenhum deles. O desporto deu-lhe a conhecer novas realidades, novos países e culturas, mas principalmente levou-o a conquistas, momentos de valorização e crescimento pessoal.

Ele mesmo reconhece o seu potencial para o desporto e através das suas palavras podemos perceber o quanto significa para ele. Destaca a honra que é representar uma Delegação e subir ao pódio.

*“O boccia<sup>9</sup> automaticamente dá-me outra realidade e eu vejo coisas que nunca pensei que era possível ver, e ainda bem que hoje conheço e hoje orgulho-me em dizer.” (Anexo III: Transcrição IV)*

Quando o João fala do desporto, notamos o quanto se orgulha pelas suas vitórias e o que sente quando ganha alguma medalha.

*“De facto ser-se selecionado e ser...e chegar e vencer. Isto, este corpo, transforma-se quando falo nisso. Fica em pele de galinha completamente.” (Anexo III: Transcrição IV)*

---

<sup>9</sup> O boccia é a modalidade principal para pessoas portadoras de Paralisia Cerebral. É um desporto de precisão em que são arremessadas bolas (seis de couro azuis e seis vermelhas) e o objetivo passa por colocar as bolas o mais perto possível de uma bola branca (chamada de Jack). (<http://www.fpdd.org/pt/boccia>)



Apesar da pressão com os resultados e de depositarem muitas expectativas no sucesso do João, ele afirma sempre que é jogo a jogo, passo a passo, que procura alcançar a vitória final. Quando propusemos ao João enviar-nos uma frase, música ou fotografia com significado especial, ele enviou-nos uma fotografia em Londres.

*“Aquela foto representa o esforço de tudo aquilo que eu passei e passo, cada prova é uma luta e cada ano, cada objetivo até chegar ao fim é uma luta, e ainda por cima quando se tem mais que um objetivo ainda mais luta é.”* (Anexo III: Transcrição IV)

O João encara o desporto como uma forma de se superar a si próprio, de desenvolver as suas capacidades e fazer algo que gosta e o faz sentir realizado. O desporto dá-lhe confiança para ultrapassar os obstáculos diários e sair vitorioso na sua vida em geral, ele sente-se orgulhoso não apenas pelas suas conquistas no desporto, mas também nas suas conquistas diárias.

*“Orgulho é além do desporto. É eu no dia-a-dia conseguir fazer mais uma coisa. É eu conseguir, é eu conseguir, dar um passo à frente.”* (Anexo III: Transcrição IV)

Para o João, sair vitorioso no desporto representa uma recompensa por toda a sua luta, ele refere que é em cada conquista que ganha forças e garra para ultrapassar os desafios ao longo da sua vida. O João estabelece muito a ligação entre as vitórias no desporto e as vitórias diárias, o desporto dá-lhe confiança.

*“Pode ser esquisito. Pode ser esquisito, como é que é possível igualar uma medalha paraolímpica, para um dia à dia de vitória. Mas é, é importante. E é essas vitórias que depois se dá a outra vitória.”* (Anexo III: Transcrição IV)

### **3.3.5. O percurso acadêmico e o gosto pelas tecnologias**

Ao falar sobre o seu percurso educativo, o João relatou-nos algumas situações interessantes que viveu. Frequentou o ensino regular, em que apenas tinha aulas de apoio e o acompanhamento de uma professora de ensino especial. No relacionamento com os colegas, o João sentia que não havia preconceito e eram os próprios colegas que o incentivavam. Contudo, deu-nos a conhecer algumas situações em que se sentiu prejudicado devido à sua deficiência.

No ensino básico, organizaram um passeio à praia e não incluíram o João, que teve conhecimento dessa atividade através de um primo que frequentava a mesma turma.

*“E o meu espanto é que estavam a fazer todos às minhas escondidas!”* (Anexo III: Transcrição I)

Os professores não procuraram criar condições para que o João pudesse ir ao passeio e optaram por o colocar de parte. Nesta situação podemos reconhecer a dificuldade de alguns professores em lidar com a questão da deficiência nas suas turmas, optando por silenciar a situação em vez de pensar em possíveis soluções. Contudo, desde cedo, o João teve noção dos seus direitos e sempre reclamou o direito à igualdade perante os outros.

*“Olhe tenho o mesmo direito que os outros!”* (Anexo III: Transcrição I)

Mais tarde, o João viu-se forçado a reclamar os seus direitos, quando no 2º Ciclo, o seu professor de ensino especial insistia para que o João fizesse um ano em dois.

*“Ele queria que eu fizesse em dois anos um ano.”* (Anexo III: Transcrição I)

O João recusou esta opção e lutou por mostrar que era capaz de fazer o ano letivo normalmente como os outros alunos, dado que ele tinha a real

noção das suas capacidades e não deixou que o tornassem menos capaz. Apesar de alguma mudança nas mentalidades quanto à questão da deficiência, continuam a verificar-se algumas injustiças como esta relatada pelo João. Alguns professores não sabem como lidar com as especificidades destes alunos e acabam por optar por caminhos que levam à exclusão e criam barreiras às pessoas com deficiência. Ao longo do seu percurso, o João vivenciou situações em que questionaram as suas capacidades e colocaram limites ao seu sucesso.

Quando chegou ao 10º ano, o João teve de optar por uma área do seu interesse e, como pretendia seguir informática, foi necessário procurar escolas que leccionassem essa área de ensino. Algumas não tinham condições para receber o João e recusaram aceitá-lo. É neste período que sente mais dificuldades por ter de conciliar a vida desportiva e a escola, sentindo que não está muito tempo com os colegas e manifestando dificuldades em alcançar os objetivos das disciplinas.

*“No 11º/12ºano foi o meu auge na carreira desportiva e entrei no 11ºano para a...portanto para a alta competição, seleção, e automaticamente fui selecionado e convocado”.* (Anexo III: Transcrição I)

O crescente sucesso a nível desportivo levou o João a perder algum interesse pela escola e, apesar da insistência da sua mãe para ir além do 12º ano, ele decide parar de estudar.

*“Estava lá no topo...e então eu só via aquilo, só via aquilo, só via o desporto”.* (Anexo III: Transcrição I)

Quatro anos após parar de estudar, decide retomar a vida académica e vê a universidade como uma oportunidade de alcançar a sua autonomia. Optou pelo curso de Novas Tecnologias da Comunicação pelo gosto pela comunicação.

*“Fazer no estúdio ou fazer algo em comunicação que eu adoro, é a minha...digamos que é o meu clube”. (Anexo III. Transcrição II)*

O João acredita nas suas capacidades nesta área e sente que poderá ser bem sucedido.

*“Pronto eu sei que tenho umas limitações mas eu sinceramente...poderei estar a sonhar, mas sinceramente eu acho que era capaz”. (Anexo III: Transcrição II)*

É complicado para o João conciliar os campeonatos e os exames na universidade e, por vezes, fica insatisfeito por não conseguir ser bem sucedido em todas as unidades curriculares como deseja. O facto de dedicar muito tempo ao desporto também tem vindo a exercer influência nas relações que o João estabelece com os colegas na universidade.

*“Mas eu era aquele indivíduo que como é que hei- de explicar? Que se estou no desporto, se estou na universidade, é a universidade e o desporto e acabou”. (Anexo III: Transcrição I)*

Neste sentido, sente que não aproveitou a sua vida académica ao máximo e gostava de ser mais próximo dos seus colegas.

*“É obvio que é bonito, chegar ao quarto e ver as medalhas, mas se calhar eu este ano fui ver o cortejo e fui às tunas e digo é muito mais reconfortante lembrar das gargalhadas que dei, das piadas que eu, tanto eu como as minhas colegas e amigos fizemos.” (Anexo III: Transcrição II)*

Assim, apesar do esforço e dedicação que exige conciliar estas duas áreas, nos últimos dois anos o João tem investido mais na dimensão do convívio e sociabilidade da sua vida, porque considera que esta é uma dimensão essencial na vida de qualquer pessoa.

*“E a vida isto é como tudo, a vida começa-nos, chega a uma altura que a vida começa a pedir coisas, o coração começa pronto... a pedir algumas coisas. Eu comecei a perceber que eu até posso ter, tenho neste momento 12 medalhas, da qual 7 são de ouro, mas o que é que me vale ter 12 medalhas, se a vida afetiva, ou a vida social é uma desgraça?”* (Anexo III: Transcrição II)

Para o João, a universidade significa não apenas o desenvolver da sua vida social, mas a aquisição de novos conhecimentos, considerando que ter uma formação é um grande passo para alcançar a sua tão desejada autonomia e fazer aquilo que mais gosta, trabalhar em tecnologia e comunicação. Este é um traço que destacamos no retrato do João, ou seja, a relevância que a universidade tem para ele e as mudanças que trouxe para a sua vida.

### **3.3.6. Perspetivas sobre a deficiência**

Ao longo das sessões com o João foram perceptíveis algumas das suas perspetivas sobre a deficiência. Desde logo, ele defende a especificidade de cada um.

*“Porque acho que nem somos normais nem somos anormais, somos pessoas!”* (Anexo III: Transcrição I)

Foi notória a forma como o João olha as suas limitações e como procura lutar pelos seus direitos e mostrar que é uma pessoa capaz e com potencialidades.

*“Eu sempre fui uma pessoa que se tu tinhas o direito de fazeres isto...porque é que eu não tinha?”* (Anexo III: Transcrição I)

O João assume uma postura ativa na defesa dos seus direitos e isso foi algo que pudemos perceber quando nos descreveu o seu percurso de vida até ao momento. Por diversas vezes, o João refere os conhecimentos e

aprendizagens adquiridas através do desporto, em que teve a oportunidade de conhecer outras culturas, em que a deficiência é encarada de uma forma bastante diferente do que em Portugal, o que o levou, ele mesmo, a questionar as suas próprias concepções.

O João relatou a realidade no Canadá que o marcou bastante, em que os atletas com deficiência têm os seus próprios motoristas, o que para ele simboliza algo tão simples como as condições para a movimentação e transporte de pessoas com deficiência que contribuem para a sua independência. O João deixou transparecer um sentimento de algum desânimo quanto às mentalidades em Portugal, que ainda têm de passar por alguma transformação relativamente à forma como é perspectivada a deficiência. Quando era mais novo, o João não acreditava que pessoas com deficiência podiam estabelecer um relacionamento com outras pessoas, com ou sem deficiência e, hoje em dia, este é um dos seus maiores sonhos, constituir família.

A forma como as pessoas com deficiência olham as suas limitações e lutam pelo seu crescimento pessoal prende-se com o contexto em que estas estão inseridas e as ideias e pressupostos da sociedade da qual fazem parte. O apoio da família, a forma como a sociedade age perante as pessoas com deficiência são fatores determinantes nas vivências e qualidade de vida das pessoas com deficiência. E esta é uma questão muito pertinente para o João, mas também para nós, como investigadores, ou seja, a necessidade de repensarmos as nossas práticas e questionarmos até que ponto somos realmente uma sociedade inclusiva.

### **3.4. Tertúlia: *Perspetivas sobre a Deficiência***

Ao longo do projeto desenvolvemos e construímos os Retratos em conjunto com os nossos participantes e considerámos que seria interessante dar a conhecer esse trabalho a outros elementos da comunidade académica. O facto de procurarmos dar uma maior visibilidade aos Retratos dos nossos participantes prende-se ainda com um dos nossos objetivos principais deste projeto: dar a conhecer a

experiência de alunos com deficiência na Universidade de Aveiro e valorizar as suas potencialidades e conquistas.

Neste sentido, em conjunto com a Professora Manuela Gonçalves e a Professora Rosa Madeira, organizámos uma Tertúlia, intitulada *Perspetivas sobre a deficiência*, na qual pretendíamos que estivessem presentes os alunos da área de especialização em Educação Social e Intervenção Comunitário do Mestrado em Ciências da Educação e os nossos participantes no projeto. Procurámos perceber se todos estavam disponíveis a participar e agendámos a sessão.

Assim, iniciámos a sessão com a visualização do primeiro episódio da série americana *“Touch”*, em que a ação se desenrola sobre um menino com necessidades especiais e sobre a dificuldade dos que o rodeiam, como pais ou professores, em lidar com a sua particularidade. Optámos por algo de curta duração em função dos constrangimentos de tempo. Outro aspeto que procurámos respeitar foram as especificidades dos participantes, recorrendo a um dispositivo acessível para todos, ou seja, optámos que a série estivesse dobrada em português e não com legendas, de forma a que a Ana Sofia pudesse seguir através da audição.

Após a visualização do episódio iniciámos a partilha de opiniões. Os participantes na sessão apresentaram a sua visão sobre as principais questões presentes e o debate revelou-se bastante estimulante e interessante. Os participantes no nosso projeto, de forma mais ou menos liberta, apresentaram a sua opinião sobre o que viram e deram o seu próprio parecer com base nas suas experiências. Este momento revelou-se bastante interessante porque pudemos perceber algumas conceções sobre a deficiência presentes, mas principalmente este foi um grande passo para que os participantes se sentissem ouvidos e percebessem que as suas experiências são consideradas, em que afirmaram o quanto se sentiram representados e satisfeitos com o resultado final, assim como as outras alunas que intervieram e revelaram o seu interesse e admiração pelo percurso dos participantes.

A escolha pela visualização de um filme/série funcionou como uma introdução ao instrumento metodológico dos Retratos. Assim, introduzimos o tema e explicámos em que consistia o nosso projeto e o que pretendíamos da sessão. Recorremos a apresentações no programa Prezi, como forma de tornar a apresentação dos retratos mais dinâmica e interessante.

Ao longo da apresentação dos retratos, percebemos que os participantes se espelhavam no Retrato no seu todo e se reviam na forma como os havíamos construído. Sentimos que os participantes se identificaram e sentiram que aquela era a representação deles mesmos e da sua personalidade, quando eles mesmo mostraram satisfação com o produto final e ainda sugeriram que adicionássemos mais alguns elementos.

O balanço final da Tertúlia foi muito positivo mesmo transmitindo apenas uma parte de todo o processo, sentimos que os envolvidos se interessaram pela temática e pelo instrumento de investigação usado. Sem esquecer o protagonismo dos nossos participantes, o foco estava neles, na partilha e valorização das suas vivências e na construção de um todo autêntico, um Retrato de cada um deles pessoal e complexo, espelho da sua personalidade.

Após a realização da Tertúlia pretendíamos conhecer o significado que este projeto e esta sessão em particular teve para os participantes, tendo em conta que o nosso principal objetivo passou por dar voz e visibilidade à experiência dos participantes. Com efeito, conhecer as suas perspetivas, sentimentos e significados atribuídos ao projeto constituía um aspeto determinante. Assim, os participantes consideraram a sessão bastante relevante e que deveria ser repetida, como afirma o João, como forma de *“desmistificar estes tabus, como o direito de igualdades, a sexualidade, enfim tantos outros preconceitos!”*

Os participantes sentiram-se representados nos Retratos *“conseguieste que me visse ao espelho”* (João) e olharam a participação neste Projeto como uma forma de autoconhecimento e valorização pessoal.



Apesar de alguma timidez inicial, conversaram bastante e deram a conhecer os seus pontos de vista, todos os participantes mostraram-se satisfeitos com o Projeto olhando a sua participação como uma forma de retrospeção sobre os seus percursos de vida, assim como de consciencialização das suas competências e vitórias. A Ana Sofia afirma *“aumentou o orgulho que tenho por mim mesma”*. A Isabel partilha dos sentimentos dos colegas e no fim da sessão partilhou a satisfação com o Retrato de si e o quanto se identificava com o mesmo. *“Através dos relatos da minha experiência pude expressar alguns dos meus sentimentos em relação à forma como a sociedade vê a pessoa com necessidades especiais e para que possamos chegar mais longe, em termos educacionais e profissionais, concretizando os nossos objetivos é necessário percorrer um longo caminho com muita força de vontade e persistência, para que assim possamos derrubar os obstáculos que nos colocam, lutar contra o preconceito e discriminação”*(Isabel).

Neste sentido, tomamos esta sessão como um elemento determinante no Projeto porque nos permitiu colocar alunos, docentes, participantes e investigadores num diálogo rico em experiências e significados que abriu caminho para o reconhecimento das vivências destes alunos com deficiência. Alunos com e sem deficiência debateram e exploraram as questões relacionadas com a inclusão e a deficiência, em que os alunos com deficiência assumir um papel central neste momento como exemplos de conquista, luta e determinação.

Desta sessão, retemos o quanto as experiências dos alunos com deficiência são determinantes para olharmos as questões da inclusão atualmente no ensino, funcionando como uma forma de discutir essas temáticas e consciencializar a comunidade académica para a presença destes alunos no ensino superior e para a riqueza dos seus percursos de vida.

### **3.5. Reflexão**

Neste ponto do nosso projeto, procedemos a uma reflexão sobre os retratos e estabelecemos algumas ligações entre os principais aspetos abordados pelos participantes e o quadro teórico de base deste projeto.

Ao longo do processo, procurámos perceber as perspetivas pessoais, os sentimentos e as experiências dos nossos participantes. As suas histórias foram centrais na construção dos retratos e ao longo de todo o projeto. Os participantes deram-nos a conhecer formas diversas de olhar a realidade e o mundo, enriquecedoras para qualquer um que tenha a oportunidade de conhecer as suas histórias. Neste sentido, detemo-nos sobre dois pontos que consideramos determinantes nos retratos dos participantes: as perspetivas sobre a deficiência, por um lado, e sobre a universidade, o caminho para o mundo de oportunidades, por outro.

#### **3.5.1. Perspetivas sobre a deficiência**

De uma forma mais ou menos clara, todos os participantes deixaram transparecer a forma como olham a deficiência. No caso da Ana Sofia e do João Paulo, no ensino básico foram confrontados com o preconceito, em que não os colocavam ao mesmo nível dos outros alunos, tomando-os como menos capazes. Esta situação pode ocorrer pelo facto de os “Teachers may feel threatened by having to cope with a child who has special needs that they feel ill-equipped to deal with, while at the same time providing instruction for as many as thirty other students who also have a wide range of individual needs and abilities” (Jenkinson 1997:29).

A Ana Sofia e o João Paulo partilharam connosco como se sentiram quando os professores não sabiam lidar com os seus casos em particular e acabaram por descurar as suas necessidades como alunos. Contudo, não é possível ignorar que “The philosophy underlying inclusive education is that schools have a responsibility to meet the needs of all children, and that teachers should be able to differentiate and adapt curriculum and instructional strategies to suit the differing needs and abilities of each child in the classroom” (Jenkinson 1997:140). No que diz respeito à Isabel, não relatou qualquer situação vivida nos primeiros

anos de ensino, mas enfatizou os obstáculos que teve de ultrapassar ao longo da sua licenciatura, pelo facto de ser colocada em questão a possibilidade de exercer a profissão para a qual estava a estudar, a de educadora.

Contudo, ambos os participantes tinham noção das suas reais capacidades e dos seus direitos e lutaram por ultrapassar estes obstáculos. Torna-se essencial reconhecer que, apesar de permanecerem situações como estas, verifica-se uma procura de alcançar a mudança, em que os sujeitos com deficiência procuram cada vez mais defender o seu lugar na sua sociedade, reconhecendo-se como indivíduos com capacidades e potencialidades a serem desenvolvidas Segundo Jenkinson (1997) “There is a growing concern with protecting the rights of people with disabilities to express their own individuality.”

Ao longo das conversas com os participantes, foi perceptível nas suas perspetivas sobre a deficiência a dimensão positiva e potenciadora em que se basearam para superar as barreiras no seu caminho. Com efeito, colocaram ênfase na sua determinação na luta contra o preconceito e as atitudes discriminatórias, revelando que eram capazes e tinham potencialidades para conseguir serem bem sucedidos.

Como investigadores tivemos a oportunidade de conhecer três pessoas carismáticas e com grande força de viver e superar as adversidades da vida. A sua procura constante pela autonomia demonstra-se pelo facto de todos eles, atualmente, viverem nas residências da universidade, ou seja, sem os pais/familiares e, levarem uma vida o mais independente possível. Vemos, assim, posta de parte a ideia veiculada nos primeiros estudos sobre a deficiência, segundo a qual os indivíduos com deficiência eram tomados como dependentes e incapazes.

Segundo a Convenção sobre os Direitos das pessoas com deficiência, é fundamental reconhecer a necessidade de integrar as questões da deficiência nas estratégias para o desenvolvimento, admitindo-se que a discriminação com base na deficiência representa um

atentado à dignidade e valores humanos. Estas são ideias pelas quais se regem os participantes neste projeto, pelo que na descrição das suas variadas experiências tivemos a oportunidade de perceber como se sentiram quando viram que os seus direitos não estavam a ser respeitados e contestaram essas atitudes. À medida que avançaram no percurso académico, conheceram novos contextos e novas realidades, o que veio a influenciar a forma como atualmente olham para si próprios.

O João referiu por diversas vezes a forma como a deficiência é encarada noutros países, exemplificando com o Canadá, país no qual a pessoa com deficiência usufrui de um motorista próprio facilitando assim a sua movimentação para qualquer sítio e tornando-os mais independentes. O mesmo acontece noutros países do mundo, como a Austrália, onde “The Disability Discrimination Act positively supports the participation of all people with disabilities at all levels of education, making it unlawful to exclude people from educational institutions on the grounds of disability alone” (MacLean & Gannon cit in Kowalsky & Fresko, 2002). Nos Estados Unidos, defende-se a total integração da pessoa com deficiência em qualquer nível de ensino (Kowalsky & Fresko, 2002).

A forma como os participantes neste projeto olham a deficiência enquadra-se nas suas conceções mais recentes sobre a deficiência e a inclusão, em que se reconhece a liberdade de escolha e decisão à pessoa com deficiência, assim como se procura colocar ênfase nas capacidades de cada um e nas conquistas alcançadas. A Ana Sofia, a Isabel e o João são exemplos de pessoas com limitações que conseguiram ser mais independentes e concretizar os seus objetivos. Neste sentido, destacamos as suas vivências pela sua luta em prol dos seus direitos e pelo reconhecimento das diferenças humanas, reconhecendo que as pessoas com deficiência desempenham um papel na sociedade e não lhes deverá ser negado o direito de participação.

### **3.5.2. Universidade: O caminho para um mundo de oportunidades**

Segundo Hurst (1996), a entrada das pessoas com deficiência para o ensino superior representa a oportunidade de aumentarem o seu conhecimento e obterem melhores qualificações, crescendo pessoal e socialmente. No discurso dos nossos participantes podemos identificar não apenas a presença desta concepção, mas o grande desejo de ingressar no ensino superior como uma oportunidade de crescimento social, pessoal e acadêmico.

A entrada para a universidade colocou-lhes alguns desafios porque nem sempre sentiram que usufruíram das adaptações necessárias, nomeadamente ao nível curricular, sendo esta ainda uma vertente a trabalhar atualmente. No que respeita às adaptações curriculares destacamos o exemplo dado pelos participantes, em que seria importante que se procurasse proceder a adaptações curriculares, nomeadamente ao nível das unidades curriculares, as quais nem sempre correspondem às necessidades do estudante, podendo ser substituídas por outras equivalente e de contributo semelhante para o currículo. Outro aspeto a salientar, apontado também pelos participantes, passa por colocar a informação e materiais educativos necessários acessíveis aos estudantes com deficiência, reconhecendo a necessidade de adaptações às especificidades de cada aluno, em que este, quando portador de uma deficiência visual ou auditiva, requer uma adequação nos materiais disponibilizados. Com efeito, “Students with disabilities require special support services in order to enable them to integrate, both academically and socially, into college life” (Kowalsky & Fresko, 2002:260).

Apesar das dificuldades sentidas, quer ao nível do relacionamento com os colegas quer ao nível das unidades curriculares, os participantes revelaram sempre uma postura ativa e lutadora para ultrapassar as barreiras que lhes surgiram. Assim, no âmbito do ideal da educação respeitadora da diversidade pressupõe-se que “the goal is interdependence rather than independence, with support networks for students with disabilities being

fostered among staff and students in their natural setting- the regular classroom” (Stainback & Stainback cit in Jenkinson, 1997).

Reforçamos, assim, a forma como os participantes encararam os obstáculos apontados, conotando-os quase sempre de uma forma positiva, o que lhes trouxe aprendizagens e crescimento aos mais variados níveis, transmitindo sempre orgulho e satisfação com as suas conquistas. Tendo em conta o aumento da procura de pessoas com deficiência a ingressar no ensino superior, importa que se procure adaptar os currículos, as infraestruturas (rampas de acesso, elevadores, balcões de atendimento com altura adequada para o atendimento a cadeirantes, etc.,) e as condições de acesso de forma a melhor responder às necessidades desta população.

No que respeita às adaptações curriculares, importa que os currículos sofram alguma alterações com vista a responder às necessidades dos estudantes com qualquer tipo de deficiência, procurando assim perceber se existe ou não alguma unidade curricular que traga mais dificuldades para estes estudantes de modo a poder substituí-las por outras unidades de importância equivalente para o processo curricular. No âmbito das aulas, importa perceber até que ponto as necessidades dos estudantes estão a ser consideradas e se o conteúdo abordado está acessível para qualquer um dos alunos, na medida em que alunos com deficiência visual ou auditiva, sem descurar outros tipos de deficiência, requerem outro género de acompanhamento.

Ao nível dos processos de avaliação importa que se procure conhecer as necessidades de cada estudante, considerando que, com base nas suas especificidades, a avaliação não poderá ser feita de igual forma para todos os alunos, pelo que estes não possuem o mesmo grau de dificuldades nem interpretam e organizam o conhecimento da mesma forma. Quanto aos materiais utilizados, torna-se fundamental a existência de documentos em Braille para estudantes com deficiência visual, documentos em suporte digital, computadores que facilitem o trabalho aos alunos com dificuldades ao nível da escrita ou acesso a informação, entre

outras adaptações relevantes para que todos possam ter acesso aos documentos de base de cada unidade curricular.

Outro elemento enfatizado pelos participantes respeitou à relação estabelecida com os colegas da universidade. Os três consideraram que este é uma dimensão fundamental nas suas vidas e na sua valorização pessoal. Através destas relações, os estudantes adquirem uma maior percepção da sua responsabilidade social e dos seus direitos enquanto indivíduos e membros de uma sociedade. A relação com os outros possibilita o conhecimento de nós próprios e o reconhecimento do nosso papel na sociedade. (Nunan, George & McCausland, 1999) Os relacionamentos de amizade são ainda fonte de bem-estar, partilha e satisfação das necessidades de afeto para qualquer indivíduo.

O João partilhou o seu descontentamento face ao afastamento que sentia, em determinada altura, relativamente aos seus colegas, considerando que não era bom para si próprio. Reconhecendo a importância das relações de companheirismo de amizade na universidade, assim como nos mais diversos contextos de vida, João resolveu então procurar mudar isso, esforçando-se em criar momentos de partilha com os seus colegas e sentindo-se, dessa forma, valorizado e recompensado pessoal e socialmente. Os três participantes reconheceram que não estabeleciam as relações de proximidade que desejavam com os colegas, ou por falta de tempo de convívio em comum ou pelas circunstâncias de vida que dificultam esse convívio. Tanto a Isabel como a Ana Sofia apontaram o facto de por vezes se sentirem colocadas de parte e não terem muita proximidade com os colegas de licenciatura. Contudo, apenas o João partilhou a sua vontade de se aproximar mais dos colegas e de melhorar a sua vida social.

Assim, são levantadas diversas questões relativas à presença de pessoas com deficiência no ensino superior, é necessário que se proceda às adaptações necessárias de maneira a melhor responder às necessidades dos alunos e aumentar o número de pessoas com deficiência a ingressar no ensino superior.

Neste sentido, na apresentação dos retratos procurámos dar relevo à experiência dos três participantes no ensino superior e dar visibilidade às suas potencialidades que os levaram a ser bem sucedidos e o exemplo que são hoje em dia.



## Conclusões

---

## **Conclusão**

Apesar de alguns progressos neste campo, o número de estudantes com deficiência a frequentar o ensino superior ainda é reduzido, e muitas vezes, não são consideradas devidamente as especificidades e necessidades destes estudantes ao longo do seu percurso académico. Contudo, sendo esta uma realidade em evolução, os participantes no projeto procuraram ultrapassar os obstáculos que surgiram ao longo do seu caminho e deram-nos a oportunidade de conhecer as suas experiências pessoais.

Neste sentido, destacamos o ênfase que colocaram na superação das adversidades ao longo da sua vida, não se centraram na sua deficiência ou nas suas limitações mas sim na crença nas suas capacidades e na força e determinação para, passo a passo, alcançarem os seus objetivos. Os Retratos representam o espelhar de histórias únicas mas, que simultaneamente, possuem elementos comuns, como a garra, a determinação e a crença nas potencialidades de cada um.

A experiências em outros contextos de vida, como a família ou o desporto, são elementos fundamentais na forma como os participantes encaram a sua vida. Podemos perceber como a prática de desporto ou simplesmente a pertença a grupos de canto ou dança contribuem para sentimentos de autoconfiança, valorização e autoconhecimento.

Tendo em conta a experiência e conhecimentos adquiridos no estágio em Gent, esta foi uma oportunidade de conhecer melhor e desenvolver o método dos retratos de Sara Lawrence-Lightfoot, em que podemos perceber que a construção dos retratos é um processo bastante interessante e enriquecedor, pelo que adquirimos uma visão mais aproximada das perspetivas dos participantes e conseguimos colocar as suas experiências no centro de todo o processo. A busca pela autenticidade e personalidade dos participantes possibilitou a construção de Retratos em que os participantes sentissem que ali estava um espelho deles mesmos, com os quais se identificassem e se sentissem representados.

Ao colocar a voz dos participantes no centro deste projeto, esperamos dar um passo para a criação de oportunidades para todos e promoção da mudança. Ao centrarmos-nos nos aspetos positivos das suas vidas, como é suposto acontecer na construção de Retratos, procurámos sensibilizar a comunidade académica e estudantil para as suas vivências no ensino superior e convocá-los como exemplos de sucesso. Tal como os outros jovens, com ou sem deficiência, ao ingressar no ensino superior, os estudantes com deficiência procuram a valorização pessoal, o aumento do conhecimento, a crescente autonomia e acesso a oportunidades de crescimento social e profissional.

Esperamos que este projeto represente um estímulo para que sejam consideradas as experiências das pessoas com deficiência, pois pensamos que a voz dos estudantes com deficiência deverá ser ouvida por forma a promover a sua maior participação no ensino superior. Os participantes no projeto focaram a questão de que nem sempre tiveram acesso a toda a informação sobre o seu ingresso no ensino superior, como as condições de acesso, nomeadamente o direito ao contingente especial, opções de cursos à disposição que melhor correspondam aos seus interesses, entre outros, aspetos que consideramos que deverão ser explorados.

Tendo em conta os pressupostos da Investigação- Ação Participativa, procurámos que os participantes tivessem o protagonismo ao longo de todo o processo, dando-lhes voz e valorizando as suas experiências. A proximidade aos participantes possibilitou ter uma noção mais fiel das suas perspetivas, estabelecendo uma relação com a realidade e o contexto, procurando assim alcançar alguma mudança na forma como a deficiência é encarada atualmente. Este método implica todo um processo participativo sendo este um elemento que procurámos respeitar ao longo de todo o processo. Com base nestes aspetos, pudemos perceber o quanto os participantes se sentiam representados e o contributo do projeto para a sua autovalorização.

Este projeto tem um significado especial porque aprendemos a ser mais abertos para escutar as histórias dos nossos participantes e

refletirmos sobre as nossas próprias concepções e perspectivas sobre a temática. Com a construção dos Retratos, aprofundámos ideias e concepções sobre a questão da deficiência, da inclusão de todos na sociedade, assim como o respeito pelos direitos de qualquer indivíduo e procura de criação de igualdade de oportunidades.

De acordo com o objetivo central deste Projeto, consideramos que a Tertúlia: *Perspetivas sobre a Deficiência* representou um elemento essencial para que os participantes se sentissem representados e defendessem as suas perspectivas em diálogo com outros alunos sem deficiência. Perceber que este projeto representou uma forma de valorização e retrospeção sobre os seus percursos é muito significativo para todo o processo, pelo que sentimos que conseguimos consciencializar um pouco os alunos relativamente às experiências de estudantes com deficiência. O facto dos participantes se sentirem representados em todo o processo, que o Retrato é um espelho de si próprios, orgulhando-se das suas vitórias ao longo da vida representa para a investigadora um grande progresso na mudança na forma com a deficiência é encarada, assim como da representação dos alunos com deficiência no ensino.

### **Limites do Projeto**

Ao longo deste projeto procurámos obter uma visão o mais aproximada possível das experiências de Ana, Isabel e João Paulo, que se tratam de pessoas com deficiência que frequentam o ensino superior. Centrados neste objetivo, pretendíamos captar as dimensões de bondade e autenticidade nas suas histórias, considerando que esta poderá ser uma forma de dar maior visibilidade a estes exemplos de luta e conquista e, ainda, uma forma de criar oportunidades para reduzir barreiras para os estudantes com deficiência que pretendem ingressar no ensino superior.

Contudo consideramos uma limitação do projeto, as dificuldades sentidas na construção dos Retratos, nomeadamente em termos artísticos que se pressupõe que assuma uma vertente artística, combinando assim a

Arte e a Ciência seria por isso interessante melhorar esta dimensão artística no futuro contando ainda com a colaboração de artistas na construção do Retrato.

Outro aspeto, ainda, diz respeito à nossa inexperiência neste género de trabalho, reconhecendo que na construção do Retrato alcançamos uma grande aproximação do sujeito, importa perceber os limites deste trabalho, nomeadamente até onde podemos ir, procurando ter alguma proximidade com o sujeito mas simultaneamente algum distanciamento, elementos relevantes no processo. Assim, reconhecemos que ao longo deste projeto tivemos a possibilidade de construir um Retrato o mais fiel possível dos participantes, contudo consideramos que a vertente estética/artística fortaleceria o Retrato dos participantes, representando algo único e extremamente pessoal.

## **Referências Bibliográficas**

---

## Obras

Ander-Egg, E., (2003) *Repensando la Investigación-Acción Participativa*. Buenos Aires: Grupo editorial Lumen Hvmanitas

Armstrong, A. C., Armstrong, D. & Spandagou, I. (2010) *Inclusive Education – International Policy & Practice*. Londres:Sage

Berg, B.L. (2001) *Qualitative research methods for the social sciences*. Califórnia: Ally & Bacon

Correia, L. M. (1997) *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares*. Colecção Educação Especial. Porto: Porto Editora

Education- Helios II. (1997) *The role of resource centers in supporting Integration in Education*. Thematic group nº8

Hodkinson, A. & Vickerman, P. (2009) *Key Issues in Special Educational Needs and Inclusion*. Londres: Sage

Jenkinson, J. (1997) *Mainstream or Special? Educating Students with Disabilities*. Londres: Routledge

Johnstone, D. (2003) Explorando os limites da inclusão de jovens deficientes e o seu sentido de lugar in *Perspetivas sobre Inclusão*. Porto: Porto Editora

Lawrence-Lightfoot, S. & Davis, J. H. (1997) *The art and science of Portraiture*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers

Nielson, L. B. (1999) *Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula. Um guia para Professores*. Coleção Educação Especial. Porto: Porto Editora

O'Brien, J. (1999) *Great Questions and the Art of Portraiture*. Letônia: Responsive Systems Associates

Porto Editora (2006) *Dicionário de Língua Portuguesa*

Quivy, R. & Campenhoud, L.V. (1998) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva

Reason, P. & Bradbury, H. (2001) *Handbook of Action Research: Participative Inquiry and Practice*. Londres: Sage Publications

Rodrigues, D. (org.) (2001) *Educação e diferença: Valores e práticas para uma Educação Inclusiva*. Coleção Educação Especial. Porto: Porto Editora

Rodrigues, D. (org.) (2006) *Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva*. S. Paulo: Summus Editorial.

Schiefer, U. (2006) *MAPA Facilitação – Gestão de Processos Participativos*. Cascais: Princípia

Stainback, S. & Stainback, W. (1999) *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre: Artmed

Stoer, St. & Magalhães, A. (2005) *A diferença somos nós. A gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais*. Porto: Edições Afrontamento

Taylor, N. & Chacksfield, J. (2005) *ICT for learners with Special Needs- A handbook for tutors*. Inglaterra: David Fulton Publishers

Van Hove, G. (2009) *Disability Studies – Basisteksten uitgediept*. Garant



## Artigos de Revistas

Barfield, J.P., Bennet, J., Folio, M.R. & Killman, C. (2007) Disability Rights in Higher Education: Ensuring Kinesiology Program and Accreditation Standards. *Quest*. Vol. 59, Nº 4. 384-397

Fuller, M., Healey, M., Bradley, A. & Hall, T. (2004) Barriers to learning: a systematic study of the experience of disabled students in one university. *Studies in Higher Education*.. Vol.29. Nº.3.303-318

Fuller, M., Bradley, A. & Healey, M. (2004) Incorporating disabled students within an inclusive higher education environment. *Disability & Society*. Vol 19. Nº 5. 455 – 468

Hall, B. (1979) O saber como mercadoria e a investigação participativa. *Perspectivas: A educação física e desportiva*. Vol IX. Nº4. 395- 411

Kowalsky & Fresko. (2002) Peer tutoring for College Students with disabilities. Carfax Publishing: *Higher Education Research & Development*. Vol.21. Nº3. 259-271

Nunan, T., George, R. & McCausland, H. (2000) Inclusive education in universities: why it is important and how it might be achieved. *Inclusive Education*.Vol. 4.Nº1. 63-88

Nunes, R. (2010) Entre lugares- Revista de Sociopoética, vol.2 nº2

Pais, S.C. & Menezes, I. (2010) Experiência de vida de crianças e jovens com doença crónica e suas famílias: O papel das associações de apoio no seu empoderamento. *Revista Educação Sociedade & Culturas*. Vol. 30. 131-144

Peters, S., Johnstone, C. & Ferguson, P. (2005) A disability rights in educational model for evaluating inclusive education. *International Journal of Inclusive Education*. Vol. 9. Nº 2. 139-160

Sanches, I, Teodoro, A. (2006) Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. *Revista Lusófona de Educação*. Nº8. 63-83

Sanches, I. & Teodoro, A. (2007) Procurando indicadores de educação inclusiva: as práticas dos professores de apoio educativo. *Revista Portuguesa de Educação*. Vol.20. Nº2. 105-149

Silva, M.O.E. (2009) Da exclusão à Inclusão: Conceções e Práticas. *Revista Lusófona de Educação*. Vol.13. 135-153

Wolbring, G. (2008) *The Politics of Ableism*. Development. Society for International Development 1011-6370/08. 252-258

### **Legislação/Pareceres**

Resolução da Assembleia da República nº 56/2009 - Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência

Parecer nº 1/99 do Conselho Nacional de Educação - Crianças e alunos com necessidades educativas especiais.

Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educativas Especiais. Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade. Salamanca, Espanha, 7-10 de Junho de 1994

Lei nº46/86 de 14 de Outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo

**Sites**

<http://disability-studies.leeds.ac.uk/files/library/UPIAS-UPIAS.pdf>

<http://www.cast.org/>

<http://www.fpdd.org/pt/boccia>

<http://prezi.com/>

<http://www.siho.be/>

## **Anexos**

---

Anexo I : Participante Ana Sofia

Anexo II: Participante Isabel Santos

Anexo III: Participante João Paulo Fernandes

Anexo IV: Retrato Ana Sofia

Anexo V: Retrato Isabel Santos

Anexo VI: Retrato João Paulo Fernandes

## **Anexo I**

---

**Participante Ana Sofia**

## **Sessão I**

Transcrição I- Março 2013

Investigadora- O que quiseses partilhar comigo sobre o teu percurso académico...

Ana Sofia- Mas...hm... o meu percurso académico só na universidade ou ao longo da minha vida?

Investigadora- Ao longo da tua vida... se quiseses começar pelos primeiros anos...

Ana Sofia- Então é assim..eu entrei para a escola quando tinha 6 anos. Uh, inicialmente eu tive muitas dificuldades em acompanhar pronto o que era lecionado na turma...Os professores não estavam minimamente preparados para lidar com problemas relacionados com... pronto com problemas relacionados com a deficiência visual. Eu via significativamente muito mais do que vejo agora, nem utilizava bengala e conseguia ler os livros mesmo a negro, embora fossem com uma letra assim um bocadinho maiorzinha. Hm, os professores ou seja o meu problema de visão não era assim tão perceptível, mas eu própria sabia que via muito mal, eu também sentia que tinha muita dificuldade em ver...hmm com isto...os professores também não estavam muito preparados para lidar com o meu problema e eu fui ficando para trás. Não ia...não conseguia acompanhar o ritmo de aprendizagem dos outros.

Investigadora - Os professores não procuravam apoiar-te ?

Ana sofia- sim! Eles inicialmente não sabiam muito bem qual era... como é que me podiam ajudar e depois eles pensaram que para além de eu ter um problema de visão que também tinha algum défice cognitivo e colocaram-me....pronto é assim...colocaram-me num apoio mais individualizado onde inicialmente os professores pensavam que eu tinha mesmo um défice cognitivo e faziam comigo coisas muito básicas e não me ensinavam aquilo que supostamente no ensino normal se ensina. Isso aí durante o meu 1º/2º ano de primária, durante esse percurso eu também estive internada

que tive um problema de saúde e estive muito tempo internada, fiz uma pneumonia. E também por causa disso foi mais um dos fatores para eu ficar retida no meu 2º ano. Eu no 1º ano passei mas foi porque...pronto foi porque já me tinham colocado noutra regime de avaliação, num regime de avaliação mais ajustado para crianças com défice cognitivo e eu passei para o 2º ano, depois no 2º ano eu reprovei porque para além de ter faltado muito às aulas, de ter estado muito tempo doente, hospitalizada, depois também não conseguia acompanhar e depois no 3º ano aí sim tive alguns ajustes, já comecei a ter professores mais competentes que começaram a ver que eu tinha capacidades... começaram a ver que eu tinha capacidades e então aí eu fui introduzida numa turma do 4º ano mas eu estava a fazer o 3º ano, mas as outras pessoas eram do 4º ano porque a professora ela já tinha muitas anos de experiência, até por acaso era o último ano que ela estava a lecionar e ela tinha muitos estagiários, pronto do Ensino Básico lá na escola e ela na turma dela tinha muitos estagiários e então ela disse para me colocarem na turma dela e eu evolui bastante porque tinha os estagiários que estavam comigo e a professora que me ensinavam as coisas e eles aperceberam-se que eu não tinha défice cognitivo nenhum, mas que era apenas uma deficiência visual e apostaram muito mais em mim. Hmm e pronto a partir daí eu comecei a ter um ensino mais ajustado para mim e comecei a ter muito boas notas, aí também tive a minha primeira lupa TV, os professores acharam que se eu tivesse um auxiliar de visão para me ajudar, poderia ter mais aproveitamento e foi o que aconteceu através do hospital eu comecei a ser seguida nos hospitais dos Covões, em Coimbra e pronto deram-me uma lupa TV e depois pronto passei para o 5º ano e continuei a ter muito boas notas. Assim mais marcante foi mesmo na primária que os professores não sabiam mesmo como lidar comigo e pronto...mas depois do resto eu tive um ensino relativamente normal, é claro com alguns ajustes, que por exemplo não me podem pedir para eu analisar um gráfico ou uma imagem, leio as legendas...mas isso aí com os professores sempre



conseguiram fazer ao longo do meu segundo ciclo, do 3º ciclo e Ensino Secundário, basicamente foi isto que aconteceu.

Investigadora- E os teus colegas na primária como é que eles...

Ana Sofia- Os meus colegas na primária, eu já não me lembro muito bem mas...hm, quando eu era vista como uma aluna, que os professores me tinham sinalizado como uma aluna que tinha um défice cognitivo eu não estava assim muito integrada na turma – primeiro: porque eu tinha muitas atividades fora da aula, fora da turma... hmm, havia manhãs inteiras e tardes inteiras que eu ia para o apoio ..eles até diziam assim: “oh Ana para o apoio” e pronto eu até gostava muito de ir. O que é que eu lá fazia? Era jogar as cartas, era descobrir as diferenças lá nos jogos de computador, é coisas assim muito banais e eu até gostava mas eu.. mas depois quando eu estava na sala eu só por ouvir eu conseguia captar tudo o que o professor dizia, e eu respondia a tudo...por exemplo muitas vezes os professores estavam a explicar uma coisa, coisas muito mais do estudo do meio ou em que não fosse preciso ver e eu através do ouvido conseguia perceber tudo e eu até dizia “Não é isto professor” e foram estes pequenos sinais que os professores começaram a ver que eu não tinha nenhum défice cognitivo mas era apenas da visão. Porque eu captava tudo pela audição. Mas depois quando eu na verdade deixei de ser uma criança sinalizada com défice cognitivo, como inicialmente aconteceu...eu depois passei a ter um ensino normal e a ser inserida mais nas atividades da turma e pronto e a fazer tudo como os outros....

Investigadora- E como é que te sentias em relação a isso?

Ana Sofia- É assim... eu era pequena mas... eu era pequena..e não achava aquilo muito normal porque eu sentia que tinha capacidades mas... e sentia que podia ser mais... que conseguia fazer melhor se me ajudassem e era um bocadinho frustrante eu estar por exemplo ali numa sala e não conseguia aprender as coisas porque não acreditavam nas minhas capacidades ou pura e simplesmente também era sobretudo pelo facto de não ver. Mas os professores também não tinham muita preparação, os meus primeiros professores não tinham mesmo preparação basicamente

nenhuma para me ajudar. Depois Graças a Deus uma professora apostou em mim e pronto ainda bem...depois dela, vários professores continuaram a apostar em mim e foi assim... mas não foi nada fácil.

Investigadora- E no ciclo? Sentias algumas dificuldades?

Ana Sofia- É assim...da passagem do primeiro ano para o 2º ciclo, eu senti algumas diferenças ao nível da metodologia de estudo, mas depois relativamente aos professores eu não senti assim muita diferença porque eu já ia sinalizada do ensino anterior, já ia bem sinalizada. Eu já tinha uma professora de apoio que já estava bem por dentro das coisas e sinto que tive bom...uma boa diretora de turma, tive bons diretores de turma durante o meu 2º ciclo, foram feitos ajustes logo quando eu entrei para o 5º ano e nunca senti assim grande diferença. Tinha mais tempo para fazer os testes, às vezes lia umas coisas, para passar as coisas do quadro, eram os professores que passavam ou os meus colegas passavam, era isso assim basicamente, ou senão os professores ditavam-me e eu escrevia. Ou por exemplo até eles próprios quando estavam a escrever as coisas no quadro, conforme iam escrevendo, iam lendo em voz alta e eu “oh professor dite...” e basicamente era assim, eu senti que conseguia apanhar, é claro que às vezes havia um ou outro exercício que eu não conseguia fazer, mas no geral os professores estavam sempre disponíveis para me ajudar. E em todas as disciplinas.

Investigador- E os colegas no ciclo?

Ana Sofia- Os colegas no geral, também ao nível de passarem os apontamentos e de estarem comigo, também me ajudavam e quando eu precisava de alguma coisa, eles ajudavam-me...eu também dizia, basicamente era isso...é claro que há sempre aqueles colegas assim mais mauzinhos que gozam e isso. Mas isso é como em tudo na vida. No geral é isso.

Investigadora- E no secundário ?

Ana Sofia- No secundário também, foi.. muito por dentro desta linha..

Investigadora- Estudaste sempre na mesma escola desde o ciclo até ao secundário?

Ana Sofia- Eu fiz do 5º ao 9º ano numa escola, e depois o secundário noutra. Custou-me um bocadinho mudar de escola, mas não foi pela metodologia, foi sobretudo pelo espaço. Primeiro era...a minha escola secundária era um bocadinho mais longe, e era uma escola maior. Mas ao nível da turma também não senti assim muita dificuldade em me integrar. Os professores continuavam-me a ajudar e eu também própria falava das minhas dificuldades, e dizia “Olhe professor preciso que me faça isto”, “Eu não consigo fazer isto assim, assim...”, nos testes “Preciso que o professor me imprima os testes desta forma” era muito assim e eu consegui acompanhar tudo e no geral até tinha boas notas.

Investigadora- Algumas vez tiveste alguém...tiveste noção dos ajustamentos que eram necessários, se tinhas alguém professores ou pais que te acompanhassem, que te fosse esclarecendo...?!

Ana Sofia- É assim... eu própria ia tendo noção mas também os meus professores de apoio individualizado, conjuntamente com os diretores de turma que eu fui tendo e conjuntamente com os meus encarregados de educação, foram fazendo isso e eles próprios tinham reuniões só para definirem a minha situação e para, por exemplo, no final do ano letivo, eles já estavam a preparar o ano letivo seguinte. Atividades que eu, pronto...as medidas que me iriam ser aplicadas, os Decretos-lei que tinham saído, para estar sempre tudo dentro da lei, por exemplo, eu lembro-me muito disto que na altura dos meus exames nacionais, em que é necessário fazer um conjunto de procedimentos para que eu possa ter mais tempo para realizar o exame e para que eu possa ter uma pessoa que me possa vigiar a prova, e ler me a prova, porque eu tenho muita dificuldade em escrever... na lupa ainda consigo, mas o ler é o que custa mais, ler na lupa custa muito, perdia muito tempo e então... eu disse sempre, sempre não, nos do 9º ano não pedi. Mas pedi nos do ensino secundário uma pessoa para me acompanhar nos exames e que me lesse as provas. Estavam duas pessoas a vigiar-me, uma que lia e outra que estava ali para se certificar que estava sempre tudo bem. Mas para isto acontecer foi necessário proceder-se a um...realizar-se um processo,

assinar-se documentos, mandar documentos para o Ministério da Educação e tudo isto foi sempre feito com muito cuidado, nunca se deixou nada para a última, sempre tive bons professores a nível do apoio individualizado, que estavam comigo e que sempre me ajudaram nesse sentido, a partir do momento que eu fiquei bem sinalizada isso sempre aconteceu.

Investigadora- E no secundário qual foi a área que escolheste?

Ana Sofia- Eu escolhi a área das Humanidades... Ciências-humanísticas! É assim eu não me arrependo era uma área que queria e pronto gostei. Tinha eram disciplinas acima de tudo mais de escrita mais de leitura o que me facilitava um bocadinho mais. Porque por exemplo se eu fosse para a área da Química, para a área da Biologia era um bocadinho mais difícil e eu própria também sempre tive muita noção das minhas limitações, o que é que era mais fácil...não ir pelo caminho mais fácil mas ir pelo caminho que me convém mais ao nível da minha limitação, porque me iria cansar muito mais a vista, estar constantemente a ler fórmulas, do que estar a escrever, muito mais. E até a nível das práticas laboratoriais e assim... e pronto foi isso.

Investigadora- Então aí já começaste a ter alguma noção do que querias? Sempre tiveste o desejo de vir para o ensino superior?

Ana Sofia- Sim sempre! Sempre sempre sempre! Desde que eu era pequenina e eu ainda não...já tinha entrado na escola mas eu dizia sempre eu quero ir para a universidade, eu quero ir para a universidade! Quero ter um curso, quero ter um curso superior! Sempre disse isto, desde que me lembro e para mim era muito triste quando eu estava sinalizada como uma criança com défice cognitivo e ter aquela aspiração de vir para o ensino superior e eu estudava muito em casa e eu...as pessoas que estudavam comigo em casa explicavam-me as coisas e viam na verdade que eu tinha muitas capacidades. Eu aprendi muito rápido a tabuada, eu...e é assim uma criança com défice cognitivo tem muita dificuldade em aprender a tabuada e em fazer operações dessa natureza e eu aprendi com muita facilidade. Eu fazia as coisas de uma forma muito

fácil e decorava tudo, e foi sobretudo devido ao facto de eu ter sido bem acompanhada em casa pelos meus Encarregados de Educação, porque depois na escola conseguiram ver que eu na verdade não tinha nenhum défice cognitivo mas tinha era um problema visual, também se deveu muito ao facto de eu ser bem acompanhada em casa. As pessoas que viviam comigo estarem alerta e conhecerem as minhas capacidades.

Investigadora – E foi então no secundário que tiveste o gosto por esta área ou...

Ana Sofia- É assim, eu inicialmente queria ser professora. É uma das áreas que as crianças regra geral gostam. Depois andei uma fase que dizia que queria ser juíza ou advogada. E depois no meu final do 9º ano, principio do 10º/11º...sobretudo secundário, não! Vou para psicologia, gosto muito disto! E vim embora...vim e gosto muito do curso e pronto sinto que estou mesmo no curso certo, embora o bicho pela advocacia, pela parte das leis, esteja cá, que eu gosto mesmo muito dessa área, mas quem sabe num futuro vá tirar uma formação qualquer nessa área. Também a Psicologia intervêm muito nessa área, se for Psicologia Forense está muito relacionada com a parte da advocacia. Psicologia Forense não, mais a Psicologia Criminal. Quem sabe! Eu estou em Psicologia Clínica, quem sabe também tirar uma formação relacionada com isso. Mas pronto foi isso! Vim para Aveiro!

Investigadora- Mas tu vives onde?

Ana Sofia- Eu sou da Guarda! Nasci e cresci na Guarda! Cresci lá, fiz lá tudo, todo o meu percurso académico, eu não cresci com os meus pais, cresci numa casa de irmãs, numa IPSS. Mas eu conheço os meus pais e falo com eles e vou passar férias com eles. Mas crescer mesmo e onde fui educada, foi numa casa de Irmãs. Mas tive sempre aulas fora, sempre estive integrada no ensino público. Sempre sempre! Na escola, 2º e 3º ciclo da cidade, escola secundária, no liceu...é como se chama aqui, é no liceu! Da Guarda, estudei lá.

Investigadora- Agora ainda costumas ir para lá ou estas mais tempo em Aveiro?

Ana Sofia- Eu estou mais aqui. Mas eu ainda estou ligada à Instituição, estou ligada à casa que me criou, às Irmãs. Sempre que vou à Guarda, fico com a Instituição e às vezes vou lá passar fins de semana, passo lá algumas partes das minhas férias. Também devo muito às Irmãs, devo muito à casa, também o facto de eu estar aqui neste... na universidade mostra que também sempre apostaram em mim, elas nunca duvidaram das minhas capacidades e elas sabem que eu tenho muito potencial e sempre acreditaram e também sempre foram...foi sobretudo graças a elas que eu aqui estou.

Investigadora- E no primeiro ano como é que foi? Quando entraste para a universidade..

Ana Sofia- Bem é assim... ao nível da metodologia de estudo eu não achei que fosse assim muita diferença do ensino secundário para o ensino superior. Também senti que os professores estavam preparados para lidar com a minha limitação, no geral. No geral senti isso. Portanto na área aqui do nosso departamento, senti muito isso, que os professores estavam muito sensibilizados para me ajudar a colocar o material informático acessível, ou pronto, ou mesmo para me ajudarem no que precisasse, mas na área da Saúde, também tive algumas cadeiras do primeiro ano que foi: Anatomia! Foram cadeiras um bocadinho puxadas! Mas eu consegui fazer muito graças à ajuda dos professores porque anatomia é sobretudo modelos, imagens, e é muito difícil eu perceber o que o professor está a explicar quando ele apenas se baseia em imagens. Eu tinha de passar muito tempo com os professores, mesmo muito tempo, às vezes ia para lá com eles e apalpava os modelos e o professor dizia “Oh Ana isto aqui é ...” pronto os professores explicavam o nome dos músculos, dos órgãos, dos ossos, e da parte da fisiologia, foi muito assim... eu fiz as cadeiras pronto, foi muito difícil mas eu consegui fazer logo. Fiz as cadeiras nem chumbei. Nem deixei para outro ano. Mas também devo isso muito aos professores, os professores puderam...e os professores do ensino superior no geral estão abertos a ter alunos com limitações e pronto foi isso. Mas também já passei assim um mau bocado cá na universidade, porque por exemplo eu

tinha cadeiras de Matemática e eu não conseguia ver o que os professores explicavam. Eu tinha muita dificuldade em realizar as coisas, mesmo muita dificuldade em fazer uma...em fazer aí aquelas coisas todas complicadas que eu já nem sei o nome daquilo...não me lembro, mas aquilo era mesmo muito...para além de ser difícil era muito complicado que era preciso ver e utilizar a máquina de calcular e ver o que o professor escreve e apanhar a explicação e eu não conseguia fazer isso. Eu andei durante muito tempo a tentar fazer as cadeiras, até que...grande parte da visão que perdi no ensino superior...sim porque eu já vejo muito menos que há 5 anos atrás quando entrei para a Universidade. Eu perdia muito a estudar Matemática e eu não consegui fazer as cadeiras e falei com o meu médico oftalmologista e expus-lhe a situação e ele disse “Oh Ana mas tu não podes continuar assim...se continuas a estudar dessa forma, tu vais perder a pouca visão que tens”. E então eu expus a minha situação aos meus diretores de turma, à Dra. Gracinda e pronto... e colocou-se a hipótese de me alterarem as disciplinas de Matemática por cadeiras mais...que me fossem mais fáceis, por cadeiras de outros cursos que para além de me serem úteis fossem mais fáceis fazer, por exemplo: Intervenção Psicoeducativa, foi uma cadeira que eu tive de Gerontologia e que me veio substituir uma cadeira de matemática, também Psicologia do Envelhecimento, que era uma cadeira também de Gerontologia a outra cadeira de Matemática, mas foi mesmo muito difícil, foi mesmo muito difícil, foi mesmo preciso batalhar bastante e pronto ser muito persistente. Investigadora- E os professores de Matemática como é que eles ...?

Ana Sofia- Ah os professores de matemática apenas diziam que tinha de fazer, que tinha de fazer, que eu era capaz. E sim, é assim eu até sabia as coisas mas depois o fazer...o fazer é que era muito difícil e a Dra. Gracinda ela teve comigo várias vezes, a fazer vários exames e eu demorava, sem exagero nenhum, duas horas e meia para fazer um exercício e aquilo era dose mesmo e eu dizia “Oh doutora eu não consigo fazer mais nada olhe eu já me dói os olhos, já me dói a cabeça e eu sei fazer isto doutora mas eu não consigo fazer” e ela dizia “Oh Ana isto aqui não pode continuar

assim...” e eu dizia “Oh doutora pois não mas ninguém me muda à cadeira e eu...” e pronto isso também foi muito por causa de...foi preciso batalhar muito. No geral os professores são acessíveis e isso...mas também há professores que não são acessíveis, há professores que acham que eu sou capaz. Mas depois de muito batalhar os professores perceberam mesmo que eu não conseguia mesmo fazer aquilo e pronto...mas foi mesmo muito complicado! Foi mesmo muito complicado!

Investigadora- E ao nível dos teus colegas e...?

Ana Sofia- Cá da universidade? É assim... eu relaciono-me bem com eles, falo com eles tudo bem, mas também não tenho assim grande proximidade. No geral ao longo do meu percurso académico eu nunca criei assim grandes relações afetivas com ninguém e agora falando de modo especial com as pessoas cá da Universidade, eu ainda sinto que nos estudantes, não só no Ciclo, não só no Ensino Secundário, não só...mas também na Universidade eu sinto que os outros estudantes, os meus outros colegas, pelo fato de eu ter uma limitação visual eles, eu.. eu sinto que eles muitas vezes até pensam que eu tenho menos capacidades que eles e digo sinto isto porque? Quando é por exemplo construção de grupos eu muitas vezes, isto aconteceu-me muitas vezes... mas eu também não era por causa disso que me deixava afetar, continuei a fazer o meu percurso académico, muitas vezes até com melhores notas que outras pessoas mas eu sentia que muitas vezes os grupos, as pessoas tinham muita relutância em me inserir em grupos, sobretudo grupos de trabalho, por exemplo grupos para conversar, grupos de andar no dia-a-dia, sim até se fala e falo com toda a gente e dou-me bem com toda a gente, mas sinto que no geral as pessoas colocam-me muito de parte, os alunos, as pessoas com deficiência, seja ela visual seja ela motora, seja ela auditiva, porque pensam que... “Ai não faz nada, é mais uma que não faz...”, “ Não deve conseguir fazer as coisas” e depois quando eu me insiro nos grupos e começo a trabalhar e começo a mostrar na verdade as competências e capacidades que eu tenho... “Ah tu consegues fazer isso tudo Ana?” – “Consigo então!” muitas vezes as pessoas ficam admiradas, mas pronto é



isso, acho que aí está o grande preconceito por parte dos colegas a esse nível, é assim...

Investigadora- E agora ao nível de...tu estás no mestrado ...

Ana Sofia- Sim no mestrado é a mesma coisa! É igual !

Investigadora- Mas já estás no último ano ?!

Ana Sofia- Eu estou no 5º ano, estou na 5ª matrícula, mas eu por opção...eu optei por fazer o mestrado em 3 anos, ou seja dividi o primeiro ano em dois. Este ano estou a acabar a parte curricular e para o ano é que irei para estágio e tese, e pronto no que toca aos professores no geral eu sinto que eles sempre me apoiaram, que estão completamente disponíveis para me ajudarem no geral. Às vezes há um que não corresponde ou não é tao... flexível ou que pronto é um bocadinho mais baldas, mas isso há em todo o lado... não é só aqui, não é só no Departamento, não é só aqui na Universidade. Isso há em todo o lado pessoas assim, mas no geral eu sinto que sou bem acompanhada pelos professores e que os professores sim acreditam muito nas minhas capacidades. Pronto e no meu potencial. Eles sabem bem que eu consigo fazer as coisas e muitas vezes, segundo o que me parece eles próprios também não sabem porque é que no geral os meus colegas têm assim tanta relutância em me inserir em grupos. Porque eles próprios já sabem quais são as minhas capacidades, eu pelo menos penso isto, regra geral os professores passam-me essa imagem, acreditam bem nas minhas capacidades e pronto basicamente é isto!

Investigadora- E quando quiseste aceder ao ensino superior tiveste...consultaste alguém sobre as condições...?!

Ana Sofia- Hmm, então eu preocupei-me sim logo com isso, soube através da minha professora de apoio e também fui mesmo a...pronto uma coisa lá que havia na minha escola, não tem a ver com o psicólogo, nem com orientação escolar nem nada disso, é uma coisa mesmo ao nível distrital que há, eu não me lembro é o nome...

Investigadora- Gabinete de Orientação Profissional?

Ana Sofia- Não não não! Era mesmo... não tinha nada a ver com orientação profissional. Era um serviço que há a nível distrital que eu acho que era um serviço qualquer de Direção Geral do Ensino Superior que a sede era na minha escola, do Ensino Secundário. Eu também me fui informar de como é que eu fazia, eu tenho estas limitações como é que eu faço? Eu gostava de ir para este curso, e estou indecisa entre Aveiro-Coimbra e Covilhã, mas preferi ir para Aveiro acha que é possível? Pronto e a senhora disse que sim “Olha Ana é possível, primeiro tens uma boa média, e depois tu também tens contingente especial, não sei se sabes disso” e eu disse assim “Sim eu sei disso eu, mas eu gostava de saber como é que eu faço. E nessa altura também falei com a minha professora de apoio, eu e a minha professora de apoio fomos lá falar com a senhora da Direção Geral do Ensino Superior e acesso ao ensino superior e depois fiz a minha candidatura. Foi isso! Eu própria também mostrei interesse! Mas a minha professora de apoio também era uma pessoa que estava muito informada e ela própria também me queria ajudar, pronto queria que ficasse bem colocada e pronto!

Investigadora- Aqui na Universidade tens algum género de acompanhamento fora das aulas ou em algum Gabinete de Apoio ao Aluno ?

Ana Sofia- É assim... o Gabinete de Apoio ao Aluno a que eu às vezes vou é à Dr.<sup>a</sup> Gracinda, ela é que me vigia os exames, lá está... assim como eu já pedi no Ensino Secundário nos exames para me vigiarem as provas e para me lerem as provas em voz alta, eu aqui também passei logo a pedir. E a Dr.<sup>a</sup> Gracinda ela sempre é que me acompanhou nas provas e regra geral é à Dr.<sup>a</sup> Gracinda que recorro quando é preciso alguma coisa, primeiro falo com os professores, regra geral, falo sempre primeiro com os professores porque acho que não há necessidade nenhuma de estar a incomodar a Dr.<sup>a</sup> Gracinda com uma coisa que eu própria consigo resolver com os professores e isto aqui falo sobretudo relativamente à bibliografia, ao material recomendado, eu digo ao professor não consigo aceder ao material, tenho dificuldade, a Universidade tem um serviço da biblioteca

que me coloca o material informático digital mais acessível, eu gostava que o professor seleccionasse o material que é mais, mais relevante para a cadeira, estou-me a referir neste caso aos livros e até aos diapositivos das aulas, pronto eles seleccionam dão-me ou mandam-me por mail ou mandam diretamente para o serviço, que é na biblioteca. Há um serviço em que colocam o material em formato acessível, em formato digital e ...para nos alunos com deficiência podermos utilizar, sejam esses alunos com deficiência visual, basicamente é isso!

Investigadora- E tens alguma experiência que te marcasse aqui na universidade?

Ana Sofia- Em que sentido ? na ...

Investigadora- Em qualquer sentido.

Ana Sofia- Então deixa-me pensar! É a questão das Matemáticas, tive mesmo que remar contra a maré para me conseguir alterar o plano curricular. Depois... no geral...não tive assim grandes experiencias não me lembro assim de mais nenhuma. Aquela que me foi assim mais marcante foi as matemáticas, depois no geral fiz tudo com bastante, não foi com bastante facilidade mas foi com muito esforço, mas também com facilidade.

Investigadora- E como é que vês a forma como a Universidade recebe os alunos com deficiência?

Ana Sofia- É assim eu acho que a Universidade é uma Universidade inclusiva e que nos põe logo a disposição todos os meios, põe logo à disposição eu entrei para a universidade....na altura em que me matriculei, estava a fazer a minha matricula já me estavam a falar da Dr.<sup>a</sup> Gracinda e que existia isto e isto e isto... e pronto e eu conheci a Dr.<sup>a</sup> Gracinda no próprio dia em que eu fiz a minha matricula, ou seja, eu vim fazer a minha matricula numa 2<sup>a</sup> feira, que as matriculas abriram na 2<sup>af</sup>, e eu vim fazer a minha matricula ao final da manha e no início da tarde fui falar com a Dr.<sup>a</sup> Gracinda porque disseram-me para eu vir cá que tinha uma senhora que queria falar comigo por causa de eu ser uma aluna com necessidades especiais. Eu vim e fui muito bem atendida, a Dr.<sup>a</sup> Gracinda

disse-me logo que se eu precisasse de alguma coisa que ela podia ajudar em tudo que precisasse, falou-me logo da biblioteca, dos serviços que há, ela entrou logo em contacto com o meu diretor de curso a dizer que tinha entrado uma aluna com deficiência visual, ou seja, eu quando fui para a aula os professores já sabiam que havia uma aluna, quem era e qual era e pronto no geral eu sinto que as coisas foram bem articuladas, os meus colegas também foram bastante sensíveis a minha limitação, ajudaram-me a fazer o conhecimento do espaço, o que eu precisava e pronto e eu também depois aos poucos fui ajustando à cidade e pronto foi isso. Fiquei logo com residência no primeiro dia quando fiquei, quando vim fazer a matrícula, eu falei logo também da questão da residência, fiquei logo com residência e com chave do quarto, foi mesmo altamente! Eu conheci logo o meu quarto, deixei cá um monte de coisas logo, que eu pensei olha senão arranjar olha pronto trago-as outra vez, mas a partida pode ser que arranje e também como vinha de carro e o carro não gastava mais por isso, trouxemos logo, trouxe logo roupa de cama, trouxe logo a minha lupa TV grande, trouxe logo assim uma série de coisas e pronto basicamente foi isso, até ao nível da residência senti que fui muito bem acolhida e disseram-me olha aqui é isto aqui é aquilo.

Investigadora- E na residência estas sozinha?

Ana Sofia- É assim eu estou num quarto individual mas estou com mais pessoas e falo com as pessoas e cozinho e lavo a roupa, pronto faço tudo...se precisar de ajuda peço. Por exemplo por a máquina a lavar tenho dificuldade em por que aquilo são muitos botões e não percebo nada daquilo, peço ajuda. Vou pedir ajuda ou ao meu namorado para por máquina a lavar, quando ele lá vai, olha põe isso aí a lavar ou então digo a minha vizinha “Olha põe me isto a lavar”. Mas no geral eu consigo fazer as coisas, cozinho e dou-me bem com toda a gente é isso!

### **Nota de Terreno I**

A Ana Sofia foi a primeira das nossas participantes e já havíamos conversado com ela sobre a sua participação no nosso projeto, momento

em que procurámos dar-lhe a conhecer de forma genérica os nossos objetivos com a sua participação. Neste sentido, optámos por começar por abordar o seu percurso académico de forma a conhecer as suas experiências.

Ao longo da sessão a Ana Sofia partilhou algumas das suas vivências, em que relatou dificuldades e desafios que teve de ultrapassar (ex. ser sinalizada como uma criança com défice cognitivo). Foi perceptível o seu descontentamento face à situação vivida no Ensino Básico, em que os professores não sabiam como lidar com a situação da Ana. Estes foram alguns momentos que nos permitiram perceber que o percurso de Ana foi pautado por obstáculos e barreiras no seu sucesso escolar. À medida que a Ana Sofia partilhava a sua experiência procurámos perceber os sentimentos associados a essas vivências e compreender a forma como agiu nas variadas situações.

Nesta sessão tivemos a possibilidade de conhecer um pouco das origens da Ana Sofia e a relevância das mesmas no seu percurso académico. Pudemos perceber que o seu percurso académico e não só, as suas vivências em contextos fora da escola, contribuíram na forma como olha a sua limitação e como encara os desafios.

O contato prévio com a Ana Sofia facilitou o desenvolvimento da sessão, mas também pudemos perceber que estávamos na presença de alguém bastante conversador e extrovertido, o que promove ainda mais o diálogo. Consideramos que como início da construção do nosso retrato com a Ana Sofia, este momento de conversa foi muito positivo e levou-nos a procurar perceber melhor alguns aspetos na sessão seguinte e conhecer elemento da sua experiência.

## **Sessão II**

Transcrição II – Abril de 2013

Investigadora- Atividades que gostes de fazer...

Ana Sofia- Sim nos meus tempos livres. As atividades assim mais culturais...o que é que eu gosto de fazer...

Investigadora- Sim sim.

Ana Sofia- Ai é sobre isso hoje?

Investigadora- É um bocadinho...

Ana Sofia- Pronto já posso começar? Então no que toca aos tempos livres e assim às áreas de lazer eu gosto de ver televisão, de ouvir música, gosto também de estar com os amigos de conversar...de...gosto muito de viajar, conhecer sítios novos, sobretudo assim a parte histórica dos locais gosto de conhecer, de ir visitar os museus. Depois assim...nos meus tempos livres regra geral costumo ver televisão, costumo também ouvir música, também gosto de ir às compras...acho que... pronto ir às compras... mas isto agora com a crise não pode ser...tenho que...não pode ser mais continuo...agora raramente vou às compras... gosto até de ir ao teatro pronto, ir assim a festivais e pronto sair com os meus amigos...basicamente é isto...gosto também de cantar ...

Investigadora – Mas costumavas cantar regularmente?

Ana Sofia- Houve uma altura que eu estava aí envolvida num grupo na Edlusa, não sei se conheces...é a escola de musica... escola diocesana de musica sacra em que pronto ia uma vez por mês, participava no coro da igreja, tínhamos esse habito e sim eu até gosto, mas depois também não tenho tido muita disponibilidade...mas pronto também era preciso andar sempre de terra em terra, de um lado para o outro e... as deslocações tornavam-se um bocadinho mais chatas...mas sim gosto de cantar...mas não tenho tido assim disponibilidade para...pronto para cantar assim de uma forma mais exercitada...

Investigadora- E os sítios que já viajaste?

Ana Sofia- Ora então...vamos começar pelo norte de Portugal... quando era pequena fui com a minha mãe visitar Guimarães e Viana do Castelo... depois mais recentemente também fui com o meu namorado até Esposende, ali a praia da Apúlia não sei se conheces... pronto é uma zona assim mais marítima, conheço minimamente a zona do Porto, que a minha mãe vive no Porto...depois assim centro, centro de Portugal pronto já conheci assim também... algumas terras, pronto....a Guarda também

conheço... ali a zona do distrito da Guarda também conheço assim... conheço minimamente bem...eu sou de lá e pronto conheço... já visitei várias coisas...já visitei também a zona de Coimbra, mesmo a cidade de Coimbra também já visitei algumas coisas... Alentejo eu não conheço assim quase nada...mas Algarve conheço bastante, já conheço assim muita coisa do Algarve e pronto Lisboa também conheço minimamente, de várias visitas de estudo que lá fiz. E pronto basicamente é isso. A nível de estrangeiro, conheço assim um bocadinho de Espanha e Andorra, fui passar uma vez umas férias a Andorra. Não conheço assim mais nada...

Investigadora- No algarve também passaste férias?

Ana Sofia- No Algarve passei mesmo férias. Já ...passei uma vez quando era pequena em Portimão, depois passei pronto...fui mais recentemente umas duas ou três vezes...duas vezes a Albufeira e outra vez a Portimão em que aproveitei também para visitar outros locais para passear, para conhecer melhor a zona e pronto e é bonito, gosto de visitar conhecer e sobretudo as partes históricas e a cada local onde eu vou, regra geral trago sempre uma recordação e gosto sempre de trazer e opto sempre por trazer aqueles... aquelas coisas para por no frigorífico...sim eu gosto de trazer. A cada sitio que eu vou, tanto que as pessoas que vão ao meu quarto...eu tenho um frigorífico ali no quarto na residência, digo assim “Ah olha quando quiseres saber por onde é que eu andei vêes no frigorífico os sítios por onde eu passo”. De Espanha também conheço Santiago de Compostela, ali a zona da...o percurso de Santiago de Compostela, o caminho português, fiz o ano passado e fui a pé, a uma peregrinação e também conheço e lá esta...em todos os sítios que passávamos comprava uma coisinha dessas pra...eu gosto (ri)!

Investigadora- E se tivesses de escolher um sitio , qual é que elegias?

Ana Sofia- Depende...dentro ou fora de Portugal?

Investigadora- Dentro. Pra já dentro.

Ana Sofia- Ora dentro...onde é que eu gostaria de ir? Gostava de ir ao Alentejo. Gostava de conhecer melhor o Alentejo...

Investigadora- E dos que conheces, qual é assim para ti o que...?

Ana Sofia- Gostava de visitar a ponta de Sines, Sagres, Vila Nova de Milfontes, também gostava muito de ir a Évora...

Investigadora- Já lá estive. Há pouco tempo.

Ana Sofia- E pronto agora assim ao nível de mais...a nível da Europa... da Península Ibérica gostava de conhecer o sul de Espanha. Gostava de conhecer o sul de Espanha acho que é bonito, deve ser bonito...aquelas praias e... mais...o que é que eu gostava assim de conhecer? Gostava de ir à Bélgica, gostava de ir à Bélgica, isso gostava muito e gostava de conhecer a Bélgica, gostava de... mas pronto também gostava de ir a Roma, visitar o Vaticano, basicamente...

Investigadora- E fora da Europa não tens assim ...?

Ana Sofia- Fora da Europa?! Hmm... fora da Europa... não sei... lá para as Ásias aquilo não me chama nada... tenho assim pronto...não me diz nada aquelas partes orientais...acho interessante e tal mas mesmo visitar acho que há locais mais interessantes por aqui. Pronto, também gostava de visitar Angola! Por acaso gostava de visitar Angola, Moçambique... tenho várias pessoas em Angola e Moçambique e gostava de ir visitar, hmm... mais?! Não sei, se calhar o Brasil, mas não sei... é isso!

Investigadora- E se pudesses escolher outro sítio sem ser Aveiro para viver qual é que escolherias?

Ana Sofia- O que é que eu escolhia? Epa não sei...tipo para a Guarda, eu sou da Guarda, a Guarda não...já me disse menos mas não sei...francamente não...eu gostava mesmo de ficar a viver em Aveiro. Mas agora um sítio sem ser Aveiro, não sei, se calhar Coimbra. Se calhar Coimbra porque é um local onde a Psicologia intervém muito, onde há muitas clínicas onde os meus professores também estão, onde se poderão abrir algumas portas para mim, ou até mesmo aqui em Aveiro, no Porto também já passei mas não sei... Porto é uma cidade assim demasiado grande e muito confusa. Mas Porto, já equacionei ir viver para o Porto, mas não sei francamente acho que até preferia ficar a viver em Coimbra, porque a minha mãe vive no Porto, e os meus irmãos também e depois o facto de lá estar não me...não sei...eu sou próxima da minha família, falo



com eles muitas vezes, mas acho que para...não sinto assim tanta necessidade de estar próxima deles, de viver lá e acho que é uma forma de nós evitarmos de não ter tantos conflitos com as pessoas e de não vivermos tão perto delas e não termos assim... como é que eu hei de dizer?! Assim relações tão próximas, claro que sim gosto muito dos meus pais, gosto muito dos meus irmãos, mas pronto eu prefiro ter a minha autonomia, prefiro ter a minha vida e acho que também uma forma de eu ter a minha autonomia e de... é a localização geográfica. E Porto, não, não me diz assim grande coisa! Diz-me francamente, diz me mais Aveiro e Coimbra do que por exemplo o Porto. Guarda pronto também já equacionei. Olha francamente eu gostava de ir para onde houvesse... onde me dessem emprego pronto. Isso é que era...eu gostava de ir viver para um local onde me dessem emprego e boas condições de trabalho. Isso é que era bom!

Investigadora- E a nível de emprego qual é assim a tua...agora já tens assim uma ideia...

Ana Sofia- As minhas perspetivas?!

Investigadora- Sim, mas um sítio que gostarias mesmo de trabalhar...

Ana Sofia- Hmm...um sítio?! Não sei! Um sitio?! Onde eu gostava de trabalhar...?!

Investigadora- Ou na tua área o que é que tu gostarias de fazer especificamente...?!

Ana Sofia- Eu na minha área gostava de fazer pronto...fazer consultas, dar consultas, fazer acompanhamento psicológico ou psicoterapêutico... hmm e basicamente era isso que eu gostava de fazer. Eu sei que as coisas de emprego não estão nada bem e sei que é muito difícil arranjar-se uma entidade empregadora...pronto que nos queira empregar. Mas francamente também prefiro, por exemplo, ir para uma clinica a título de voluntariado do que ficar por exemplo em casa sem fazer nada. Porque por exemplo...ao menos enquanto lá estou ainda há alguma coisa e pode ser que através dessa ação de voluntariado, se possam abrir algumas portas...

Investigadora – Às vezes começa se pelo voluntariado...

Ana Sofia- Lá está, começa-se pelo voluntariado. Pronto é isso. Mas eu...assim a nível de Instituição onde eu gostava de trabalhar, não sei, não tenho assim nenhuma instituição mas...o que eu gostava de fazer era isto, era fazer acompanhamento, dar consultas também até gostava de dar formação assim...formação na área da psicologia, formação na área da saúde, por exemplo, promover hábitos de vida saudáveis, psicologia da saúde...a sensibilização das pessoas para os hábitos de vida saudável e eu também gostava de fazer, promover workshops...também gostava de fazer, era o...são duas áreas que eu futuramente gostava sim de fazer, mas agora um sítio específico onde eu gostava de fazer, não sei...olha onde me abrirem uma porta, onde me abrirem a porta. Parada é que não vou ficar! Para é morrer! É o que eu costumo dizer, parar é morrer! Mais vale ficar a fazer voluntariado, pronto numa instituição ou aqui ou acolá, do que ficar em casa sem fazer nada ...

Investigadora- E mesmo aqui na Universidade...procuras participar em algum workshop que haja ou...

Ana Sofia- Sim...eu é assim, ultimamente não tenho participado muito mas eu sempre que posso, por exemplo o núcleo de estudantes de Psicologia até divulga bastantes coisas, bastante informação de Conferências, de Workshops que se realizam quer cá na Universidade, como por exemplo noutras universidades, na Universidade de Coimbra, na Universidade Lusíada – Porto, eles estão sempre a divulgar conferências e esses tipo de coisas e eu sempre que posso ir, sempre que posso ir vou e gosto de participar. Acho que é uma mais-valia, acho que é uma mais valia apostar na formação, há coisas que não posso mesmo ir porque para além de ser longe e ficar dispendioso a nível de transporte, fica dispendioso a nível pronto de pagar a formação e pronto mas há outras coisas que até são relativamente acessíveis e que até compensa ir e sempre que posso vou e é isso!

Investigadora- E aqui por exemplo, tu vens todos os dias para a universidade e tu depois passas todo o tempo na residência ou costumavas passear por Aveiro ou vais a algum sítio aqui em Aveiro...

Ana Sofia- Ora então, eu quando tenho aulas vou para as aulas, quando não tenho aulas ou fico em casa ou também venho para a biblioteca estudar trabalhar ou também me encontro com colegas, com o meu namorado, com os amigos e vamos dar uma volta ao fórum, ou às vezes também tenho que ir tirar umas fotocópias, aproveito e vou dar uma volta a cidade, aproveito já que vou tirar fotocópias, vou...pronto aproveito dou uma volta ou vou às compras também, tem que ser!

Investigadora- E fazes bem !

Ana Sofia- Às compras mas comprar comer, não é comprar roupa, a bocado quando disse compras era mais... compras pronto..

Investigadora- E quando andas na cidade sentes dificuldade...?!

Ana Sofia- Às vezes. Nos obstáculos? (Tatiana- sim). Sim, nos locais em que eu conheço eu não tenho muita dificuldade, pronto é claro que as vezes lá aparece uma coisa no meio do caminho ou quase que vou contra uma árvore ou assim mas, no geral não tenho assim grandes dificuldades, mas sim é verdade que...ainda pra mais Aveiro, Aveiro tem muitos buracos. Aveiro quando chove fica horrível não é? Então é assim se para as pessoas que veem, não é nada fácil para nos ainda pior é, é muito complicado, tanto que pronto eu quando chove muito eu evito de andar por ai, tenho de ir de casa para o departamento e do departamento para casa, já é o que me basta de andar ai assim a chuva. Mas Aveiro quando chove não é nada bom não, nos no geral é todas as cidades mas...assim, nós assim a nível de... infraestruturas que ...

Investigadora- Inundam e ficam...

Ana Sofia- Pois então aqui a nossa universidade, também deixa muito a desejar, está sempre tudo cheio de agua, tudo inundado. Umas piscinas autênticas. A minha sorte é que as minhas botas não entram água senão...

Investigadora- Pois é...ainda bem...

E ao nível do mestrado, quais são as tuas perspetivas para o estágio?

Ana Sofia- Estágio curricular ou profissional?

Investigadora- Tu tens agora estágio no... no último ano de mestrado tens estágio...curricular!

Ana Sofia- Ah 'tas a falar desse. Então eu pronto como é que eu te hei de dizer, eu vou aproveitar e usufruir da minha... da prioridade que tenho na escolha do estágio, embora tenha uma boa média, porque nós é por medias que escolhemos o local de estágio. Vou usufruir da minha prioridade que tenho na escolha do estágio, e dado que tenho a possibilidade de escolher o local de estágio, irei aproveitar e vou pedir para ficar aqui na...nos Serviços de Ação Social a estagiar. Porque? Porque pronto não é preciso pensar muito não é mas... é um sitio que eu já conheço, a nível de espaço é perto daqui de casa, é perto de casa não tenho que andar assim a fazer grandes trajetos, nem a aprender percursos novos, e também é perto aqui da biblioteca, sempre que eu precisar de alguma coisa por exemplo para me colocarem algum material acessível, venho aqui e eles colocam-me. Também se eu precisar de alguma coisa da reitoria também vou a Dr.<sup>a</sup> Gracinda e ela ajuda-me, também do departamento vou ali ao departamento... é aqui tudo ao lado. E assim seria mais complicado para mim com uma limitação visual, por exemplo estagiar para o centro de saúde ou mesmo para Coimbra ou para o hospital, por causa das coisas estarem aqui a mão. Se eu tenho a possibilidade de estagiar num local que eu já conheço e onde as pessoas responsáveis estão abertas para me receber, eu acho que tenho é que aproveitar, então vou aproveitar ficar a estagiar aqui e pronto...também as pessoas que cá estão são muito competentes, acredito que sejam pessoas muito competentes e que me possam ajudar e então é o que eu vou fazer. À partida vou ficar por aqui. A estagiar, a fazer estagio curricular...

Investigadora- Isso estágio é só no ano seguinte, é só no ...

Ana Sofia- É em setembro sim. É só em setembro e é durante um ano, um ano inteiro.

Investigadora- E depois tens de fazer o relatório de estágio...

Ana sofia- E tese!

Investigadora- Ai é tese também?

Ana Sofia- Ah pois ! sim nós, tese e relatório de estágio, tese é 18 ECTS, relatório de estágio é 42 ECTS, 42 não, 48. É isso. Epa eu falo muito e depois tu vais tratar isto tudo?! Deves passar uma seca a ouvir me !

Investigadora- Não passo seca, demoro um bocadinho ...um bocadiiiinho..

Ana Sofia- Agora já tenho que falar pouco.

Investigadora- Não, quanto mais falares melhor.

Ana Sofia- Se eu me sinto preparada?! Opa não sei...tipo é assim e até sinto que sei as coisas mas depois sinto que não sei nada e não sei, mas os meus colegas dizem que isto é normal, os meus professores também dizem que isto é normal nós nos sentirmos assim...

Investigadora- Mas é pela dificuldade de, por exemplo, tu estudas muito uma coisa e depois na altura é para fazer, é para agir na prática e é aí que tens dificuldade?

Ana Sofia- É assim... eu não...como é que eu te hei de dizer? É que é assim, eu a teoria sei, sei como é que se faz como é que não se faz, como é que hei de fazer. Mas depois na prática eu não sei...eu assim epa bolas não sei...se o doente me diz assim o que é que eu vou dizer?! Epa tenho que saber, mas é assim eu acho que essas coisas também acaba por se aprender com a experiência, nós observando, nós...pronto com a experiência e é assim eu também francamente prefiro errar no estágio do que depois na minha vida profissional quando eu estiver a intervir sozinha...

Investigadora- E o estágio é mesmo para isso, é mesmo para ...

Ana Sofia - Eu prefiro mil vezes que a minha orientadora de estágio me dê na cabeça “Ana não é assim, não faças assim...não sei que...”. Do que depois andar toda a vida na cepa torta e os meus doentes irem adeus bye bye que tu não sabes fazer nada...

Investigadora- Mas é natural, julgo que ao princípio quando é para fazer alguma coisa ...

Ana sofia- Sim, nós para fazermos bem, temos que fazer mal.

Investigadora- É natural julgo que ao princípio quando ...

Ana sofia- Sim e até.. .Nós para fazermos...e pronto basicamente... basicamente é isso. Mas sinto assim alguma insegurança e já pensei será que eu sou capaz? Mas...eu vou conseguir então tenho tudo para conseguir e pronto olha basicamente é isso. Mas é claro que pronto que me preocupa um pouco como é que vai ser, como é que não vai ser, como é que é...como é que não é. Será que vai correr bem...pronto...

Investigadora- O que é que vocês... não sei bem como funciona convosco. Mas primeiro têm estágio e maior parte das pessoas têm de fazer notas de terreno sobre os dias de estágio, vocês não têm que fazer isso?!

Ana Sofia- O que é isso?

Investigadora- É fazeres do género a descrição da atividade...

Ana Sofia- Aahh, tudo! Temos de fazer tudo ! A história do doente, história clínica do doente, avaliação, temos que fazer por exemplo as atividades que fizemos, porque é que fizemos temos que fazer tudo então? Temos que escrever tudo no relatório ou seja eu saíu, acabo uma consulta, em vez de chamar logo o cliente seguinte....ora este cliente disse isto, disse isto...que é para depois quando for escrever no relatório já ser mais fácil, senão..

Investigadora- Pois porque normalmente tem de se fazer esses registos.

Ana Sofia- Tem de se fazer porque claro... o relatório de estágio é mesmo isso. É escrever o que é que foi feito, porque é que foi feito e fundamentar...

Investigadora- Mas tu... por exemplo eu tenho um projeto e o projeto é centrado num tema, tu é mais geral ou vais-te centrar num tema?

Ana Sofia- É assim eu tenho...tenho duas coisas para fazer, tenho estágio que à partida vou realizar aqui na universidade e vou fazer uma tese, mas a minha tese pode não ter nada a ver com o centro universitário, a minha tese por exemplo eu posso propor e posso fazer a minha tese por exemplo sobre: comparar os níveis de ansiedade e depressão entre as crianças institucionalizadas e as crianças que vivem com a família uma coisa que não tem nada a ver, são duas coisas completamente diferentes, fiz-me entender?

Investigadora- Então a tese não tem que ser relacionada....

Ana Sofia- Nada! Não tem não. Não necessariamente! Se tu quiseses pode, se quiseses! Mas ninguém te obriga, percebes? Tu é que ...tanto que o teu orientador de estágio, no meu curso o meu orientador de estágio não é o mesmo que o orientador de tese, de ...necessariamente pode ser e pode não ser. Percebes? Há pessoas que escolhem o orientador para as duas coisas, mas eu por exemplo eu posso escolher orientador de tese o docente A ou orientador de estágio o docente B, consoante as minhas áreas de intervenção, sobretudo para a tese, para a tese e que é absolutamente necessário e nós escolhemos os nossos temas preferenciais com as áreas de investigação dos professores, eu não vou pedir ao professor para investigar ansiedade e depressão num professor que só trabalha esquizofrenia, num professor que só trabalha... percebes temos de ter em conta também isso. Nos já sabemos quais são as principais áreas de intervenção dos professores e consoante isso é que escolhemos, os professores da tese, os professores de estágio também acaba por ser um bocadinho assim...o professor da tese é relativamente ao tema, orientadores de local de estágio tem mais a ver com a localização do local de estágio, por exemplo os professores que são de Coimbra, que vivem em Coimbra, escolheram ser orientadores de estágio preferencialmente dos alunos que estão a estagiar em Coimbra, e faz sentido. Enquanto que por exemplo os alunos que vão estagiar para o Porto, já têm professores de...que vivem no Porto, mas para a tese isso já não acontece porque para a tese o que conta é o tema, é a área de estudo do professor e é a preferência do aluno, basicamente é isso.

Investigadora- É eu julgava que era tudo o mesmo porque nos é tudo o mesmo.

Ana sofia- Isso eu sei. Mas eu não. E eu à partida não vou escolher o mesmo orientador para as duas coisas, vou pedir um orientador para uma coisa e outro para outra, à partida irei optar por fazer assim.

Investigadora- Então na semana passada recebi uma mensagem tua, vocês foram a um espetáculo...

Ana sofia- Fui à dança, pois foi. Lá na Feira de Março.

Investigadora- E então correu bem ?

Ana Sofia- Foi muita fixe.

Investigadora- Mas era uma dança de...

Ana Sofia- Uma dança do grupo inclusivo. Em que participava a tuna, em que a tuna feminina cantava. Nós temos um grupo de dança inclusiva, um grupo inclusivo de dança...o grupo que é constituído por elementos portadores de deficiência, em que estou eu, está a Isabel, está o João, está outra rapariga de cadeira de rodas, está o Jorge, também tem assim uma leve, pronto uma leve limitação, também motora, semelhante à da Isabel e pronto. E depois também temos de momento pessoas que não têm qualquer tipo de limitação, são estudantes ou investigadores. E que dançamos.

Investigadora- E esse grupo é constante ?

Ana Sofia- Não é. Só combinamos, só marcamos coisas para certos eventos, por exemplo, agora surgiu este da Feira de Março, juntámo-nos um mês antes, marcávamos uma ou duas vezes por semana, ao final do dia e ensaiávamos a coreografia.

Investigadora- E as pessoas gostaram?

Ana Sofia- Sim muito. Quer nós, que dançámos e cantámos, quer as pessoas que viram.

Investigadora- E agora têm algum espetáculo ?

Ana Sofia- Vamos ter um em Junho que ainda não sabemos o dia, que vai ser no âmbito do encontro de interbibliotecas, pelo menos foi o que me pareceu... o que eu ouvi dizer. E também vamos dançar um dia também lá para finais de Maio aqui entre a cantina e a biblioteca, ali a frente à hora de almoço que é para darmos a conhecer o grupo à comunidade académica.

Investigadora- E então vocês depois vão ter ensaios...

Ana Sofia- Só para rever.

Investigadora- Ah e achas que eu poderei assistir a alguns desses ensaios?

Ana Sofia- Claro que sim! Se quiseres até podes participar...

Investigadora- Caso seja necessário, participo então..



Ana Sofia- Se quiseses participar então é importante para ti, estás a trabalhar no âmbito da inclusão e da deficiência, acho que até seria giro.

Investigadora- Sim, por mim. Na altura avisas me.

Ana Sofia- Ta bem.

Investigadora- E os teus outros colegas também gostam bastante de...

Ana Sofia- Sim gostámos muito. Gostamos muito o grupo já tem cerca de um ano e meio. O grupo é assim...em si foi criado à cerca de um ano e meio. Mas há pessoas que entram umas saem e entram, porque por exemplo há pessoas que estavam inicialmente no grupo e agora não está porque já se ausentaram da universidade. Acabaram o curso e foram, uma foi para Moçambique, que é de Moçambique, outra foi fazer investigação para a Itália, está ...tem lá um projeto de investigação, foi convidada. Para lá estar 3 anos. E depois pronto também temos outra rapariga que é investigadora mas que está cá na universidade e que por incompatibilidade de horários não pode, temos também um rapaz que é da minha terra lá da Guarda, também já acabou o curso e agora está a trabalhar e não pronto...não está cá a trabalhar em Aveiro, claro que teve de deixar o grupo.

Investigadora- Então mas inicialmente criaram o grupo com que intuito?

Ana Sofia - Inicialmente criámos o grupo no âmbito das comemorações do voluntariado, do Ano Europeu do Voluntariado, e pronto criamos...a Dr.<sup>a</sup> Gracinda é que propôs, aquela senhora sabes do outro dia? Ela propôs realizarmos um grupo de dança inclusiva para apresentarmos uma coreografia à comunidade académica no dia das celebrações do aniversário do voluntariado cá na universidade, e pronto basicamente foi assim. Tivemos um coreógrafo profissional que nos vem ensaiar de graça, mesmo de borla, ele ajudou-nos a compor a coreografia, a coreografia era de uma música da tuna cá da universidade, a tuna foi cantar, a tuna masculina e pronto fizemos essa atuação 2 vezes, no...na Reitoria e depois no ano passado em Dezembro de 2012 no fórum.

Investigadora- Mas foi no Dia Internacional da Deficiência, julgo eu.

Ana Sofia- Ah isso eu já n sei.

Investigadora- Eu vi algumas fotografias, que foi naquela parte de baixo no centro do fórum que até tinha uma ou duas pessoas com cadeira de rodas...

Ana Sofia- Sim que era o João Paulo e a Ana Margarida. De camisola branca.

Investigadora- Sim estavam todos de camisola branca.

Ana Sofia- Era isso. Sim com uns panos. Foi isso mesmo pronto. Fomos então lá dançar no fórum e agora surgiu o convite de irmos dançar à Feira de Março, mas apresentávamos outra coreografia. E outra música. E aí já foi a tuna feminina que...a tuna feminina disponibilizou se para nos ir acompanhar, pronto eles deram-nos uma música, vários elementos da associação académica também se juntaram a nós, que está a surgir o grupo, o núcleo de dança inclusiva, pelo menos fiquei com essa ideia que estávamos a formar o núcleo de dança inclusiva. E pronto basicamente é isso.

Investigadora- E tu não gostavas de fazer parte?

Ana Sofia- Oh eu inicialmente até gostava, de cantar e ...mas oh aquilo é preciso ir a muito ensaios e a muitas coisas e depois eu também não tenho assim ...

Investigadora- Pois a tuna também é um bocadinho mais constante.

Ana Sofia- Eu não tenho assim muita disponibilidade, depois a associação académica também fica lá no fim do mundo e pronto, sim até gostava. Acho que eu até tinha jeito para aquilo. Mas pronto olha também se já não fiz parte até agora, acho que também já não é agora que vou fazer.

Investigadora- Nunca é tarde.

Ana Sofia- Pois eu sei que nunca é tarde, mas também já ando metida em tanta coisa. Não sei, pode ser que um dia destes me lembre.

Investigadora- Aqui na universidade fazes parte de...

Ana Sofia- Então pronto, faço parte desse grupo...estou também no inglês, ali nas línguas. Tenho as minhas cadeiras para fazer e também faço parte de um grupo de voluntariado cá em Aveiro...

Investigadora- Mas que não é relacionado com a universidade?!

Ana Sofia- Não não ! não, não tem nada a ver.

Investigadora- E costumava ir frequentemente para o voluntariado, para esse grupo..

Ana Sofia- Sim costume, costume ir.

Investigadora- Mas é em que sítios exatamente?

Ana Sofia- O grupo é assim... o grupo de voluntários de Teresa de Saldanha em que nos costumamos reunir uma vez por mês na casa das irmãs, que é ali na rua de espinho ao pé dos bombeiros, e temos uma loja social, onde vendemos peças no valor simbólico de 50 cêntimos, a loja social é no Bairro de Santiago, e está aberta todos os sábados de manhã, desde as 9h30 às 12h30, e pronto basicamente o que nós fazemos é falar com as pessoas, é ajudar as pessoas, é dar uma palavrinha amiga, o nosso objetivo nem é tanto vender é mais dar...

Investigadora- conversar um pouco...

Ana Sofia- Sim, conversar... um pouco com as pessoas. Basicamente é isso que nos fazemos. Também enviamos pessoas em missão para a Angola, Moçambique, em voluntariado para Timor, também andamos a fazer angariação de fundos para enviarmos pronto para esse países, para comprarem material, e coisas assim, mas é mesmo uma coisa fidedigna não, é tipo daquelas coisas 'ai ajude me aqui' tipo depois nós nem sabemos para onde o dinheiro não é?

Investigadora- Sim sim sim.

Ana Sofia- Mas pronto estas coisas nós sabemos mesmo que o dinheiro se destina para aquela causa, porque vemos os resultados, por exemplo mandam-nos fotografias de, por exemplo, quanto material compraram, o que é que foi feito, nós agora tivemos um voluntário, uma pessoa do grupo que foi em Fevereiro e era para ficar até Abril, Abril não, era para ficar até Julho mas ficou muito doente veio agora para Portugal. E ele mandava-nos muitas coisas, muitas fotografias, e mesmo de pobreza extrema, que a escola não tinha nada, e ele pedia, pedia para nós lhe arranjarmos dinheiro para ele comprar material e nos arranjam e ele depois

mostrou-nos as fotografias. “Olhem consegui comprar isto, já temos mais isto..”, “ Já consigo fazer isto com eles”, e pronto é isso.

Investigadora – Tu gostavas de fazer assim um dia uma missão?

Ana Sofia- Sim até gostava mas sobretudo na área de Formação de Adultos, acho que...

Investigadora- Mas em África?!

Ana Sofia- Em África, mas na formação de adultos, também se faz e também precisa. Não sei não tenho assim muito jeito para crianças.

Investigadora- Não tens paciência.

Ana Sofia- Não tenho jeito, não tenho paciência. Acho que pronto, não tem muito a ver comigo, mas sim até gosto delas e pronto, viva as criancinhas! Acho que paciência e jeito, não tenho assim grande criatividade para brincar com elas.

Investigadora- E estavas disposta a ir assim meses?

Ana Sofia- Depende, se não fosse sozinha. E se fosse, por exemplo, com alguém com quem tenho bastante proximidade. Tinha que ir assim com alguém com quem tivesse bastante proximidade, em quem pronto não sei, me pudesse apoiar. Epa porque aquilo é completamente diferente, não há nada.

Investigação- Pois aqui há... é um contexto completamente diferente.

Ana sofia- É um contexto completamente diferente mas sim até gostava de ir, seria interessante.

## **Nota de Terreno II**

Como forma de iniciar o diálogo de forma mais leve e descontraída, optámos por incentivar a Ana Sofia a partilhar alguns dos seus gostos connosco. A Ana Sofia destaca a dança, o canto e viajar como elementos da sua eleição. Neste sentido, partilhou experiências vividas a este nível em que deixou transparecer os significados construídos e como se sentiu nessas situações. cremos que atividades como as apontadas pela Ana Sofia podem funcionar com fatores na autoconfiança e autoconhecimento

dos sujeitos com deficiência. A participante experienciou o contato com outros grupos, interagindo com eles e vivendo situações novas para si.

Outro elemento presente nesta sessão esteve relacionado com as expectativas de trabalho e futuro da participante. A Ana Sofia partilhou connosco as suas opções de estágio e ainda extra ao contexto académico o seu desejo de fazer voluntariado. Através destes fatores pudemos perceber alguns dos sentimentos que estiveram na base das opções feitas pela participante, assim como receios, expectativas face à sua prestação nesses contextos.

De notar ainda o descontentamento da Ana Sofia face à acessibilidade na cidade de Aveiro e mesmo na Universidade.

Nesta sessão, e sem esquecer a sessão anterior, fundamentámos a nossa visão da Ana Sofia como alguém muito determinado, decidido e lutador. A participante aponta obstáculos ou dificuldades que sente, contudo apresenta sempre a sua posição face aos mesmos, a forma como os encara e procura ultrapassá-los. Ao longo destas sessões conseguimos captar aspetos essenciais sobre a Ana Sofia, que nos levam a deter alguma atenção sobre os mesmos e procurar conhecer melhor a nossa participante.

### **Sessão III**

Transcrição III – Maio de 2013

Contato via e-mail

Investigadora

*“Ola Ana!*

*como estás?*

*já não nos encontramos à algum tempo, sei que agora o tempo fica um pouco apertado, então antes de marcarmos uma hora, gostaria que fizesses o seguinte: que escolhesses uma música que para ti melhor retrata o teu percurso no ensino superior e justificasses a tua escolha. Se possível gostava que me enviasses isso até ao fim do mês, pode ser?*

*Obrigada !”*

Ana Sofia

*Olá Tatiana,*

*Antes de mais, desculpa só estar a responder agora ao teu e-mail, mas tive muita dificuldade em escolher a melhor música.*

*Sim comigo está tudo bem. E espero que contigo também.*

*Olha, a música que eu escolhi é a que envio no link a baixo:*

*<http://www.youtube.com/http://www.youtube.com/watch?v=r5ZwmTB7NCU>*

*escolhi esta música porque fala da amizade e porque ao longo da minha vida académica conheci diversas pessoas que me marcaram e com quem quero manter uma boa e grande amizade ao longo da vida.*

*Foi difícil, mas penso que foi uma boa escolha!*

*Se quiseres marcar alguma coisa, seria bom marcarmos para esta semana que ando assim um pouco mais livre. É que para a semana não estou por cá.*

*Um beijinho,*

*Ana Teixeira*

### **Nota de Terreno III**

Considerando que esta é uma altura mais complicada no ano letivo, e tendo em conta a dificuldade em reunir com a Ana Sofia devido à incompatibilidade de horários, optámos por desta forma conhecer um pouco mais sobre a nossa participante. Procurámos assim assumir uma posição mais afastada da ação de forma a melhor compreender o comportamento da participante e dar-lhe liberdade para partilhar o que para ela fosse mais significativo. Assumimos que esta seria uma forma de manter o contacto e, simultaneamente, ter acesso a algo importante na vida da Ana Sofia.

A participante destacou o sentimento de companheirismo e da amizade como fundamentais na sua vida, o que nos possibilitou assumir a importância das relações com os outros, na construção de um sentimento de pertença de alguém com algum tipo de deficiência e da amizade como pilar na superação das dificuldades sentidas no cotidiano.

#### **Sessão IV**

Transcrição IV – Setembro de 2013

Investigadora- O que gostas mais de fazer?

Ana sofia- eu gosto muito de cantar e gosto muito de dançar.

Investigadora- Muito bem. Gostaria que te definisses.

Ana Sofia- Eu defino-me como uma pessoa muito corajosa, muito lutadora, muito simpática também, persistente, preocupada, também atenciosa, defino-me também como uma pessoa divertida, muito expansiva, muito expressiva, também acho que sou bastante perspicaz. Mais? Sou muito sincera, também tento ser transparente não só com os outros mas também comigo mesma. Pronto acho que chega.

Investigadora- E os momentos mais marcantes da tua vida?

Ana Sofia- Os momentos mais marcantes da minha vida, então...os momentos mais marcantes da minha vida foi quando eu era pequena, não me lembro bem da idade mas foi quando eu quis ficar na casa das Irmãs, na instituição em vez de ir para casa com os meus pais. Isso foi uma coisa que me marcou, depois também foi, foi também o eu perceber, que apesar da minha família não apostar tanto em mim, eu percebi que tinha outras pessoas, que apostavam em mim, nas minhas potencialidades, não há assim um dia que marque diretamente isso, mas foi algo que me marcou bastante ao longo da minha vida o ter, o ter as irmãs, o ter um bom suporte que apostasse em mim nas minhas capacidades e que não me pusesse de lado. Eu quando era pequena durante os primeiros anos que eu estive na escola eu não conseguia aprender como as outras crianças, como os meus outros colegas e os professores alguns diziam que eu tinha

um déficit cognitivo que nunca ia aprender e depois houve professores que começaram a insistir em mim, assim como as Irmãs e eu pronto...isso aí foi algo que me marcou. E depois pronto também a minha vinda para a universidade, o ter...o também ter sempre boas notas, o investimento também que é muito da minha parte, eu mostrar a mim mesma que consigo. Eu surpreender os outros pelas minhas vitórias. Também tem sido muito isso.

#### **Nota de Terreno IV**

Nas sessões anteriores procurámos sempre recorrer ao uso de um gravador como forma de facilitar a posterior análise dos dados, contudo com o desenvolver do processo podemos perceber que por vezes, este era um elemento um pouco inibidor. Neste sentido, nesta que foi a última sessão, procurámos recolher alguns elementos da personalidade da Ana Sofia que nos apoiassem na construção do seu retrato, mas sem gravar toda a sessão, daí optámos por gravar apenas excertos da sessão com a participante.

Para além de levar a Ana Sofia a definir-se, pretendíamos dar-lhe a conhecer a fase em que nos encontramos no projeto, ou seja a fase final, de forma a identificar possíveis contribuições ou alterações que a participante desejasse fazer no seu retrato. A opção pela sua autodefinição teve o intuito de buscar fortalecer um dos principais objetivos dos retratos, captar a essência e autenticidade dos atores.

Contudo, quando pensámos nesta opção receámos que a Ana Sofia sentisse alguma dificuldade em se definir, mas muito pelo contrário, ela falou abertamente sobre si, sobre as suas principais características, revelando grande transparência e autoconhecimento.



## **Anexo II**

---

**Participante: Isabel Santos**

## **Sessão I**

Transcrição I- Abril 2013

Investigadora - Não sei por onde é que tu ...se quiseses começar por o ensino...o meu estudo centra-se na...no Ensino Superior mas acho que é importante perceber um bocadinho do passado...

Isabel- Como é que foi meu percurso...

Investigadora- O teu percurso desde que entraste até...

Isabel- Pronto... já agora eu tenho uma Paralisia Cerebral, durante o parto e foi negligência médica é, devia ter feito uma cesariana...a minha mãe...e foi parto normal...e eu durante o parto engoli o liquido amniótico...o que fez com que eu...com que me afetasse as partes motoras e pronto... o meu percurso até à entrada da escola...hm isto do gravador...se fosses fazendo perguntas era mais fácil...

Investigadora- Quando foi para entrares para a escola como é que foi?

Isabel- Já na Pré-escola e assim tive uma professora de ensino especial, ela é que me matriculou na escola regular e eu sempre frequentei a escola regular. Do 1º ao 3º ano, eu estive acompanhada com a professora titular de turma e duas vezes por semana tinha acompanhamento de um professor de ensino especial...No 4ºano, o Centro de Paralisia do Porto achou que eu não necessitava desse apoio mas sim de mais tempo para fazer as tarefas, como fazer um teste tinha mais tempo... todas as tarefas eu tinha um pouco de mais tempo para executá-las. A entrada no 2ºciclo, primeiramente a minha professora do primeiro ciclo queria que eu fosse para um colégio que lá teria mais apoios, só que a minha mãe quis que eu fosse para outro colégio e então informou-se de quais eram os apoios que eu teria nesse colégio e de facto nesse colégio eu tinha todos os apoios, então eu entrei num colégio semiprivado, ainda é e os apoios que eu tive lá era: deram-me um computador e tinha aulas de apoio ou seja se tinha aulas de tarde, dois dias por semana, tinha aulas de apoio para complementar as aulas regulares... e foi assim até ao 9ºano. Neste sistema

as adaptações curriculares era somente mais tempo para fazer os testes, apenas...não tinha mais nenhuma adaptação...

Investigadora- Mas ao nível da forma como os professores ensinavam....ou mesmo da forma como o teste estava feito acha que seria necessário outra...?

Isabel- Adaptações?!

Investigadora- Sim!

Isabel- Não. Os testes que eu fazia eram exatamente iguais aos dos meus colegas não tinha diferenciação nesse aspeto...

Investigadora- E o apoio sentia que... que apoiava e que era uma ajuda...

Isabel- É assim... o apoio que eu tinha nem era específico para mim, ou seja, os alunos que tinham maus resultados frequentavam essas aulas de apoio. Achavam que seria melhor para mim para acompanhar a matéria, mas não era um apoio especializado no meu caso.(algum silencio) No décimo ano tive que optar por uma área para o qual queria seguir, optei por científico-natural. Na altura era assim que se chamava, nesse ano tive um entrave... no 10ºano, a questão de como é que eu iria trabalhar no laboratório, tendo um pouco de movimentos involuntários, seria...não era impossível, mas era mais difícil para mim manipular os objetos do laboratório. E então o colégio decidiu que a melhor área para mim era informática.

Investigadora- Mas não era isso que queria...?!

Isabel- Não era isso que queria mas...

(mudança de local)

... Se calhar para a próxima marcamos no gabinete em que eu estou que é mais sossegadinho.

Investigadora- E qual é aqui?

Isabel- No Departamento de Matemática. Estando lá é mais fácil, lá que é mais sossegadinho.

Investigadora- Está bem. Para a próxima vez nós vamos para lá. Pode continuar...

Isabel- Estavas a perguntar...

Investigadora- Do que elas acharam de ires para...informática

Isabel- Não era o que eu queria. Mas quando tu és confrontada com a penalização nas notas, quando ouves um professor dizer que poderia haver...ser penalizada nas notas, se a média conta... para entrares na universidade tu acabas por optar pela sugestão deles e foi isso que eu fiz.

Investigadora- Não havia outra forma de frequentar aquele curso ou de ser avaliada naquela disciplina?

Isabel- Pois...isso agora não faço ideia. (alguma hesitação) Depois correu tudo o normal como havia sido até ao 9ºano. Só tinha não tinha as aulas apoio...de resto...

Investigadora- E sentiu falta das aulas de apoio?

Isabel- De alguma forma reforçavam aquilo que davas nas aulas...era mais isso.

Investigadora- E sempre teve o desejo de ir para a universidade?

Isabel- O que eu dizia na altura à minha mãe, eu achava que ela não tinha possibilidades de me trazer numa universidade, porque eu desconhecia se havia bolsas de estudo, como é que era... então eu dizia que só queria experimentar um ano, para ver como é que era e claro, sempre quis ingressar no ensino superior.

Investigadora- E depois quando foi para candidatar, e nos exames foi necessário algum tempo...?!

Isabel- Sim nos exames nacionais eu tinha mais 30 minutos para fazer os exames nacionais. Na altura 4 porque, penso que agora, dá para optar por só fazer as específicas, mas naquele ano, em 2005, tínhamos que fazer as específicas todas, da tua área científica e os que eu tive era: a português, pedi para ser feito no computador, porque era mais rápido do que escrever à mão, as outras como envolviam cálculos, era...demorava muito tempo no computador e era mais fácil à mão. Na candidatura ao Ensino Superior a falta que eu senti foi a falta de informação da parte da minha...do meu colégio ao ingressar, porque eu não sabia que havia vagas de contingente especial, para cada curso, desconhecia isso. E na semana de candidaturas

tive de tratar de todo esse processo para ter direito a essas vagas específicas.

Investigadora- Mas na escola...no colégio que frequentou não deram essa informação?

Isabel- Não, não deram.

Investigadora- E não havia um Gabinete de Orientação Profissional ou ...

Isabel- Eu lembro-me que na altura até fui ter com uma pessoa direcionada na orientação, dois dias antes. E ela nunca me falou nisso, nesse contingente especial não sei se agora já informa.

Investigadora- E depois na candidatura, quando foi...Aveiro era a primeira opção? Quais foram as opções que...?

Isabel- Inicialmente era Porto. A primeira opção. Porque é assim como a área da informática já veio um pouco forçada, na minha primeira opção não foi essa área. Foi Educação de Infância. A minha primeira opção. Como Porto tinha os requisitos eu tive que me mudar para Aveiro e também ter aquilo...era o contingente regional que tens direito aquelas vagas. Por eu pertencer a um distrito de Aveiro, também ajudava numa percentagem a eu ficar logo colocada na primeira opção. Quando entrei cá em Educação de Infância foi outro impacto, tal como no 10ºano. Não disseram para me mudar de área. Quando eu cheguei aqui do primeiro ano disseram-me o mesmo, que não era o curso mais indicado para mim... só que eu fui persistente e continuei...

Investigadora- E porque é que não era o curso mais adequado?

Isabel- Devido à minha dicção, devido a ser diferente, e pronto foi basicamente essas as razões que... o lidar com pais iria ser muito complicado, como as crianças...o educador é a figura que a criança tem e como eu tinha estas limitações a criança poderia começar a imitar estas limitações. Mas acho que isso não é verdade pronto.

Investigadora- Mas disseste que persististe em manter-te nessa área...

Isabel- Fui até ao ano de estágio. Até ao 4º ano. No ano de estágio, a minha orientadora disse também que eu poderia ser penalizada... porque ao ser avaliada pelos mesmo critérios que as minhas colegas, poderia ser

penalizada por isso e então eu vi que realmente...e ela disse “se fosse pela tua persistência e dedicação tinhas 20”, mas se calhar ao ser avaliada pelos mesmos critérios poderia chegar ao final do estágio com um 8 ou um 9, ou seja, não fazia o estágio e não acabava o curso. Onde eu estive a estagiar fui muito bem recebida, tanto pelas crianças como pelos pais, mas o facto é que a sociedade de hoje, não está preparada minimamente para ter como educadora uma pessoa diferente, com certas limitações e iria ser uma constante batalha contra esse rótulo, que somos incapazes de fazer aquilo. E então eu confrontada com algumas dificuldades, não era que eu não fosse capaz, eu era capaz mas claro havia certas ocasiões que devido ao meu ritmo eu reagia de forma mais lenta e as crianças naquele momento precisavam de outra resposta e pronto. Foi mais o lado dos pais que me fez optar pela solução que deram cá. Que foi, ia fazer uma transição de curso, para Educação Básica, já em Bolonha, não havia estágio e eu se fizesse mais 5 disciplinas ficava com essa licenciatura, e foi o que eu fiz. Entretanto acabei essa licenciatura e fiquei como técnica de educação, nem docente, nem educadora.

Investigadora- E agora?! Está ainda a estudar aqui?

Isabel- Sim sim! Entretanto uma das minhas professoras falou-me que ia abrir o mestrado em Ciências da educação, na área de especialização em Educação Especial, uma área que eu sempre gostei de trabalhar porque acho que há muito a fazer na área da inclusão de alunos com necessidades especiais e no ano...eu acabei em janeiro de 2009 a licenciatura e em setembro estava inscrita no mestrado. E acabei em junho do ano passado. O mestrado. Neste momento estou cá a fazer o Programa Doutoral em Multimédia em Educação.

Investigadora- Estudou no mestrado mas em que área é que foi o mestrado?!

Isabel- Educação...

Investigadora- Sim mas especificamente...

Isabel- A minha tese um desenvolvimento de software educativo para crianças com necessidades educativas especiais, eu neste projeto quis

criar um software, um protótipo em que fosse acessível a um maior numero de utilizadores com necessidades educativas especiais como: cegueira, baixa visão, surdez, autismo, deficiência motora ou mental, quis que abarcasse todos os tipos de necessidades educativas especiais e foi esse protótipo que eu apresentei na minha tese.

Investigadora- Mas agora no doutoramento está... é uma continuação desse trabalho?

Isabel – Eu vou continuar mas vou me focar só numa patologia, porque fazer uma tese para...porque no doutoramento tu não implementas nada é a conceção que está por trás. A investigação. E se eu fizesse para todos não iria ser uma tese , mas sim várias teses. Eu tive que optar por uma que ainda está assim em vamos para ali ou não vamos.

Investigadora- E agora como é que esta a correr no doutoramento?

Isabel- Nesta fase estou no ano curricular... o primeiro ano é curricular, neste momento estou a ter duas disciplinas: que é metodologias de investigação e o projeto de tese que tenho que apresentar em Junho.

Investigadora- Em junho deste ano ?!

Isabel- Exato. O projeto, não...só depois de ser aprovado é que vai para a frente com a tese.

Investigadora- E também é próxima da Dr.<sup>a</sup> Gracinda? Trabalha..

Isabel- Sim.

Investigadora- A Ana sofia falou-me de um grupo que têm de dança... não sei se faz parte...

Isabel- Sim sim, faço parte! Do grupo de dança inclusivamente chamei uma colega para participar nesse grupo de dança. A Dr.<sup>o</sup> Gracinda é uma pessoa fulcral que apoia os alunos nesta universidade.

Investigadora- Então é um pilar aqui ...

Isabel- É, sem duvida.

### **Nota de Terreno I**

Neste primeiro contacto com a Isabel pudemos perceber-la como alguém bastante tímido e sensível. Inicialmente, mostrou algum

desconforto com o facto da sessão ser gravada, contudo ao longo do tempo acabou por esquecer esse pormenor.

A participante começou por falar da sua deficiência, de forma a melhor compreendermos as suas limitações presentes. De seguida, recorremos novamente à procura de abordar o percurso académico como forma de conhecer as experiências da Isabel neste contexto. A participante falou-nos dos apoios que usufruiu ao longo do seu percurso escolar, assim como de dificuldades/obstáculos vividos. Pudemos perceber que nem sempre lhe foi dada liberdade para escolher sobre o seu futuro, algumas opções foram impostas com base nas suas limitações. Porém, através desta situação foi-nos possível identificar a Isabel como alguém lutador e decidido quanto ao que desejava para si.

Apesar de sentirmos algumas dificuldades no desenvolvimento do diálogo, consideramos que esta sessão foi positiva, na medida em que podemos conhecer um pouco da Isabel e despertou-nos o interesse por desenvolver alguns pontos melhor.

## **Sessão II**

Transcrição II- Maio 2013

Isabel- A minha relação com os professores sempre foi muito boa. Sempre me deram mais tempo do que eu precisava, sempre tiveram esse cuidado e fizeram as adaptações necessárias para que eu conseguisse acompanhar o currículo normal. Em relação aos colegas claro que no ciclo, básico, sempre há um bocadinho daquela discriminação, como é normal mas eu sempre tive...também brinquei muito com eles não é? Mas sempre houve aquele, o deixar de parte entendes? E pronto, mas quando cheguei cá à Universidade, isso tudo mudou. Já não havia essa discriminação. Cá eu era apenas mais uma colega da turma, como as outras.

Investigadora- E alguma vez procuraste falar com os teus colegas sobre...manifestavas o teu desagrado por eles agirem de forma ou de te colocarem de parte?



Isabel- Não, nunca tive essa conversa. Porque não era sempre, não era. Mas sempre há essa, não é bem... é discriminação mas pronto.

Investigadora- E com os teus pais, eles procuravam acompanhar o teu processo na escola?

Isabel- Sim sim sempre.

Investigadora- E tens irmãos?

Isabel- Tenho um irmão mais novo. Com 11 anos. Fazemos diferença de quase 15 anos, de diferença de idades. A minha mãe nunca quis mais um filho, veio porque aconteceu, porque ela sempre teve muito receio de ter outro filho e que acontecesse o mesmo que a mim no parto.

Investigadora- E hoje no mestrado e assim como é que...costumas participar por exemplo naquelas atividades todas e semana académica e em praxes e assim participaste em alguma coisa?

Isabel- Sim, eu sempre fui à praxe, no meio primeiro ano cá, quando chegou também a altura de eu praxar, também sempre acompanhei as minhas colegas, sempre fui à semana do enterro com elas. Senti me integrada aqui na universidade.

Investigadora- Então e o teu trabalho como é que está a correr?

Isabel- Agora estou muito aflita com o trabalho.

Investigadora- Estas? Então?

Isabel- É muita coisa para fazer e estávamos a fazer trabalho a mais. E não era preciso aprofundar tanta coisa e agora o tempo escasseia...

Investigadora- Têm que reduzir...

Isabel- Temos que reduzir e temos que...nós...perdemos muito tempo com uma coisa que não era necessária e agora o tempo escasseia para fazer o resto.

Investigadora- E é apresentação que tens de fazer? Ou é só entrega ?

Isabel- Entrega e apresentação!

Investigadora- Até ao fim de Junho?

Isabel- Não, este é até ao fim de maio. O que tenho de entregar até ao fim de junho nem comecei. Só tenho a pesquisa feita.

Investigadora- Então e de certo que já tens alguns planos para o teu futuro quando terminares...

Isabel- Isso é uma pergunta difícil. Porque tu nunca sabes o dia de amanhã, claro que tens expectativas para o futuro não é? Arranjar um emprego, mas não sei o dia de amanhã.

Investigadora- Mas não tens assim nenhuma área ou nenhum sítio que tu gostarias de ir trabalhar?

Isabel- Claro que tenho. Tenho uma instituição para crianças com necessidades especiais, ou numa escola, tenho essa expectativa que num futuro próximo consiga alcançar.

Investigadora- E alguma vez tirando estágios que fizeste e assim, alguma vez estiveste inserida em alguma instituição, género voluntariado ?

Isabel- Não, nunca estive.

Investigadora- E gostavas?

Isabel- Sim. Mas como aqui eu vim para este projeto por convite de uma professora e estou cá à 3 anos e ainda não recebi nada. Estou a trabalhar como voluntária, digamos assim.

Investigadora- Que é a bolsa de doutoramento que recebes não é?

Isabel- Não, não recebo nada.

Investigadora- Que seria de receber.

Isabel- Exatamente. Ou bolsa de doutoramento ou outro tipo de bolsa.

Investigadora- E vives aqui em Aveiro ou és de ?

Isabel- Não. Eu vivo em nogueira de Regedoura, concelho de Santa Maria da Feira, mas durante a semana vivo cá na residência.

Investigadora- E como é que é na residência com os teus colegas?

Isabel- É bom, é bom. Claro que não convivo assim muito com eles porque saio de manhã e entro à noite, mas é agradável.

Investigadora- Então e tens outras atividades aqui fora da universidade? Ou ao longo do teu percurso foste tendo algumas atividades ou alguma desporto?

Isabel- Sim eu durante aproximadamente 11 anos, pratiquei Natação Adaptada. E fui atleta de competição desde 2000 até 2009 ou 2010, mais ou menos.

Investigadora- E como é que te sentias quando estavas na natação, quando praticavas?

Isabel- Era muito bom, porque havia um convívio muito grande entre os atletas e pronto... toda a gente diz pessoas com alguma incapacidade que dentro de água, não há limitações, dos movimentos. Sentias-te livre ao praticar essa modalidade.

Investigadora- E porque é que deixaste?

Isabel- Eu deixei no meu ano de estágio, porque não tinha tempo para conciliar, desporto e o estágio e também os horários dos treinos, principalmente ao Sábado não me agradava assim muito. Eu tive uma conversa com os treinadores dizendo que não me podia comprometer a ir sempre aos treinos uma vez que tinha que planificar, estar em estágio o tempo iria ser reduzido. Eles não compreenderam isso, que eu tinha que optar por uma coisa ou outra. Porque eu disse que não podia ir sempre aos treinos que iria ser complicado. Eles não aceitaram isso, eu vim-me embora. Mas hoje é o dia que quando há provas cá perto eu vou vê-los nessas competições.

Investigadora- Então tens algumas saudades?

Isabel- Claro, fica sempre a saudade. Daquela adrenalina antes da prova.

Investigadora- Então agora não praticas nenhum desporto nem...

Isabel- Não não.

Investigadora- Outra questão que eu gostava que me falasses um bocadinho era do teu trabalho que fizeste no mestrado creio eu...foi do software educativo.

Isabel- Para crianças com necessidades especiais. Queres que fale como é que ..?

Investigadora- Basicamente em que é que consiste e qual é o objetivo de ...

Isabel- O objetivo era implementação de um software que fosse acessível a todas as crianças, desde autistas, cegueira, baixa visão, surdez,

deficiência motora e mental. Para já o que temos é só um protótipo em que no perfil da acessibilidade invisual, acessibilidade apenas com o teclado, uma vez que os utilizadores invisuais não utilizam o rato e então em cada atividade têm acessibilidade através do teclado apenas. No perfil baixa visão, temos a opção do alto contraste, no perfil dos autistas para já, temos as atividades, os enunciados nas atividades são com símbolos para comunicar uma vez que facilita a interação com esse tipo de alunos, no perfil para deficiência auditiva temos acoplado a língua gestual, vídeos em língua gestual, para motora temos o varrimento ou seja é, percorre célula automaticamente cada campo e quando a criança em qualquer parte do ecrã clica e a peça vai automaticamente para o lugar correto. Na deficiência cognitiva simplificamos o enunciado para ser de fácil compreensão. Este projeto como é que era gerido? Era uma equipa multidisciplinar, aqui nesta sala em que eu produzia os conteúdos, mandava para a designer e depois a designer passava para o programador e no programador dava as indicações como é que deveria ser implementado para cada perfil de utilizador. E foi assim que foi feito.

Investigadora- E agora tas a desenvolver mais um campo?!

Isabel- O perfil para o autismo. Que será no próximo ano.

Investigadora- E gostarias que isso viesse a ser mais desenvolvido e que fosse possível...

Isabel- Eu gostaria que isto chegasse ao mercado de vendas, não para venda mas que chegasse a estas crianças o produto final e que fosse um produto que de alguma forma ajudasse esses alunos no desenvolvimento de competências na área da Matemática.

Investigadora- Mas pensas que isso seria uma mais valia nos jovens e pessoas...

Isabel- Sim. Nós até temos, até queremos que seja produto não só para as crianças com necessidades especiais, mas sim que seja um produto para todos. Não só para esse público específico. E que todos possam ter acesso por exemplo a uma mesma atividade mas consoante o seu perfil adaptar a esse perfil.

Investigadora- E tu conversaste sobre isso com a Dr.<sup>a</sup> Gracinda, ela gostaria de...ela tem interesse por essa vertente?

Isabel- A Dr.<sup>a</sup> Gracinda sabe, porque até ela foi assistir a minha defesa do relatório. É assim para...ela acha interessante mas como o trabalho dela é cá na universidade para alunos do ensino superior, para ela não tem muito interesse uma vez que é para o 1º e 2º ciclo.

Investigadora- Em relação aqui à universidade tu pensas...achas que a universidade é inclusiva e consegue oferecer todas as condições necessárias para pessoas com qualquer tipo de necessidade?

Isabel- Sim. Eu penso que sim. Qualquer tipo é que como a Dr.<sup>a</sup> Gracinda diz, aqui a área dos surdos ainda esta muito por arranjar mecanismos que permitam um acesso a pessoas com surdez a universidade. Mas eu acho que esta universidade é inclusiva, porque qualquer limitação que o aluno tenha tenta sempre resolver da melhor forma, por exemplo...alunos em cadeira de rodas, não tinham acesso a um ou outro ou vários departamentos, fez-se rampas, melhorou o acesso as casas de banho. Em termos de material para estudo no caso dos alunos invisuais a biblioteca que dá o apoio necessário a esses alunos, portanto penso que é bastante inclusiva.

Investigadora- Mas e em relação as pessoas com deficiência intelectual?

Isabel- Bem... é assim não sei se é de alguma forma elas chegam até este nível. Depende do grau que seja. Porque para chegar ao ensino superior, tem que se ter algumas competências e nem todas as crianças ou jovens com essa capacidade, com essa incapacidade têm competências para chegar até aqui. Mas se chegassem eu penso que teria que haver adaptações ao currículo.

Investigadora- Sim se eles chegassem...achas que de alguma forma seria possível que eles estivessem inseridos no contexto do ensino superior, mas no apoio de tornar as teses mais acessíveis para pessoas com deficiência, mesmo frequentarem alguma licenciatura mas de uma forma mais...com adaptações...

Isabel- Tudo é possível. Não estou a dizer que é impossível, mas se calhar uma licenciatura é tao teórico, é...mas se calhar há outras alternativas que favoreçam mais esses alunos, como cursos tecnológicos superiores, que também esta acoplado à universidade. Eu penso que em Águeda, o Instituto superior de Águeda tem esses cursos mais práticos. E talvez isso seja um caminho melhor ou mais acertado para esses alunos.

Investigadora- Mas por exemplo as pessoas que têm algum tipo de deficiência e querem aceder ao Ensino Superior, eu recordo-me que tu na altura falaste que alguma informação tu não sabias.

Isabel- Exato.

Investigadora- Tu achas que há alguma falta de ...não digo de comunicação mas que essas condições e o acesso ao ensino superior não está bem claro ou não é, as pessoas com deficiência não são bem informadas à cerca disso porque há algumas pessoas com deficiência que não têm a ideia que possam aceder ao ensino superior e achas que há alguma falha nesse...?!

Isabel- Eu acho que isto tem de partir das escolas, essa informação. Não é? Se esta no 12º e têm tudo para prosseguir os estudos, a escola deve responder a esse aluno de forma a orientá-lo para o ingresso no ensino superior, mas também há...eu recordo que já houve alunos que ingressaram cá e não quiseram aceder ao contingente especial de acesso ao ensino superior. Concorreram como qualquer outro aluno normal não quiseram o contingente especial. São livres de optar ou não por isso.

Investigadora- Então seria importante que houvesse informação da parte da escola ... (Isabel- sim) e mesmo ...

Isabel- Ou então os próprios alunos procurarem essa informação, junto das universidades ou na internet.

Investigadora- Pois mas por vezes essa informação não esta disponível ou não está muito clara para os alunos consultarem.

Isabel- Pois também é verdade.

Investigadora- Se eles tivessem um apoio ou uma pessoa ou um grupo ou que fosse que pudessem esclarecer todas as dúvidas deles...

Isabel- Claro seria importantíssimo.

Investigadora- E sentiste falta disso na...

Isabel- Senti porque recordo me que quando cheguei a semana das candidaturas é que soube de todo o processo necessário para isso. Que precisava de atestados e eu não tinha. Na altura tive que agilizar tudo em 4 dias, em 4 dias... e se fosse informada antecipadamente seria melhor.

Investigadora- E conheces mais algum colega que também existido essa falha?

Isabel- Não sei nunca questionei os colegas sobre isso. Eu senti porque recordo me que fui na semana antes ter com a psicóloga do colégio e ela não me informou ou se calhar eu também não perguntei. Mas se tu desconheces como é que vais questionar sobre isso? Muitas vezes eu penso que pessoas com alguma incapacidade têm regalias, vantagens sobre qualquer coisa, e isso não está visível. Não são dadas essas informações.

Investigadora- E é isso que devia ser.

Isabel- Exato.

Investigadora- Estar claro para ...

Isabel- Exato.

Investigadora- Muitas pessoas poderão até...não digo desistir mas não se candidatar ao ensino superior, por ...

Isabel- Por falta de informação.

Investigadora- Achas que isso deveria partir da universidade, da escola ou de ambos?

Isabel- Eu penso que a universidade cá envia um email para todas as escolas porque há um dia ou dois, dedicados com a Dr.<sup>a</sup> Gracinda para alunos que queiram conhecer a universidade, conheçam o que há cá. Que adaptações há. Se é acessível ou não. Eu penso que essa informação chega às escolas, agora também tem de ser as escolas a informar esses alunos para isso que tem que ser um pouco de ambos. Mas mais das escolas e também o aluno tem que procurar por vezes essa informação.

Investigadora- Sim será importante, mas muitas vezes o aluno como têm a falta de informação, procurar algo que não têm acesso, se isso não for falado na escola e quando eles estão a acabar o secundário, eles acabam por ficar um bocado fora...

Isabel- Isso acontece também. Mas penso que tem que se melhorar o acesso a essas informações.

## **Nota de Terreno II**

Nesta segunda sessão, tivemos em consideração o facto da Isabel se sentir um pouco inibida em conversar connosco e então procurámos deixá-la o mais confortável possível e desenvolvemos o diálogo de maneira a ir conhecendo um pouco melhor a nossa participante em outros aspetos da sua vida.

A Isabel começa por nos falar sobre a sua relação com os colegas na Universidade, em que demonstra alguma pena por não conseguir estar mais tempo como desejaria com os colegas. De notar que nem sempre a nossa participante se sentiu inteiramente integrada junto dos colegas, por vezes sentia que estes a colocavam de parte.

Ao longo desta sessão tivemos a oportunidade de conhecer o trabalho desenvolvido pela Isabel, quer ao nível do Mestrado, quer do Doutoramento, em que pudemos perceber o quanto é dedicada à vida académica e o que isso significa para si. Porém, Isabel deu-nos a conhecer outra experiência de especial importância na sua vida, a natação. Notámos que fala das suas vivências na natação com entusiasmo, mas também com alguma nostalgia por ter abandonado esta atividade. Sendo a Universidade e Natação Adaptada duas atividades que lhe ocupavam bastante tempo, viu-se forçada a optar por uma delas.

Mais uma vez, a Isabel dá-nos a conhecer um pouco da sua visão sobre a forma como o ensino lida com as pessoas com deficiência, sendo este um elemento interessante na análise da sua narrativa.



### **Sessão III**

Transcrição III- Junho 2013

Contato via e-mail

Investigadora

*“Olá Isabel !*

*Como estás ?*

*Sei que agora o tempo é um pouco apertado e fica complicado para marcarmos uma hora, propunha-te o seguinte: que durante um dia ou uma semana, como preferires, escreveres como que fosse um diário do(s) teu(s) dia(s), em que partilhasses os que sentes, receios, medos, oportunidades, em suma...aquilo que sentes no teu dia -a- dia passares para o papel. Gostaria que me enviasses até ao fim do mês, não precisa ser nada elaborado, mas qualquer dúvida fica a vontade para me ligar ou enviar e-mail.*

*Obrigada pela tua disponibilidade.*

*Tatiana”*

Isabel

*“Olá Tatiana! Como estás?*

*Envio em anexo o que me pediste. Se não for o pretendido, peço que me informes.*

*Peço desculpas pelo envio tardio.*

*Votos de bom trabalho e boa sorte.*

*Isabel”*

### **Diário**

*No nosso dia-a-dia são vários os sentimentos que nos assaltam o modo como vivemos. Neste sentido, irei aqui partilhar alguns dos receios, oportunidades e motivações que sinto. Os meus receios prendem-se com o medo de ser discriminada por algum motivo, não ser aceite por exemplo num grupo ou num emprego devido às minhas limitações físicas e não*

*valorizarem as minhas competências. Isto leva muitas vezes a um sentimento de revolta, ao ver uma sociedade que não aceita as diferenças e que comete inúmeras injustiças perante cidadãos com deficiências. No meu dia-a-dia tenho sempre em mente o medo de não conseguir realizar-me pessoalmente e profissionalmente, mas este sentimento é um sentimento partilhado por muitos de nós.*

*Contudo, para contrariar estes sentimentos há a força de vontade, a força de lutar e vencer os obstáculos que são colocados pela sociedade e seguir em frente sem medos para alcançar os objetivos que tanto anseio. Se não fosse a força de vontade que vem dentro de mim para derrubar todas as barreiras, o apoio da família e acreditar que consigo, não teria chegado aonde cheguei a nível académico. E é esta força que me move e não me deixa desistir para que um dia seja realizada profissionalmente e alcançar todos os meus sonhos e objetivos. e alcançar todos os meus sonhos e objetivos.*

*A vida está cheia de desafios que quando aproveitados transformam-se em oportunidades. As oportunidades vão surgindo ao longo da vida e à que saber aproveitá-las, o que nem sabemos fazer. Para mim as oportunidades que surgiram na minha vida foram a ida para a nataçao adaptada e a entrada na universidade, o que permitiu melhorar as minhas aptidões físicas, académicas e sociais. Quero acreditar que num futuro próximo novas oportunidades irão despontar e espero agarrá-las com toda a força e empenho e nunca baixar os braços do que realmente anseio.*

*Isabel Santos*

*17 de junho de 2013”*

### **Nota de Terreno III**

Como pudemos perceber nas sessões anteriores, a Isabel é uma pessoa bastante tímida, por diversas vezes, sentimos que havia muito mais a desenvolver mas nem sempre a nossa participante se sentia confortável e liberta para isso. Neste sentido, optámos por propor esta

atividade à Isabel de maneira a conhecer um pouco sobre o seu dia-a-dia assim como os sentimentos despertados em diversas situações.

Outro aspeto que considerámos nesta atividade, passou por assumirmos que, por vezes é mais fácil expressarmo-nos através da escrita, então desta forma a Isabel poderia organizar melhor o seu pensamento e o que desejava partilhar connosco, o que por vezes no momento do diálogo é mais complicado.

Gostámos bastante do resultado final, na medida em que nos possibilitou obter uma visão mais aproximada e interna sobre a forma como a Isabel encara o seu quotidiano. Esta atividade simboliza um elemento essencial na nossa procura de captar a essência da participante.

#### **Sessão IV**

Transcrição IV – Setembro 2013

Isabel- O ano curricular terminei em Julho...eu estive de férias e agora retomei o trabalho...

Investigadora- E agora em que fase é que estas?

Isabel- É a tese!

Investigadora- E então está a correr bem ?

Isabel- Neste momento estou sem saber por onde começar...

Investigadora- Pois é aquela fase que queremos tudo e não sabemos bem...

Isabel- Há muito para fazer mas por onde começar... Amanha vou ter reunião com as orientadoras a ver se vejo uma luzinha.

Investigadora- Então e o Verão como é que foi ? O que é que fizeste?

Isabel- Fui viajar com uma colega minha do doutoramento e depois fiquei por casa.

Investigadora- E como é que correu a viagem ?

Isabel- Correu bem. Fui a Paris e fui a Bruxelas também.

Investigadora- E gostaste?

Isabel- Gostei.

Investigadora- Foste tudo de avião ou foste de comboio ?

Isabel- Para lá fui de avião. Paris e Bruxelas de autocarro, e depois de Bruxelas para cá foi de avião. Foi giro, uma experiência nova.

Investigadora- Mas foi a primeira vez que viajaste assim sozinha ?

Isabel- Sim.

Investigadora- Mas já tinhas viajado antes com os teus pais?

Isabel- Não não. Primeira vez. Foi uma estreia em grande.

Investigadora- E gostaste de andar de avião?

Isabel- Gostei.

Investigadora- Há muita gente que tem receio ou..

Isabel- Receio...eu até pensava que ia lá muito tensa, mas não...

Investigadora- Ias tranquila.

Isabel- É.

(Acerca dos seus gostos e hobbies)

Isabel- Eu posso dizer que não tenho uma vida social ativa o quanto gostaria. É. Eu gostava de ter o meu grupinho de amigos ao fim de semana mas por vezes isso não acontece. E o que é que eu gosto de fazer ?!

Investigadora- Mas não acontece porque nem todos têm possibilidade de se juntar ou porque?

Isabel- É assim quando vens para a universidade perdes por vezes a ligação com as pessoas de lá e depois o meu grupo de amigos cá, da licenciatura já têm as suas vidas e moram um em cada sítio, torna-se difícil juntarmo-nos. Além disso, acontece uma vez por ano estarmos juntos. Mas vou sempre convivendo.

Investigadora- E mesmo através da internet ou assim costumam falar?

Isabel- Sim sim.

Investigadora- E os teus gostos e hobbies?! O que gostes de fazer além de estar aqui.

Isabel- O que é que eu gosto de fazer?! Hm, natação...não sei se já falámos que eu fui atleta...

Investigadora- Sim, disseste-me. Mas costumavas fazer ainda de vez em quando?

Isabel- Não. Mas nas férias que vou assim para a piscina e...mas deixei mesmo. Tenho pena de ter deixado mas não se proporciona ir para a piscina. Os meus hobbies?! Sei lá...ir às compras.

Investigadora- Em casa o que é que costumás fazer? Costumas ver televisão?

Isabel- Sim. Gosto de ver televisão. Além de ter a arrumação da casa para fazer. E pronto, o meu tempo basicamente em casa é arrumar a casa, ver televisão, é conversar com a família. Passa muito por aí.

Investigadora- Então e agora que viajaste não ficaste com o bichinho de conhecer outros países?

Isabel- Claro. Claro que ficou um bichinho.

Investigadora- Já era um desejo que tinhas antes, de ir a Paris e assim?

Isabel- Não. Claro que sempre sonhei viajar, conhecer outros países, mas isto foi um convite inesperado de uma amiga do doutoramento. E ela disse olha já tenho viagem marcada, tens que ir. Eu nem cheguei a dizer que ia.

Investigadora- Ias e pronto. E o que é que destacas dessas duas viagens? Para Paris e para Bruxelas?

Isabel- O que é que destaco como assim?

Investigadora- O que gostaste mais...

Isabel- Ah...conhecer a cidade, ver os monumentos...uma outra cultura. Um sítio grandioso.

Tatiana- Tanto Paris como Bruxelas comparado aqui com o nosso Aveiro. A Paris nunca fui mas já tive em Bruxelas e sei que é assim uma dimensão um bocado...

Isabel- É. Foi bom.

Investigadora- E assim agora um sítio que tu gostasses de ir. Um país ou uma cidade.

Isabel- Também tenho o desejo de conhecer bem o nosso país. Porque eu não conheço assim o nosso país e há sítios belíssimos cá também.

Investigadora- Sim.

Isabel- Mas se um dia puder é claro que voltar a viajar é um sonho.

Investigadora- O que é que já conheces aqui em Portugal ?

Isabel- Muito pouco. Já fui a Lisboa mas nunca fui à torre de Belém, nem ao Mosteiro dos Jerónimos...e gostava de conhecer. Mais? Fui quando eu ia em campeonatos, mas assim como turista nunca fui. Eu conheço Chaves que o meu pai é de lá. Mais? Já fui ao Algarve passar férias, há 12 anos. Mais? Porto claro.

Investigadora- E mais para Norte não conheces assim...

Isabel- Sem ser Chaves. Vila real. Já estive no Gerês mas foi de passagem. Ah Viana do Castelo.

Investigadora- E agora não serias capaz de te aventurar com uma amiga?

Isabel- Depende. Tenho vontade disso, mas a minha timidez por vezes não me deixa e também a pensar nos custos que isso traz muitas vez. “Ah vou gastar isto que faz falta”. Não. Deixo pra lá.

Investigadora- Então e situações que tenham sido marcantes na tua vida? Queres partilhar alguma?

Isabel- Marcantes... o nascimento do meu irmão, foi sem dúvida um marco importante. Mais...porque eu já tinha 14 anos, quase 15 quando ele nasceu...

A entrada na universidade também posso dizer que foi um marco importante porque de certa forma, foi uma nova etapa, porque senti mais ligação com as pessoas. Enquanto que até ao secundário eramos amigos...colegas de escola. Aqui não, senti uma maior união, mais aproximação das pessoas. Nem tanto a discriminação que há até ao secundário. Acho que aqui vêm as pessoas especiais como ditas normais. Não vêm tanta diferença. E isso também marcou mais.

Investigadora- Este ano não participas em nada das praxes?

Isabel- Não. Isso já foi em outro tempo. O tempo da licenciatura.

Investigadora- Mas gostavas de ainda ir alguma vez ou já perdeste o..

Isabel- Não. Acho que agora é uma nova etapa. Claro que não estou a dizer que não possa ir um dia ou outro vivenciar a vida académica. Juntar um grupinho vamos lá. Mas ir para praxes não.

Investigadora- Pois já não estás tão inserida aí.

Isabel- Não. E já não tens o teu grupo de praxe. Que vais perdendo ligação com quem praxas.

### **Enviado por e-mail após a sessão**

A Isabel define-se...

Considero-me uma pessoa meiga, calma, simpática, persistente, lutadora por aquilo que acredito, sonhadora, amiga do seu amigo, sempre disponível para ajudar os outros, tímida.

### **Nota de Terreno IV**

Nesta sessão optámos por conhecer mais sobre a Isabel e o seu quotidiano fora da universidade. Como forma de iniciar o diálogo propusemos à Isabel falar-nos um pouco sobre as férias de Verão, ela desde logo referiu a sua viagem a Paris e Bruxelas e o quanto adorou a experiência. Esta foi a primeira viagem da Isabel para fora do país, então o seu entusiasmo ao relatar-nos esta nova aventura foi notório. Percebemos como gostou de conhecer uma nova cultura, país e pessoas, assim como o desejo de voltar a repetir a experiência.

Nesta linha, questionámos a Isabel sobre os momentos mais marcantes da sua vida, em que destacou a entrada para a universidade e o nascimento do irmão. Com base no que a Isabel nos relatou sobre os seus tempos livres e os aspetos mais importantes na sua vida, tivemos a oportunidade de perceber o quanto dá importância à sua família.

Por fim, e tendo em conta que estamos na fase final da construção dos retratos propusemos à Isabel que mais tarde nos enviasse um documento com algumas fotografias suas na natação ou com algum significado especial, assim como uma breve definição de si própria. E ainda, procurámos perceber como a Isabel gostaria que fosse o seu retrato e se tinha alguma sugestão. Com esta sessão tínhamos o intuito de entrar em contacto com aspetos mais pessoais e íntimos da Isabel de maneira a obter elementos para a construção o mais autêntica possível do seu retrato.

## **Anexo III**

---

**Participante: João Paulo**



## **Sessão I**

### **Transcrição I- Abril 2013**

João Paulo – É o seguinte: a nível do percurso escolar, eu acho que antes disso, acho que é importante referir que o núcleo familiar é muito importante! Porquê? Porque...é o seguinte se os pais e neste caso a minha mãe, mas se a minha mãe...me olhasse de uma maneira de um coitadinho ou que em casa que...infelizmente ainda há esse preconceito e eu conheço...a escola ia ser completamente diferente. Já se na família, sim senhor! Encarar que...pronto a minha limitação é esta, mas...que sou uma pessoa, sim senhor, com limitações mas que sou capaz, perfeitamente de fazer coisas como uma pessoa dita normal, que...isto de...pessoas ditas normais tem...hmm...eu rio-me! Porque acho que nem somos normais nem somos anormais, somos pessoas! E eu ou os meus colegas que andam em cadeira de rodas tem a felicidade ou infelicidade, eu até nem sei se é felicidade ou se é infelicidade! Ao momento que caminhar é bom mas sinceramente às vezes quando olho para certas vidas...estou muito...estou melhor se eu sou capaz de fazer isto melhor do que eles pronto...! A minha vida escolar...eu sempre fui um bocadinho cri...hmm... eu não queria usar a palavra crítico, eu sempre fui uma pessoa que se tu tinhas o direito de fazeres isto... porque é que eu não tinha? Pronto !

E isto começou logo na primeira classe, que no final das férias...isto quando nos somos miúdos, putos, hmm somos, queremos todos igual e as vezes como temos alguma limitação, as vezes torna-se muito complicado, mas pronto... ! Ou seja, as aulas, eu tive as aulas normais, sempre tive! Mas nesse primeiro ano marcaram as férias, um passeio à praia... como costumam fazer habitualmente, acho que se faz alguns passeios à praia ou...e o meu espanto foi que estavam a fazer todos as minhas escondidas, a sorte é que eu tinha um primo também lá, e ele estava todo contente e eu ouvi...pronto nessa altura né?! Eu no dia seguinte cheguei à escola e as professoras acho que...naquele dia pareciam alunas, que eu, um puto sei lá, de 7/8 anos a dizer “Olhe tenho o mesmo direito que os outros!” elas

calaram-se! E a partir daí olhe... nessa vez não fui, até que a minha mãe depois recompensou-me, teve que ir ela comigo pronto. Mas a partir daí “Olhe desta vez eu não vou mas se houver mais alguma coisa e se eu não for eu faço um escândalo. Que eu estudo, que eu faço os TPC’S, que eu faço tudo igual...portanto considero que tinha todo o direito de ir ao passeio” pronto foi por aí! Mas a turma também era acolhedora e eu até ao 4ºano pronto só houve esse conflito, pronto! Fiz tudo no ensino normal obviamente que tive...por exemplo se havia duas horas semanais de português, eu se calhar tinha duas horas mais uma hora sozinho. Mas também se formos a ver...há hora de apoio para pessoas ditas normais, que têm dificuldades...até aqui as OT’s. quando vou a uma OT, mas aqui é raro ir a uma OT mas... quando vou não só estou lá eu, está ‘n’ pessoas...pronto! No...pronto...do 5º...pronto isto foi até ao 4º ano. Depois do 5º ao 9º ano foi noutra escola, é assim não senti...mais uma vez tive de combater ali uma coisa e acabei por ganhar e acabei por convencer que estava certo, ou seja, eu era uma pessoa e costumo dizer e ainda afirmo, apesar de agora, se calhar daquilo que eu sei, daquilo e da experiência destes 28 anos que eu tenho já se calhar, já não faria bem assim... eu sempre fui uma pessoa que tive notas razoáveis, não sou um aluno de 5, assim em todas as cadeiras, também não sou um aluno de negativas assim 4 negativas...não! Eu sou um aluno mediano e até aqui na universidade. E hm.. pronto! Mas nessa altura nós...pessoas com deficiência motora e não só, pronto...mas...nós temos o chamado professor de ensino especial que...pronto...que ajuda a melhorar nos testes, a escrever, neste caso, eu não consigo escrever...no meu caso não é escrever que eu não consigo escrever ou faço no computador ou dito, ditar é mais rápido e pronto...facilita ali um bocado mas o facto, o facto é que esse professor, de facto em vez de ajudar, não estava a ajudar muito. Ele queria que eu fizesse em dois anos um ano. E eu na altura exaltei-me (peço desculpa) eu era uma pessoa que se eu caminhasse, se eu não tivesse limitações, eu chegava ao 9º ano e com certeza que fazia como o meu primo.

Eu tenho algumas referencias, não sei se é por alguma proximidade...ou uma infância e esse primo pronto era ele que me ajudava em várias coisas, era ele que pronto...também era do meu gênero, ele tinha notas, safava-se mas pronto...eu não. Eu já pudesse ter um 4 em vez de um 3, fazia o esforço, mas ele não! Ele fazia o esforço para ter ali um 3, ou seja, as vezes as notas era 'satisfaz', 'satisfaz pouco', 'satisfaz mais' era mesmo ali para passar e já graças a Deus! E chegou ao 9º ano e parou...é assim fez bem não fez?! Não sei! Ele agora está na Suíça, acho que está feliz e sinceramente a vida é de cada um e portanto...ele sinceramente eu acho que iria...senão tivesse a limitação que tenho...mas..hmm foi uma etapa difícil, foi convencer que eu conseguia fazer as cadeiras num ano, e também o que é que me passava pela cabeça, é que eu não conseguia compreender o seguinte e daí metia-me confusão. Bem até ao 9ºano são 'x' anos, se eu fizer um ano em 2, vai para o dobro, portanto não! Nem tal coisa eu quero! Isto se chumbar...sou como os outros há muitas pessoas que chumbam, e podiam passar perfeitamente portanto se chumbar não há aí...pronto ...no 5º ano eu disse 'não não não' e ganhei no 6º, voltou-me a propor isso e eu disse 'não não não' e pronto! Embora que também tinha o apoio do outro professor que pronto graças a Deus, há sempre assim uns apoios laterais que ajudam a combater, digamos a combater o inimigo, mas não é inimigo! Pronto! Em relação a turma...sinceramente confesso não havia preconceito, não havia... podia haver um aluno ou outro que não se identificaria mas o normal, eu também...se calhar não te identificas com algumas pessoas e eu também não me identifico com algumas pessoas, é normal! E foi sempre uma...eu tive sempre uma relação de...boa na turma... tipo puxar por mim...a própria turma puxar por mim. A própria turma quando... as escolas não têm grande acessibilidade, se calhar o único ponto negativo acho que é esse...mas as acessibilidades acho que não vale a pena entrar por este prisma, porque até aqui na cidade de Aveiro, embora eu considere uma cidade das melhores acessíveis, ainda encontro muitos obstáculos...eu para ir para a estação não tenho que fazer nenhuma volta, mas para não

ter nenhuma volta, tenho uma cadeira que consegue subir degraus de 5 a 10 cm, e pronto isto facilita...pronto, mas relativamente a professores pronto, relativamente a professores houve uma história que sempre que me é abordado este...pronto o que é pedido para falar sobre a escola eu conto este episódio que eu agora digo “Coitada da professora” mas na altura eu e a turma ficámos todos revoltados, pronto nós como disse...e só para antes de ir a essa historia, eu tenho uma foto, não sei onde esta mas, eu ainda me lembro perfeitamente, estou aqui a falar e estou a visualizar, no 4º ano eramos 5, 5 ou 6, então dois colegas, um sentava-se aqui (aponta para um braço da cadeira de rodas) em cima dos braços da cadeira, outros dois sentados nos patins, eramos 5, e outro ficava aqui atras e eu no meio. É assim a amizade que eu tinha era muito, muito boa eu no 5º ano , apesar de ter mudado de escola e de mudar de...pronto de turma e de conhecer novos alunos, a primeira semana é sempre...até para vós, para todos é sempre aquela semana do “Deixa-me estar aqui com os olhos abertos que...” pronto. E de facto relativamente aos alunos eu sinceramente não tenho razão de queixa...isto até ao 9ºano, relativamente as professoras, não tenho razão de queixa, mas houve uma cena um bocadinho caricata e até costumo dizer ‘Gosto disto’ porquê? Porque nós a escola reservou uma sala só para a turma, ou seja porque eu tinha lá o computador, tinha lá tudo, ainda nem sequer me imaginava num portátil, portanto esquece. Como eu tinha computador tinha tudo a sala era, não queria dizer que era exclusiva, porque havia lá outros também...não nas alturas que eu tinha aulas, certo...a sala nos intervalos nós em vez de sairmos ficávamos lá, a falar ou até não é um belo exemplo mas a jogarmos cartas ou até a acabar um trabalho, ou pronto, ficávamos e em algumas horas mortas ou eu ia para lá e estava a estudar e etc.,. E de facto no 6º e no 7ºano nos juntávamo-nos todos dentro da sala de aula, a professora de português ou de inglês, acho que foi de inglês. Entra ‘Bom dia meninos’ e dá assim uma visão pela sala toda e quando chega...eu isto nunca mais me esquece...quando chega a minha...quando os olhos tocaram em mim, a reação...eu hoje sei e percebo, mas a reação foi

exatamente esta.... Ela tinha pousado a mala na secretária, ela a reação foi...pegou na mala e saiu, mas não disse mais nada e foi direita ao Conselho Executivo. Pronto é assim acho que já estás a imaginar, acho que te posso tratar por tu, acho que já estás a imaginar, a turma que era...as minhas turmas não sei porque sempre foram um bocado rebeldes, porque? Eu agora passo, eu por acaso agora que ando aqui na universidade, faço uma análise e havia pess...se calhar havia uma ou outra coisa que os meus colegas não gostavam que fizessem troça de mim ou então às vezes a aproveitar se da situação mas de facto eram um bocado aquela turma muito, era não sei se tens aquela ideia de ah a turma A é a santa e a turma C é aquela a destruidora e é por causa da turma 'x' que nos não vamos ao passeio ou é pronto...enfim! Pronto e de facto automaticamente aconteceu este cenário, a turma começou logo a dizer 'mas o que é que tu tens?', 'fizeste alguma coisa?', fiquei surpreendido, aliás eu inicialmente fiquei sem reação porque ela riu-se para todos olha para mim e parece que entupiu, ou não sei... pronto! A sorte é que pronto estava a minha professora de Educação Física...já tinha levado comigo, salvo seja, já me tinha dado aulas no 5º, 6º, e queria que ela fosse comigo até ao 9º ano, por mim está-se bem pronto. E ela por acaso na altura estava a passar, viu aí uma barulheira, chegou perto do Conselho Executivo e deu sinal "Hey", mesmo ao estilo de professoras "Hey pessoal o que é que se passa?". "Então a professora chegou cá..." e "Calma calma calma" lá começámos todos calmos "E se ouço um barulho que seja vão todos na próxima aula de Educação Física andar a correr à volta à pista" pronto! Todos se calaram! E ela foi num instante ao Conselho Executivo e ela própria chegou lá e começou a brincar e começou-se a rir, pronto! É assim e a complicação que eu senti foi não houve da parte da Diretora de Turma ou do Conselho Executivo, não avisou que a professora iria ter como aluno com necessidades especiais. É assim agora podes-me perguntar e a professora foi avisada? E é preciso avisar? E não! Mas achas que é necessário avisar? Convém! Para não termos surpresas! Ou até para vir para vir para a aula com uma....com

outra preparação. Nem que seja de apontamento de ter, há pessoas que gostam de ter apontamentos para chegar a aula e ter uns apontamentos e etc.

De facto aquela professora, depois de se recompor chegou à minha beira e pediu-me desculpa e pronto só por isso eu coloquei a no mesmo patamar e curiosamente essa pessoa, essa pessoa, e essa professora foi uma professora das mais compreensivas, das mais interessadas, ou seja foi ali...agora, agora que eu penso foi ali, tinha de acontecer...

Investigadora- Então ela teve essa reação porque não foi sinalizado ou...?

João - Não foi sinalizado e também creio que era o 2º ano de aulas, pronto de ensino...ou seja foram vários dados que ajudaram. Pronto, correto ou incorreto eu já expliquei. Mas de facto ela após isso e até ao longo do semestre gozávamos a situação 'Pois houve uma professora que entrou na sala de aulas e saiu a correr com medo', lá esta ela própria gozou com isso, pronto é isso que...no final da...do período ela disse que foi uma experiência muito enriquecedora, a nível pronto que eu me lembre, relativamente até ao 9º ano foi essa a única experiência que marcou o meu...pode ter havido uma parte negativa mas depois contornou a situação para uma parte super positiva, de resto até concluir o 9º ano sempre fui bem aceite, sempre tive as aulas normais, obviamente com uma hora de apoio, tinha sempre uma hora a mais de apoio, depois também no 10º ano comecei a conciliar a vida desportiva, comecei com os meus 18 ou 16 anos com o desporto e sempre consegui colher bons frutos, só tenho uma crítica, é que isto que eu vou dizer portanto se aplica a mim como a outra pessoa dita normal, mas mais às pessoas com deficiência, a minha professora de inglês que eu hoje torço...que eu hoje arrependo-me subitamente é o facto de a professora de inglês ser da opinião que o inglês não me iria servir de nada, para que eu ter inglês.

Investigadora- Mas não era mesma daquela situação?!

João Paulo- Não não não não! Era uma professora do 5ºano. É obvio que um puto com 11 anos, 11 que seja, alias mais ou menos...o 5º ano anda mais ou menos entre os 11/10 anos acho eu. Oh claro o que nós

queríamos era passar e pronto... agora tenho consciência que fui facilitado e muito, que eu se me perguntares uma palavra de inglês eu não sei. E pronto isto agora, agora que estou aqui na universidade... isto é uma lacuna e das grandes! Pronto! Do 10º ao 12º, foi uma experiência, principalmente no 10º, que eu escolhi o curso que tem a ver com a área que estou a tirar agora, aqui na licenciatura, mas tem a ver com o ...portanto o curso, a área que escolhi e foi informática. E informática não havia em Vale de Cambra! Eu tive que me deslocar para Oliveira de Azeméis. A própria minha mãe ao procurar as escolas, as escolas muitas fecharam a porta. Porque ou que não tinham condições ou que já tinham alunos com deficiência, já tinham alunos da....ou que já...ou que eu não pertencia à área portanto...como eu era de Vale de Cambra e Vale de Cambra não tinha....como não pertencia foi um bocado complicado, mas de resto depois eu ao frequentar as aulas....senti que a interação na turma foi mais difícil e eu levei com isto dois períodos, o comer lá é que...pronto....12º ano já é uma idade que os meus colegas querem é e eu também, queremos é festa e vamos as aulas, saímos e toca a andar e por outro lado...no 10º ano é uma viragem, ou seja, é uma viragem...era digamos...era onde os alunos ficavam ali....não tem nada a ver, mas faz acordar com....quando se candidata a uma universidade, os caloiros no primeiro dia parece que eles estão ali....calados e pronto. Basicamente é o que se passa. Primeiro dia custou custou...no início eu fiquei, custou-me porque não falava, embora que eu também tenho a minha personalidade, é ser uma pessoa um bocadinho fechada! Agora já nem tanto! Mas eu enquanto não ganhava confiança com alguém, não abria a boca, completamente! Pronto respondia aquelas respostas que se qualificam de respostas para despachar ‘não’, ‘talvez’, ‘às vezes’, pronto e pouco mais, não havia mais. No 11º já tinha colegas, já no 10º no 3º período já tinha bastantes amigos. No 11º já tinha bastantes amigos, mas no 12º já pertencia a uma lista da Associação, candidatámo-nos e pertencemos. Entretanto no 12º, no 11º/12º foi o meu auge na carreira desportiva e entrei no 11º para a...portanto para a alta competição, seleção, e

automaticamente fui selecionado e convocado. Pronto! De modo também que houve ali sempre uma conciliação entre os estudos e o dever de estar em forma, quando cheguei ao fim do 12º eu parei de estudar. Parei de estudar a nível universitário. A minha mãe chateáva-me, no bom sentido claro, mas como eu estava ali...não era iludido mas como eu estava ali numa situação de como...como havia de explicar?! De...estava lá no topo... e então eu só via aquilo, só via aquilo, só via o desporto! Entretanto matriculei-me para Coimbra, que eu sempre gostei da Comunicação Social e das Novas Tecnologias, que é agora o que eu...o curso que eu estou a ter mas mais Comunicação Social. Candidatei-me para Coimbra, 2ª opção Porto, 3ª opção, aqui Aveiro! Fui um burro! Porque havia de ter feito exatamente ao contrário. Aveiro-Porto e Coimbra. Pronto! Entretanto ao mesmo tempo como eu não tinha vontade para ir para uma licenciatura, ou vá lá, prosseguir os estudos... eu candidatei-me aqui à universidade de Aveiro a um CET. Curso de especialização tecnológica. Que também fui muito bem aceite. Alias até na universidade as pessoas para dar um apoio extra para os transportes, que é sempre uma barreira...não sei se conheces mas pronto Vale de Cambra é na Serra da Freita, entre a Serra da Freita e S. João da Madeira, é quase cerca de 40/50 km ir e vir pronto. Fiz esse curso. Fiz o estágio e parei por aí. O CET fiquei...gostei! Não era área que estou a fazer a licenciatura. No CET, a nível do CET, não houve nem histórias como eu contei. Nem discri...se posso dizer discriminação. Os meus colegas eram uma maravilha, aliás eles se fosse necessário pegar me, pegar no carro e irmos jantar fora à vontade. Quando eu dizia que não, que eles sabiam que eu dizia que não porque não queria estar a incomodar eles “Oh anda lá, vamos lá”. O curioso é que eu tive sempre, há sempre uma pessoa da turma, até desde a primeira classe até a esse CET, havia sempre uma pessoa da turma que...não era um carinho, não era... não era amizade, era...ou seja, era uma pessoa digamos que era o meu braço direito que estava ali sempre. Até às vezes estava mesmo ao meu lado e quando a gente estava no computador e quando eu carregava em 3 teclas ou eu não podia, dava-me uma sapatada na cabeça e ela ia lá e



carregava. “Não sabes pedir?” e eu pronto... Ou seja, houve ali uma interação, havia sempre uma interação entretanto, parei após o estágio mas conclui o CET. Parei durante 4 anos, em 2008 foi quando fui a...competir a Pequim, à China nos Jogos Paraolímpicos, eu tive uma lesão... e essa lesão, que foi uma dor ciática, após Pequim, fiquei quase 5 meses parado. Em off praticamente e essa lesão eu não desejo nem ao meu pior inimigo, mas essa lesão deixou-me a pensar porque? Porque eu ia para o computador, eu fazia várias coisas, mas aquilo que eu realmente queria fazer, eu sentia que não tinha competências suficientes e numa consulta de psicologia que eu costumo ir, eu pronto...expliquei a situação e a médica fez-me uma questão e disse ‘Não respondes agora’ vais, tu podes pensar, podes tomar até...se vires que tens de tomar uma decisão, tomas mas depois daqui a 8 dias ou daqui a 15 dias, se quiseres podemos falar sobre essa questão, mas hoje não falas mais. Aliás a consulta acaba. Na viagem, bastou-me a viagem, que é uma hora...do Porto até minha casa, na viagem eu comecei pronto a descortinar essa questão e antes 5 minutos de chegar a casa, disse “Bem eu tenho que ir para a universidade se realmente quero ser autónomo” ou seja, ter uma vida não ir parar...pronto a uma instituição. Que eu de um certo modo sou um pouco contra, não sou contra... acho que aqui em Portugal as instituições é uma forma de um lar quase, custa-me dizer isto mas quase um retiro... ou seja, porque lá na instituição têm as atividades dentro da instituição e fora nada. Ou seja, acaba por ser uma prisão, mas acaba quase por ser...o meu objetivo para já e enquanto eu puder, não é esse o meu objetivo. O meu objetivo é ser independente e ser autónomo. O mais autónomo possível. E entrei para a Universidade, Aveiro...dentro da universidade não tem barreiras, a universidade não tem barreiras portanto não me lembro, já estou aqui à 4 anos, e não me lembro de uma barreira que tivesse e se tive algum problema, de anfiteatro eu comunico à pessoa responsável e automaticamente senão for naquela hora é na aula seguinte. Já esta tudo resolvido. Já estou numa sala que tem acessibilidade...enfim! Entre outros, outras coisas que não tive, a maior dificuldade que eu tive aqui foi

conciliar com os grupos, foi digamos quase, não é pesadelo mas quase...porque é muito complicado. É muito complicado e volto a referir é muito complicado e pela questão que já referi anteriormente: primeiro não fui praxado, agora podes perguntar : ‘ Não quiseste ou és anti praxe ?’ não! Eu queria e até mostrava...mas porque? Novas sensações...há uma fase de adaptação e isso acho ...se és de Aveiro, não sei se és daqui (Investigadora- sim sim) não é tao complicado, mas quando se vem para Aveiro ou para o Porto, ou para uma universidade qualquer, há sempre um período de adaptação para as pessoas que não têm limitações, as vezes custa no meu caso foi um bocadinho mais difícil, porque eu sou autónomo até um certo ponto, por exemplo para me lavar preciso de ajuda, etc., mais na casa de banho é que preciso de ajuda e na comida, no almoço e como eu vivo com a minha mãe, eu no primeiro semestre basicamente ia e vinha. Ou seja as aulas eram as 8, eu chegava as 8 ou já a queimar o quarto de hora académico, entrava na aula, bom dia ou boa tarde saia da aula, da última aula “boa tarde, até amanhã” metia-me na carrinha e toca a andar. Se foi uma necessidade? Sim foi ! Mas também não conhecia, não tinha contacto, não tive ou só tenho contacto contigo, mas se está aqui outra pessoa que eu não tenho contacto com ela, durante sei lá... durante...se só esta presente nas alturas de aulas ou só vejo 5 minutos e ela depois desaparece, sem ser parte do grupo eu escolheria a ti do que a ela. Tem toda a lógica. Certo? Porque? Porque eu conheço-te mais do que a outra pessoa que eu só vejo nas aulas ou pouco mais. Pronto! E de facto isso num certo modo acaba por se tornar, por se tornar um bocadinho prejudicial para o meu lado certo? Pronto. E daí a dificuldade em arranjar um grupo pronto. Isto é compreensível , remeti-me muito as pessoas (?)...só tive um mas isso é a praxe, tem que haver um sempre um bocado ranhoso. Mas sim senhor eu se tenho alguma dificuldade, eu apresento e refiro sempre que não quero ser beneficiado ou prejudicado e não “Tu aqui és exatamente como os outros” , “Como as outras pessoas” portanto “Não é o facto de andares numa cadeira de rodas que ... nos te damos 14 ou 15 sem tu mereceres pronto... e de facto correu

bem pronto! Aqui... aí sim optei por fazer só 3 cadeiras, embora houve um semestre que fiz 4. Mas maioria do tempo foram 3 cadeiras por semana, porque aqui não é com a mesma exigência que no secundário ou até num 5º ou 9º. Aqui temos de fazer e puxar pela cabeça e o curso que estou..Novas tecnologias da Comunicação é um fator que, é o curso onde é trabalhos e mais trabalhos e mais trabalhos e todos que são das novas tecnologias são da mesma opinião, que é trabalhos e trabalhos e trabalhos e mais trabalhos portanto eu tive que deixar algumas cadeiras que fossem menos e aliás eu por mim fazia todas mas pronto o cansaço é terrível. Este ano...de há 2 anos para cá, eu também tenho apostado mais, tentado deixar de ser tão fechado porque não ganho nada, só perco. E muitas pessoas já me disseram que eu, quem olha para mim, quem olha para mim à primeira vista fica com uma sensação digamos quase negativa, mas quando conseguem conhecer-me a 100% ficam com outra. Até me perguntaram uma vez “Porque é que tu te escondes?”, “Como?” escondes. Porque tu és outro. E eu agora sim noto que nestes dois últimos anos, tenho apostado mais um bocadinho na vida social. Claro que certas notas tenho baixado muito e o desporto tenho baixo um pouco. Mas eu era aquele indivíduo que como é que hei de explicar? Que se estou no desporto, se estou na universidade, é a universidade e o desporto e acabou. Era tipo os burros, tinha uma pala para cada lado e era aquilo e aquilo e mais nada. Agora tenho medo...não sei se fui muito esclarecedor...se quiseres fazer alguma pergunta...tá a vontade.

### **Nota de Terreno I**

Este foi o nosso primeiro contacto pessoal com o João Paulo, em que desde logo ele nos focou a família com um dos elementos mais importantes na sua vida, afirmando que sem o seu apoio tudo seria diferente. O nosso participante começa por se definir como alguém com igualdade de direitos perante os outros, em que tece algumas considerações sobre a deficiência. Relata-nos algumas experiências ao longo do seu percurso académico, em que o facto de ter uma deficiência,

influenciou a atitude dos outros, contudo podemos perceber que desde cedo o João Paulo defendeu os seus direitos, sempre que se sentia alvo de algum tipo de discriminação com base nas suas limitações. Através da forma como o João contou estas experiências tivemos a oportunidade de perceber o que elas significavam para si, e como se sentiu na altura.

Ao longo de toda a sessão tivemos a sensação que nas mais variadas situações da sua vida, o João tinha necessidade de se apresentar como alguém capaz e que muitas pessoas questionavam as suas potencialidades, quer fora ou dentro do contexto escolar. Frisou o quanto a universidade é importante para si como forma de alcançar a sua autonomia, mas também de trabalhar no que mais gosta, tecnologias e comunicação.

Outro elemento de destaque é o desporto, em que o João partilhou sentimentos, experiências que a alta competição lhe proporcionou logo desde início. Desde logo, percebemos que ficávamos completamente presos ao discurso do João, a sua forma tão interessante de pensar sobre o mundo e as coisas, como olha a si próprio, como olha o futuro e a realidade que o rodeia. Tivemos a possibilidade de estar na presença de alguém com convicções muito firmes, uma forte personalidade, mas simultaneamente alguém um pouco fechado sobre si.

Destacamos ainda a dedicação do João a tudo que faz, ele próprio refere que por se dedicar tanto ao desporto acabou por se afastar dos seus colegas na universidade, sendo que um dos seus objetivos atuais passa por estar mais tempo com os seus colegas.

## **Sessão II**

### **Transcrição II- Maio 2013**

João Paulo- De Maio até Junho, até ao final de Junho só tenho 2 fins de semana livres, para estudar, para descansar etc. porque isto é sempre a andar.

Investigadora- Então agora os treinos já são um bocado mais intensivos ?!

João Paulo- Sim, eu tenho competições regionais e estágios etc., e de modo que torna-se um bocadinho complicado gerir tudo e quando me envias um mail eu acabo por responder só na semana seguinte...

Investigadora- Não há problema.

João Paulo- E depois olho para a semana seguinte eu não consigo pronto... ontem até foi bom, não sei se foi...foste tu que me mandaste mail...

Investigadora- Foi porque me lembrei que na semana anterior estavas livre naquele dia.

João Paulo- Eu estava na aula e aproveitei. Estava com um olho na prof e aproveitei e o ideal é hoje. Era hoje mesmo sendo complicado, pronto mas...

Investigadora- Hoje gostava de pegar exatamente por aí, de andares em competição e como é que surgiu essa vontade de praticares desporto e depois entrares para a competição.

João Paulo- Ora bem... a competição digamos que como eu na última vez que tivemos, a competição entrou-me por mero acaso na minha vida. Apesar que...eu obviamente que eu...apesar das minhas hesitações pronto comecei a (?) e ainda bem... vi que ainda bem que aproveitei estas...esta oportunidade que o desporto me deu...porque não só me deu a conhecer outras realidades pelo mundo fora como me deu oportunidade de crescer enquanto pessoa. Agora vontade, digamos que essa vontade foi se criando, eu confesso que o desporto para já nunca...é assim, eu ligo ao desporto, mas por exemplo futebol, eu sou de um clube, até posso dizer –Sporting, mas eu muitas pessoas... quando querem pegar comigo, quando querem digamos gozar me um bocado, olha o sporting perdeu e eu ‘ai sim?’ ‘não sabia’ pronto. O que é que eu quero dizer com isto? Eu não estou propriamente interessado, o desporto não é aquela coisa, não é um fascínio como há atletas que, como há pessoas que se calhar dariam tudo para estar no desporto, e até se calhar colocaria o desporto...na ...à frente de tudo e de todos. Não sei se me estou a... e pronto. De facto a realidade é essa, eu neste momento e não só, eu não vou dizer que não gosto do

desporto, não estaria a ser sincero, mas também não estaria a ser sincero dizer que adoro o desporto. Eu gosto! E o desporto em alta competição, há aqui 2 coisas, quando nós começamos a praticar desporto e até nos reclames da televisão e não só, a divulgar o desporto, que o desporto é bom e é, o desporto faz muito bem à saúde e pronto...e o lema é ‘O que interessa é participar’ pronto obviamente que esse lema tem que se adaptar um bocadinho. Obviamente que eu não vou abdicar ‘x’ horas por semana, para ir lá e só participar, quer dizer..não é, só vou dar um exemplo, não é como o festival da eurovisão foram selecionados ou quem ganhou foi os homens da luta e de facto dou razão numa parte, mas eles foram infelizes por outra. Ou seja, o que interessa é que já estamos lá, quer dizer se estão lá e se vão sair, se vão ficar em último lugar para que é que eu me vou estar a massacrar ? Certo? Pronto. Mas pronto se calhar eu como disse já, eu gosto do desporto mas não é uma área...eu sim senhor gosto, mas eu tenho outras coisas, outros objetivos. E isso se calhar faz toda a diferença digo eu.

Investigadora- E quais são esses objetivos?

João Paulo- Esses objetivos nomeadamente eu acho que nomearia a universidade, e este ano estou aqui com um paradigma que eu quero fazer as cadeiras mas estou...o Campeonato da Europa calha mesmo no...na época de exames, por exemplo, eu fiquei em estado de pânico quando fui reunir as datas no Excel e quando olhei quase que o meu coração saia pela boca. Outro dos objetivos, eu quero ...a médio/longo prazo, gostava de, confesso gostava de, constituir família, porque eu acredito que não é impossível, é preciso é acreditar e ter força de vontade certo? Mas, ou seja, mas do ponto de vista ...é porque o desporto foi a minha procura. E pronto eu tenho potencial. Mas aquilo que eu me foco e aquilo que eu luto, é também por desporto, mas pelo meus objetivos, eu por exemplo quando fui a Londres, e quando...não sei se estou a fugir ao assunto... (Investigadora- não, não, não continua) é que eu quando começo a falar (Investigadora- deixa-te estar), quando eu fui a Londres, aquele processo todo de digamos aquele processo todo de, cerimónias protocolares que é

de ir ao Presidente da República, ir aqui, ir acolá, acolá e acolá, eu ia e ali era uma altura muito importante e atenção não é por ir ver o Cavaco Silva, que eu isto basta ligar a SIC notícias que de 5 em 5 minutos, ou de 10 em 10 pode, eu o vejo. E importante, eu estava numa Delegação, pronto a representar a Delegação com muita honra, mas do lado oposto estava as camaras, eu enquanto pessoa que sabe pensar, fascinava-me o lado oposto, que tem a ver com a minha área. Novas tecnologias, vídeo, som, radio, jornalistas, cabos a passar, pronto eu sei que tenho umas limitações mas eu sinceramente....poderei estar a sonhar mas, sinceramente eu acho que era capaz. Não em estar em direto de qualquer sitio, porque infelizmente o país está, não está adaptado certo? Mas fazer no estúdio ou fazer algo em comunicação que eu adoro, é a minha...digamos que é o meu clube. Que se eles perdem aí é que eu fico mesmo, pronto fanático. Aqueles adeptos fanáticos que até lançam cadeiras que eu acho um exagero. Eu acho que por isso, isso sim eu sou fã, eu gosto. Não significa que não dê, que eu despreze o valor, eu tenho de conciliar tudo, mas obviamente que concilio de uma forma racional, não sei se é racional mas pronto eu tento da melhor forma. Eu sei que para este Campeonato da Europa que vai decorrer em Guimarães, eu tenho plena consciência que não estou com os treinos suficientes, mas também tenho plena consciência que o ano passado abdiquei de determinadas disciplinas para ir a Londres.

Investigadora- Mas é o mesmo campeonato?

João Paulo- Não. No ano passado foi o campeonato, os paraolímpicos, agora o que estamos é o Campeonato da Europa. Ora mas eu tenho plena consciência que o ano passado abdiquei de uma coisa que eu gosto, e que eu queria muito fazer para me dedicar a uns jogos que acontece de 4 em 4 anos, e universidade este ano ainda está cá e os jogos, já passaram certo. Pronto. Este ano eu optei por conciliar as duas coisas, se calhar o resultado não é o ideal, nem numa parte nem noutra, como se costuma dizer quem toca muitas carroças, uma fica para trás ou a meio da viagem que já vai com os pneus furados. Certo?! Mas este ano eu optei, e não sei

se fiz certo se fiz errado, eu acho que fiz certo, portanto a decisão é minha, até hoje não me arrependi absolutamente de nada, mas basicamente digamos que o desporto, pronto sim senhor é uma, já chegou a ser a minha primeira prioridade, já chegou a ser, agora ainda continua a ser, mas continua a ser uma segunda ou uma terceira prioridade. Não é digamos, Meu Deus, eu tenho que, eu tenho que trabalhar para conseguir isto, não, trabalho, faço aquilo que tenho a fazer. Mas com ponderação, ainda antes de vir praqui, antes de vir pra qui ainda estive com...no Gabinete Pedagógico, porque estou aqui indeciso, se hei-de abdicar e faltar a uma teórica às sextas-feiras e treinar, ou se hei-de treinar menos e continuar as aulas teóricas, isto é tudo uma questão digamos, uma questão pessoal que sou eu que tenho que me gerir. E eu sou um fator, e acho que esse aí, o pensamento que eu tinha, ou seja a minha parte que é esta que eu já acabei, vem muito por influencia deste 2º fator. Eu costumo dizer que, onde entra o dinheiro esta tudo estragado. Pode haver mas reduz quase 90% o prazer. O prazer pronto quando está na competição obviamente que vou dar o meu melhor, não vou estar aqui, não vou lá encher chouriços, perdoai-me a expressão. Mas quando o fator dinheiro entra essa vontade se calhar, eu antes de entrar para a Seleção, eu quando me refiro a dinheiro, não me refiro ao dinheiro que estou a ganhar, ou até posso referir, mas é a pressão, é o contrassenso entre o desporto faz bem à saúde, e o desporto é um emprego, é um paradoxo isto. E depois vê-se injustiças como exemplo uma medalha olímpica de ouro, para uma medalha para olímpica de ouro, a diferença é de 19 mil euros, (Tatiana- é bastante), 19 mil euros nem quero converter isto em contos, certo? Quer dizer a minha questão é, eu se calhar dedicaria mais do que dedico, do que se calhar dedicam outras pessoas, eu preciso felizmente ou infelizmente preciso de uma pessoa para me ajudar, preciso de me deslocar e a deslocação com certeza que fica muito mais cara do que se fosse deslocar uma pessoa dita normal, certo? Há aqui ‘n’ fatores e depois há sempre aquela situação que nunca me foi diretamente, nunca me foi exigido ‘tens que ganhar’, não. Nem eu permito. Alias se fosse



pesquisar à Internet algumas notícias minhas eu digo que é jogo a jogo. Pronto aí a final, oh amigo eu ainda nem sequer estou nos quartos de final, eu ainda nem sequer comecei a jogar, a competição ainda falta 2/3 dias, eu vou treinar, segundo vou treinar, terceiro não vou treinar, mas vou alinhar, vou me preparar para o primeiro jogo, conforme correr o 1º jogo aí sim, aí sim, aí sim, vejo o próximo jogo, eu nunca me, se calhar se ganhar me projeto para a final logo mas, obviamente que eu perdi. Pronto é a minha estratégia, os outros até podem projetar-se logo para a final, mas pronto eu funciono assim, ninguém me pode... é assim, eu como atleta interiormente sei que tenho potencialidades para chegar lá, mas eu não prometo. Porque há vários fatores eu posso ter tido uma noite mal, eu posso estar desconcentrado, há vezes que trabalha-se, isto trabalha-se mas também é preciso, ter um bocadinho de bases fortes, porque pronto, é certo que eu tenho um psicólogo do desporto e ele ajudou-me bastante, mas é assim nós podemos definir uma linha de orientação, não tenho dúvidas, quanto a isto. Mas o facto é que esta linha de orientação não me permite, não me garante é obvio que eu estou mais parado, isso é obvio, mas não me garante que, eu chegue à que eu chegue à competição e aquilo é assim. Não eu posso, até estar com uma ligeira dor de cabeça, posso estar pronto é evidente que eu tenho que estar preparado para isso tudo, mas também e relativamente ao dinheiro, não é que eu ganhe muito dinheiro, parece que o dinheiro é que mexe isto tudo mas, é relativamente às pressões, pressões, não é pressões é, digamos que é ao considerar que há uma desigualdade e a exigência é quase igual ou ainda superior, nós é como tu, ires trabalhar e seres uma boa profissional mas ganhas 'x', e a que está ao teu lado ganha 'y' e não faz nada. É um pouco isto e depois...acho que respondi mais ou menos.

Investigadora- Mas quando é que começaste na competição?

João Paulo- Na alta competição? Na alta competição comecei em 2003. Tenho 28 anos, ora aos 18. Comecei aos 18/19 anos, que eu este ano vou fazer 29, comecei a 18/19 anos. Eu uma vez, o primeiro ano, foi uma maravilha e depois obviamente chegar e ganhar e ir, e ir a primeira vez

cheguei a ir até lá cima e tudo, foi fantástico foi ótimo. O pior depois é, chegar lá cima todos chegam, manter é que é complicado. Porque quando se aparece pela primeira vez, ninguém te conhece, tu até podes não saber de nada, mas ninguém te conhece. Ou até podes saber tudo, que eu em 2003 não falhava uma única bola, porque? Se calhar, se calhar era...se calhar não tinha esta pressão de alta competição, se calhar levava as coisas na desportiva, e ao levar as coisas na desportiva, ao levar as coisas na desportiva, acaba por, acabo por ter melhor rendimento. E depois é se ... quando chega lá cima e quando...é lógico que, quando uma pessoa chega lá cima começa a ter papel inverso, é deixa de ser uma pessoa que tem mérito, não se deixa de ter mérito, ele tem mérito mas ele também é um alvo a abater. Parece que estás aqui no campus e estás rodeado de potenciais alvos, com umas chumbeiras a apontar, para ti. E temos que fazer uma ginástica incrível para pronto manter. Manter isto ...pronto com objetivo. Com objetivo.

Investigadora- E para futuro queres continuar na competição ou queres mesmo dedicar te à universidade?

João Paulo- Eu de futuro pronto...isto o futuro... (Investigadora- futuro próximo), sim futuro próximo. Pronto. É assim o que eu, eu este ano descobri que era muito, perfeccionista, ou nem sei que palavra é perfeccionista vem de perfeição e eu não sou perfeito nem quero ser perfeito. Quem é perfeito é um chato daqueles terríveis. Eu era , acho que já não sou tanto assim, isso aí tenho a certeza que não sou tanto assim. Mas eu era uma pessoa que a minha vida académica eu não aproveitei ao máximo. Eu aproveitei sim as aulas. Fazia os trabalhos, acabava as aulas e saía e bazava para casa, e ia sei lá, e ia ou se tivesse que estudar ia estudar ou senão ia treinar, aproveitava tudo mesmo ao milionésimo, se havia vida social? Havia? Não! E daí, compreendo a dificuldade em criação de grupos, era e ainda é, um nossa senhora, é complicado. Mas eu este ano por conselho até aqui do Gabinete Pedagógico e ...porque a minha preocupação até ao ano passado e, era pronto eu estou a fazer isto, tenho que ter bons resultados e se me perguntasses ah não queres dar (?),

há não posso tenho de ter bons resultados, a isto. E a vida isto é como tudo, a vida começa-nos, chega a uma altura que a vida começa a pedir coisas, o coração começa pronto... a pedir algumas coisas. Eu comecei a perceber que eu até posso ter, tenho neste momento 12 medalhas, da qual 7 são de ouro, mas o que é que me vale ter 12 medalhas, se a vida afetiva, ou a vida social é uma desgraça? Ou se eu....é uma desgraça porque eu me fecho para ter outros objetivos, ou melhor para alcançar estas medalhas, é obvio que é bonito, chegar ao quarto e ver as medalhas, mas se calhar eu este ano fui ver o cortejo e fui as tunas e digo é muito mais reconfortante lembrar das gargalhadas que dei, das piadas que eu, tanto eu como as minhas colegas e amigas fizemos etc., não sei se me estou a... ou seja eu cheguei a um tempo que, e isto também, é assim eu já estou, calhou duas competições há 2 anos e o ano passado foi antes e há 2 anos foi a Taça do Mundo, calhou mesmo na digamos nas férias grandes, eu o ano passado eu cheguei no dia 'x' que agora não me lembro o dia em concreto, e sei que o avião atrasou e não cheguei no dia 'x', cheguei mais umas horinhas que já era no dia 'y', cheguei a casa eram 7 da manhã, já era dia, dormi até prai à uma hora ou duas horas que seja, e após isso fui para, vim para ...da parte da tarde quando me levantei preparei as coisinhas para vir para a universidade, e isto acaba por ser cansativo. Porque é assim, a universidade exige concentração, e aliás mais do que ninguém tu própria sabes disso, se não estiveres bem, podes estar a olhar para os livros, mas não funciona. Exige uma concentração mas também há um desgaste certo? Isso aí é fatal. Há um desgaste. Agora há o outro lado da medalha, da moeda, que é o desporto. Ainda exige mais concentração, agora podes-me perguntar, mas não tens que estudar?! Pois não, tenho que saber as táticas, tenho que saber, tenho que saber o que vai acontecer, não é no futuro mas, uns minutos, uns segundos à frente do que eu estou agora, tenho de saber o que é que vai... o que é que irá acontecer no, dali a 3 ou 5 segundos ou qual é a próxima jogada. Isto é um desgaste duas ou 3 vezes maior que a universidade e parecendo que não, sem pausas. A minha mãe, eu costumo argumentar com a minha

mãe, ah eu não tenho férias já ah 2 anos, ela ah eu não tenho férias a minha vida inteira. Mas uma coisa é...não estou, a tirar o mérito à minha mãe, ela tem razão, pronto se ela aguenta eu aguento. Mas uma coisa é, ela estar numa rotina, que inicialmente é preciso, é preciso adaptar-se, mas após o adaptamento, que ela era vendedora de fruta, mas após o adaptamento dessa rotina, dessa mesma rotina, opa é bola para a frente e toca a andar. Outra coisa é o seguinte: outra coisa é estares em duas ou três frentes. Tens que imaginamos um rádio estás na RFM e a outra é na comercial e tens que estar concentrado na RFM e tens que estar concentrado na Comercial, obviamente que não é em simultâneo, também é difícil. Mas às vezes acabas por sem querer, o teu inconsciente acaba por misturá-las e aí é uma confusão enorme. O futuro, o futuro é assim...não sei, é algo que eu sou sincero, o desporto eu estava, eu gostava de voltar à competição mas mais calma, não de alta competição ou talvez sim, enquanto estiver em alta competição estou mas... eu quero gostava de seguir Mestrado, porque o Mestrado é assim, a Licenciatura é 3 anos, não dá. Dá para aprender mas como apos Bolonha, reduziram a 3 anos, e pessoalmente o meu curso, que é Novas tecnologias da Comunicação ou seja novas tecnologias da comunicação é quase, podemos abrir os braços e segurar a terra em cima dos braços, o que é que eu quero dizer? Aplica-se a tudo. À psicologia, ou até... pronto, até à produção de batatas. Que é uma coisa simples. Ou até à medicina, ou seja, em vez , dei um exemplo que é a produção de batatas, que é que tem a ver as batatas? A gente não vai semear batatas, mas pronto...pode haver programas para, sei lá, divulgação e também para medir 'x', registar quantos quilos, pronto...até à telemedicina. Pior até que é fazer um exame e fazer algo mais concreto certo? Pronto. Isto requer tempo e requer....e é preciso conhecimentos, e a licenciatura neste momento fala um pouco de tudo, vídeo, programação etc., etc., etc., depois há aquela situação de te quereses especializar numa situação em concreto e eu quero especializar - me numa situação e depois obviamente que quero isto e eu comecei este ano e ainda bem que fiz, quero continuar a dar, quero continuar a abrir-me, não quero ser o João

Paulo fechado que era, porque eu não ganho eu só perco. Depois pronto isto Deus dirá, quem sabe um estágio fora de Portugal, não é impossível, era só possível acreditar e ver se há condições. Ou seja, como vês esta tudo um bocado em aberto, o desporto confesso vai enfraquecendo, mas também haverá a sua altura, haverá altura quando chegar altura certa. Eu pensei que a altura certa era antes, eu deixo-me guiar um bocadinho pelo destino e de facto não foi. Mas creio que mais um ano, eu sei que as pessoas não fazem por mal, mas “Então João, o Rio está no papo?”, e eu “Hey calma amigo quer dizer eu estou em 2013, o rio é em 2016’, ainda muita água vai passar aqui na ria de Aveiro e em outros rios. Isto, aqui há um, se calhar há um paradoxo que é, bem deu-me tudo o desporto e agora queres dar um pontapé, eu acho que não. Eu acho entrei numa realidade, foi a realidade académica que me dá outros novos horizontes, eu sei que agora está mau para emprego, perfeitamente de acordo, isso aí contra factos não há argumentos. Isso aí eu sou mesmo, tenho consciência...mas é algo que eu quero, o que eu realmente quero é não ser injusto com nenhuma das áreas. Áreas que eu gosto, área desporto, ou seja, áreas devidas, ou seja, área desportiva, área pessoal, área social, área académica, etc. e de facto a área desportiva está, não é a desfragmentar, mas está a vir ao de cima, outras áreas que estão a cobrir a área desportiva. E eu fazer as coisas para agradar só para agradar não é o meu estilo. Eu gosto de fazer aquilo, também não fico com a sensação que eu gosto de fazer só aquilo que quero, não é isso...eu gosto de fazer aquilo que realmente estou a obter resultados. E passa muito por isso.

### **Nota de Terreno III**

Nesta sessão notámos que o João estava muito ansioso e atarefado pelo facto do campeonato ser em simultâneo com a época de exames. Visto que a universidade é bastante importante para ele não quer deixar ficar atrasado nas unidades curriculares.

Conversámos um pouco mais sobre a experiência do João no desporto, em que fala das oportunidades que a competição lhe trouxe,

como se sente face à pressão, competitividade e padrões de sucesso. Através de tudo o que o João partilhou connosco, anseios, expetativas, desejos, dificuldades tivemos a oportunidade de perceber como se sente ao tentar conciliar a universidade e o desporto.

Notamos que o João é bastante dedicado em relação a tudo que faz, no entanto por vezes sente-se tão dividido entre a universidade e o desporto que não há espaço para desenvolver a sua vida social. Um dos seus objetivos passa por se relacionar mais com os colegas, podemos perceber isso já na sessão anterior, e o João voltou a frisá-lo.

### **Sessão III**

Transcrição III – Julho 2013

Contato via e-mail

Tatiana

*“Olá João Paulo !*

*Como estás?*

*Como sei que estás com o tempo apertado... proponho-te que adiemos o encontro de amanhã, no entanto gostaria, se possível, que fizesses o seguinte : escolher uma imagem/foto e/ou frase que melhor retrate o teu percurso no ensino superior, justificando. Se assim for possível, gostaria que me enviasses isso até ao fim do mês via e-mail, pode ser ?*

*Obrigada !!”*

**João Paulo**



*“Bom Dia,*

*Mando em anexo uma foto, tirada em Londres, não quero que valorize mais o desporto mas sim, eu estive em Londres a representar Portugal, mas para isto tive que lutar, suar e enfrentar todas as barreiras, conciliando os estudos e a vida familiar e procurando sempre o caminho da felicidade. Eu procuro sempre alcançar os meus sonhos, e rejo-me por esta frase: "**Sonhar é Viver por uma Vida Melhor!**", eu acredito que a **força** comanda a vida, e o sonho dá-me essa força. Tudo que faço na vida, tenho sempre o pés bem assentes na terra, e vivo no real mas o sonho é que me guia no meu caminho. Para mim os limites são obstáculos, ou seja só há limites se não tiver força para ultrapassar esses obstáculos! Quando estou mais em baixo vejo este video*

*<http://www.youtube.com/watch?v=Srt7ovxIkgQ&feature=youtu.be>*

*dá um efeito de baterias carregadas, se ele consegue, eu também consigo.*

*Espero que te tenha ajudado, se precisares de mais alguma coisa diz-me.*

*Desculpa pelo o atraso.*

*Abraços,*

*João Paulo dos Santos Fernandes*

*Sonhar é Viver por uma Vida Melhor!”*

### **Nota de Terreno III**

Nesta fase optámos por adiar o encontro seguinte com o João devido à sua falta de tempo e propusemos-lhe a realização da atividade apresentada anteriormente. Como forma de obter mais alguns elementos que transparecessem a personalidade do João, considerámos que esta seria uma boa forma de partilha de sentimentos e emoções. É muito interessante a forma como o João fala sobre a fotografia que nos enviou e como a partilha de experiências e o conhecimento de outros exemplos de pessoas com algum tipo de limitação podem funcionar como elementos motivadores.

## **Sessão IV**

Transcrição IV- Setembro 2013

João Paulo- Com tanto trabalho tive que deixar a cadeira...enfim!

Investigadora- Quando tem que se deixar algumas coisas para trás é que é...chato

João Paulo- Não, é... a questão é se eu até tivesse, estivesse com cadeira má, e pronto com uma má nota ou até tivesse negativa que eu sabia que (interrupção). Pronto e de facto foi mesmo uma daquelas cadeiras que estava feito, estava feita não..foi ainda faltava fazer. Até que faltava que se não faltasse eu não desistia mas...era daquelas cadeiras que estava mesmo a chegar à praia, era só estender a toalha. Pronto não deu, fiquei...ficou para este ano. Ainda tentei na época especial mas o cansaço e tudo estava, deixei...

Investigadora- Mas estas no último ano agora?!

João Paulo- Sim, espero bem que seja o último ano. Que eu já estou...não é farto, eu sinto-me a estudar mas é farto da licenciatura. Que eu já devia ter acabado. É assim não sei, se eu coloco, se eu exijo de mim demasiado, mas na minha opinião eu tinha que fazer no mínimo 4 anos, ou melhor no máximo. E este é o 5º, pronto!

Investigadora- Ah, tudo tranquilo! Então quantas faltam?

João Paulo- Falta 4 cadeiras.

Investigadora- No total do ano?

João Paulo- Sim Sim, duas-duas. Em principio...

Investigadora- Já não falta tudo.

João Paulo- Já saiu o calendário desportivo também... também não é assim nada de... pronto há sempre o fim de semana, mas é muito mais calmo que o campeonato este ano...este ano não. Sim, esta época. Tudo bem que começou a época desportiva vai só acabar em Outubro, com o Campeonato do Mundo na China, significa que os treinos vai ser mais espalhados. Não vai ser tao condensado.

Investigadora- Então e campeonato como é que correu?



João Paulo- O campeonato ficámos em 2º lugar no nível de equipa, e fiquei em 6º lugar no nível individual. Podia ter corrido melhor mas já não foi mau. Considerando toda...

Investigadora- Ficaste satisfeito?

João Paulo- Sim sim. Fiz o balanço e pronto só fiquei mesmo insatisfeito de não ter feito a cadeira. Laboratório. Mas de resto, fiquei satisfeito, estou satisfeito e pronto. Tenho tudo para continuar.

(ao fazer referência à foto de Londres)

João Paulo- Ao enviar a foto, ao enviar a foto de Londres não foi...nos paralímpicos. Não foi de um certo modo, não sei se te recordas, não foi de um certo modo de...digamos por estar em Londres, por entre aspas ser uma figura pública. Não. Aquela foto representa o esforço de tudo aquilo que eu passei e passo, cada prova é uma luta e cada ano, cada objetivo até chegar ao fim é uma luta, e ainda por cima quando se tem mais que um objetivo ainda mais luta é. Mas de facto, de facto essa luta se transforma em algum, em algo positivo, que sendo que se trata de uma recompensa. Que essa recompensa foi estar em Londres. Mas se...o que retrata é o esforço da...é o esforço que eu tive para chegar aquele objetivo.

Investigadora- Eu primeiro gostava de... sei que é sempre uma pergunta um bocado difícil...gostava que tu te definisses.

João Paulo- Isso de facto é difícil. É assim eu acho que sou uma pessoa que luta, que não baixa os braços à primeira, nem à primeira nem à segunda, nem à terceira...eu acho que só quebro mesmo quando vejo que estou encurralado e que o caminho é melhor, é melhor meter-me numa...marcha atrás e tentar ir de marcha atrás se der até, não é até à saída mais próxima mas é até o atalho tipo numa auto estrada, há às vezes umas redes arrebitadas pronto...tentar ir até essa rede e tentar fazer corta mato para tentar chegar a outra estrada para tentar por outro caminho, tentar dar a volta por cima. Acho que sou uma pessoa persistente, persistente que se torna um bocadinho chata, confesso! Não, eu confesso! Confesso e tenho a noção que às vezes sou chato.

Investigadora- Mas chato em que sentido?

João Paulo- Chato na persistência ! Eu não desisto sem alcançar os meus objetivos e se eu vejo que por exemplo eu dependo de ti para uma coisa, que seja um papel , que seja que tenhas que assinar, que seja qualquer coisa que tenhas que fazer para eu conseguir concretizar o meu objetivo. Eu não estou calado! Eu vou-te bater à porta, e até nas últimas consequências faço te um raspanete da pior espécie. Já aconteceu, não aqui na universidade mas no ensino regular que eu espetei, mandei assim umas fabecas para o ar, porque, as minhas professoras ficaram a olhar para mim que...eu cheguei lá e elas disseram “Não se faz”. Tas a ver? Pronto. Mas o que de facto, elas estavam era me acabar de chamar à atenção mas o facto é que a máquina de escrever que estava sempre sempre avariada, ela ia e vinha e no dia seguinte já estava avariada, e depois demorava praí quase uma semana. O facto é que nesse dia foi uma segunda feira, e no dia seguinte a maquina já estava la composta. Eu disse afinal quem é que tinha razão? Sou eu, ou é a professora? Mas ela “Ah mas mesmo assim ...”. Sabes como é que é os professores não gostam muito de... pronto...dar digamos dar totalmente a razão... “Tinhas razão” . mas podias ter tratado de outra maneira, se não fosse assim só daqui a uma semana é que tinha maquina. O raspanete deu resultado. Daí a 24h ou nem isso estava lá e portanto, e daí dizer que eu sou chato, tipo quantas e quantas vezes que eu fui ao... à Camara Municipal eu próprio, ou se não fui telefonava, ou se não telefonava, enviava cartas, ou tive um caso na escola, curiosamente tudo, a parte mais incompreensiva foi antes de eu entrar no mundo da alta competição. Depois pronto ganhei a medalha e obviamente que a medalha, me dava outro conforto. Se me perguntares, eu faço a pergunta a mim mesmo. Se isso alegra-me? é assim deixa-me de um certo modo satisfeito, porque a medalha deu-me conforto, mas não devia ser a medalha que deveria dar esse conforto. Porque a partir que Vale de Cambra apareceu na manchete do jornal que eu recordo-me que as últimas manchetes que apareceu em Vale de Cambra...ou era incêndios ou era...ou houve lá um caso de violação ou acidente...pronto coisas boas a nível de imprensa nacional, não havia. Ou

seja aquela ali, quando fui campeão da Taça do Mundo em 2003 e depois repeti a proeza em 2004 o facto é que realmente eu, bem tive outro protagonismo. Ou seja, eles olham-me com outra cara. Mas o facto é que de um certo lado isso deixa-me um bocadinho triste porque não devia ser assim. Não é por ganhar...não é por mudar de nome, é certo pronto! Somos seres humanos, acho que somos no fundo, acho que somos os seres da terra que , os seres mais estúpidos que existe. Mas a realidade é essa! E pronto, mas eu Graças a Deus, a minha personalidade, é uma personalidade que ajuda, sim ajuda e, consigo que, consigo ter força e coragem para ir para a frente. Quando eu começo a esmorecer, também tenho uma ajuda muito importante e fundamental que é a minha mãe. Mas eu quando começo a esmorecer é porque vejo que o caminho está cercado, entre aspas, de incendio, é melhor voltar para trás, antes que me cerque por trás e eu fique ali encurralado. Mas em todo o caso é uma, pronto, é perante a persistência que eu hoje estou aqui ou que eu hoje posso dizer que tenho 'x' numero de medalhas e que já visitei mais de não sei quantos, de 'x' países.

Investigadora- E quando visitaste esses países alem da competição, tiveste oportunidade de conhecer as cidades?

João Paulo- Não aquilo, nos Jogos Paraolímpicos são, é mais fácil de sair. Nas outras competições tais como europeias e do mundo etc., não há possibilidade de sair um dia ou até dois, mas de qualquer modo dá sempre um bocado de realidade dos outros países. E confesso choca-me quando vejo lá fora e tenho pena de não falar inglês. E lá está inglês foi...não falo inglês também não vou colocar a culpa só nas professoras mas a minha professoras do 5º ano disse para que é que eu queria o inglês. É assim acho que compreendes, no 5º ano, que eu tenha 11/12 anos ou até mais novo pronto mas mesmo que fosse com 10 anos, eu era um chavalo, um chavalo não, um puto quando o que eu quero é despachar. E no 5º ano foi quando eu entrei em contacto com o computador e não sabia pronto, é natural quando pegas numa coisa que não sabes, tens um período de adaptação e sinceramente havia testes que

não sei, houve em vez de fazer “control” “save” ou fazer “Save”, única e simplesmente não sei. O documento ia, pronto ia. Ia e eu tive notas de 4. É incompreensível. E é assim não sabendo as bases depois é natural que não se consiga evoluir, pronto e isso é um....

Investigadora- E não gostavas de aprender agora por exemplo nos cursos livres?

João Paulo- Eu tentei mas eu também se calhar, tentei numa época um bocado dura. Eu comecei antes de ir para Londres, até sabia mas depois no segundo semestre. O 2º semestre para mim é sempre crítico porque para mim a competição digamos que o primeiro semestre pronto há treinos, há aquela coisa...mas não é nada puxado, porque a época, embora seja a época de ‘x’ a ‘x’, ou seja 2012-2013 ou 2013-2014, na realidade ela começa a...pode haver uma competição em Dezembro ou um estágio, mas nunca começa antes de dezembro. Pronto. Ou seja para mim o semestre até que...até agora estive mais avançado no primeiro semestre do que no segundo. Agora está 50-50. Mas faltava-me sempre mais cadeiras do 2º que do primeiro, porque eu do primeiro desenrascava-me, fazia, porque sei fazer. De facto, mas a realidade é que o 2º semestre é sempre mais apertado e na altura quando comecei aqui a fazer o curso livre, no 2º semestre eu...os cursos livres começam às 6 e acabam às 9 e meia. E eu sim senhor, porque eu sou uma pessoa de dizer ‘bem eu vou, eu consigo, eu consigo’ e marco inúmeras atividades que me atrapalho e chega a um ponto que tinha aula à 2ª feira vinha à 3ª e ia para o Porto. Lançava quase 300 bolas por dia e vinha para o curso, a primeira aula aguentei, a segunda aula, à terceira eu sei que entrei para a aula, sei que começaram a falar daí a um bocado só me lembro de ver só a mesa e se cabia um dedo entre o nariz e a mesa, pronto é assim não sei se alguém viu nem se não. Mas eu estava todo roto. Pronto e eu disse não. Estar a gastar dinheiro para estar aqui só para dizer...mesmo para inglês ver. Mas vale meter o dinheiro ao bolso. Ao menos aproveito e não estou aqui a fazer nada. Depois entretanto também o ano passado foi como isto. Pronto este ano não me puxou, quis, quero mesmo agora, acabar mesmo com a

licenciatura, é a minha prioridade e quero também dar destaque ao desporto que é também muito importante. E de modo que eu quero acabar. Depois como eu estou agora a viver aqui em Aveiro, como sou de Aveiro e depois quem sabe posso perfeitamente ...

Investigadora- Mas os treinos continuas a ter no Porto?!

João Paulo- Sim sim. Alias este semestre. Não vai ser tao puxado mas à 5ª feira que eu depois treino e venho para a aula das 18h às 20h. Mas também se uma pessoa. Aquilo que eu percebo e voltando à questão aquilo que eu aprendo lá fora. É assim eu confesso que às vezes dá-me revolta, dá-me revolta porque não sei se me vou repetir. Eu tive uma taça eu foi em Vancouver, nós estivemos lá, pronto a viagem é cansativa, naturalmente nós estivemos lá e o português é aquele fulano que se vir um banquinho como esse que ainda é duro, mas se estiver cansado umas mochilas debaixo das costas, mesmo que seja duro que se lixe, toca a deitar. Pronto. E eu de facto eu, nós estamos lá à espera e a seleccionadora pediu para alguém ir com ela para perguntar... como todos até atletas menos eu, porque eu não quis ir para o chão porque a minha cadeira é de inclinar e como os outros estavam ali todos no meio do aeroporto à espera. Eu como estava na cadeira tomei a liberdade de ir com a seleccionadora e o gajos responderam o seguinte ‘Ah pedimos desculpa a organização, mas aqui no Canadá não há autocarros especificamente para pessoas com deficiência, é autocarros normais que levam as outras pessoas, e a nossa limitação é que era um sexta-feira, como era uma sexta-feira, os que vêm amanhã já não vão esperar. Mas os que vêm hoje, como os autocarros têm trabalho até ‘x’ horas, só estão dois a trabalhar. Nós pronto ingénuos por norma e como fazem para tratar as pessoas com deficiência, cada um tem o seu carro e motorista. E a nossa cara (ar espantado) como não percebo, primeiro olhei para a cara da professora e ‘Oh professora o que é que se passa?’ e ela “João não vais acreditar...isto e isto e isto e isto...” e eu “Good!” e ela começou se a rir. E de facto é uma situação de dizer, opa eu fico aqui já. Não é que não goste de Portugal. Mas há coisas tao simples

que complicam tanto. Há pessoas, eu não acreditava que era possível isso quando era pequeno. Que era possível haver um relacionamento entre duas pessoas com deficiência ou mesmo uma com deficiência e outra sem deficiência, mas na realidade é porque Portugal é um país que as mentalidades são tao ingênuas. Tão fracas. As pessoas até podem ser maravilhosas, eu não estou a criticar os portugueses do que são ou deixam de ser. Eu critico é a forma, o exemplo muito claro, nesta crise nós acho que neste momento temos quase pior do que a Grécia há cerca de 2/3 anos, que os gregos invadiram a praça, era fogo, era tudo e mais alguma coisa. Nós, nós oh chateármô-nos?! Se isto for abaixo. Se viesse um marmoto, ou se viesse uma onda gigante que coiso, oh aquilo ainda vem ali, ainda falta 5 segundos para chegar cá. Ainda tenho tempo. Pronto que obviamente que estou a ser irónico. Mas a realidade é que portugueses comodismo. Eu tive gestão de empresas e por acaso, peço desculpa, gestão de recursos humanos, também tive gestão de empresas, mas foi em gestão de recursos humanos e de facto o 'prof' batia sempre na mesma tecla, nós temos que ser pontuais, no trabalho e na nossa vida. E de facto é, se nos não formos pontuais, se nós não cumprirmos...é assim também não é preciso levar a regra tudo. Se chegar muito atrasado, não é por ai que fica com um selo na testa de incompetência. Não. Ou seja, nem 8 nem 88, nem 80 vá. Ou seja, eu acho que aqui as coisas, a cultura, mesmo o pensar, por exemplo, o Governo apela ao desemprego para as pessoas com deficiência. Eu neste momento, finalmente tive férias e deu-me para pensar e descansar...eu dei-me por ela, que mais vale trabalhar ao negro. Porque? E neste momento pronto, por ter a minha deficiência estou a receber um apoio que digamos que não concordo com esse nome, mas pronto eu não tenho culpa do batismo, quem batizou pronto, pensão vitalícia. Pronto. Essa pensão vitalícia não chega a 250 euros, ou seja não é nada. Se eu vivesse sozinho, eu estava não sei onde. Mas pronto não interessa. Mas a realidade é que se eu por acaso pensar , eu tenho duas hipóteses ou crio uma empresa e sou patrão de mim mesmo e acabou pronto. Ou crio, ou vou para uma empresa, ser empregado ou ser

estagiário. Aquilo que eu vim a constatar é que se eu quiser criar uma empresa por conta própria, eu deixo de ganhar, ou perco, ou melhor perco automaticamente no dia que eu criar a empresa. Deixo de ganhar ou deixo de receber a pensão vitalícia. A pensão que eu tenho que não é por aí além. Não é nada a comparar com aquilo que eu preciso, não é nada e ao mesmo tempo eu tenho...vou começar a descontar quase igual ou mais para a segurança social. E garantes me que eu vou ter lucro para sustentar a empresa? Não! Mais vale estar quieto. Certo? Acho que não sou eu que estou a fazer filmes, acho que estou a pensar bem. Se eu estou ganhar é teórico e pratico e isto é exatamente o que acontece. Agora é assim se me dissessem bem vais continuar a receber, mas quando apresentares o teu IRS ou o teu rendimento se for a 'x' %, das duas uma, ou vai reduzindo perante aquilo que tu ganhas ou chega a um ponto que acaba. Ai eu aplaudia sim senhor pronto. Tenho os meus rendimentos. Ai sim, tudo pacífico. Mas eu acredito que quantas e quantas pessoas, que estão a receber, estão a fazer ao negro. Por isso. Tenho quase a certeza. Agora se tu olhares para um Canadá, ah é uma potencia, Portugal cabe lá não sei quantas vezes, mas isto é igual a um Mercedes e a um Renault. Um Renault para andar é preciso quatro rodas e um motor e no mínimo um volante para não espetar na curva. O Mercedes tem exatamente as 4 rodas, e um volante. Agora se me disseres ah mas o Mercedes tem estofos de 'xpto', é maior, enquanto o Renault...oh amiga pronto. É a capacidade de cada um. Mas o que é que eu quero dizer com isto? O sistema base é o mesmo. Pode ter uma peça ou outra melhor. Mas o sistema base é melhor. Em democracia e, e mesmo, em democracia ou em....etc., eu sinceramente acho que nós tínhamos condições. Ainda mais que somos um país pequeno. A Suíça tem as condições todas e mais algumas. Porque? Estas interrogações é mesmo para pensar e para ver digamos a complexidade, aquilo que se faz, ou aquilo que o nosso país, nosso também há piores, que fazem tão com complexo. Que se, isto é tipo legos, que se nós desmontarmos uma peça e coloca-lá noutra sitio, fica mais seguro, e eu penso que é isto que falta e tudo isto por causa de o que é que o boccia

ensina-me. O boccia automaticamente dá-me outra realidade e eu vejo coisas que nunca pensei que era possível ver, e ainda bem que hoje conheço e hoje orgulho-me em dizer. Bem, se um dia a minha mãe me faltar eu sei que...é assim desenrascar-me a 100% não, tenho consciência, mas sei já a onde ir bater e manter uma vida com qualidade, igual não mas menos um bocadinho de qualidade e conseguir fazer as minhas coisas com a tranquilidade que sempre fiz.

Investigadora- Agora por fim gostava que me falasses dos momentos mais marcantes ou mais importantes que tiveste na tua vida.

João Paulo- Da minha vida é assim...os momentos obviamente que eu não posso dizer que os momentos mais marcantes, foi mais na parte do desporto. Porque de facto ser se seleccionado e ser...e chegar e vencer. Isto, este corpo, transforma-se quando falo nisso. Fica em pele de galinha completamente. Pronto e não tenho vergonha de dizer isto, porque de facto é uma sensação daquelas sensações que de facto, pronto é sinal é uma recompensa. Pronto fiz aquilo, tens que ser aquilo, fiz aquilo consegui e ainda bem. Pronto obviamente que quando se ouve o hino, acabei agora de criticar o país, mas obviamente que quando se ouve o hino toca. Apesar de saber que Portugal tem estes defeitos todos, o português é o deixa andar. Não vou voltar com a minha palavra atrás. Mas é um português que também sabe valorizar as pessoas. Tirando, na exceção daquelas que têm segundas intenções, mas isso nem sequer eu....mas orgulho é além do desporto. É eu no dia a dia conseguir fazer mais uma coisa. É eu conseguir, é eu conseguir, dar um passo à frente. Conseguir passar para a carrinha, conseguir chegar a uma casa de banho, saber que não tenho ninguém para me ajudar, mas tenho que ser eu a desenrascar-me. Ou se eu eventualmente tiver que pedir ajuda saber que posso contar com alguém. É. Pode ser insignificante para as pessoas, bem as pessoas...dar valor a uma coisinha mínima. Porque é assim uma pessoa dita normal consegue fazer tudo. Demora mais tempo, mas nós é assim uma pessoa dita normal, eu não me importa de estar assim neste corpo, eu gosto do meu corpo, sou como sou, tenho a minha personalidade, também as vezes



sou rabugento. Gosto de ser como sou, mas obviamente que as vezes há sempre uma esperança, não é de caminhar ou de...mas há sempre um orgulho em conseguir objetivos. Próprios. E por exemplo, e um objetivo é. É ser o mais independente possível. E cada conquista por muito que seja, que até não se note pronto, o mundo esta em transformações mas tu não notas, andas À quase...mas isto esta tudo normal. São estas pequenas alterações que da força, da espirito, da garra, da...e é demasiado, outros exemplos. Como eu não sei se te cheguei a falar de um vídeo com uma pessoa com deficiência, é assim sinceramente...não sei se até é com mais deficiência que eu, até acho que é, e escalou uma montanha de 900 metros. Quer dizer quando eu estou em baixo, as minhas fontes de energia, para colocar a energia ao nível certo, digamos que é o botão de aumento, é sem duvido exemplos que marcam. E esses exemplos ajudam nos, ajudam-me e não só, depois no dia- a- dia, as vitórias que eu consigo. No próprio dia-a-dia. Há coisas que eu valorizo mais do que propriamente ganhar uma medalha. Pode ser esquisito. Pode ser esquisito, como é que é possível igualar uma medalha paraolímpica, para um dia a dia de vitoria. Mas é, é importante. E é essas vitórias que depois se da a outra vitoria.

#### **Nota de Terreno IV**

Ao longo desta sessão o João falou um pouco mais sobre si, em que refere novamente a fotografia que nos havia enviado de si em Londres e o que esta experiência significa para ele. Colocámos-lhe o desafio de se definir, como forma de obter mais alguns elementos constitutivos do retrato do João. Este, por sua vez, revelou à vontade em conversar connosco, o que já tínhamos sentido em outras sessões, e expõe sem problemas os seus pontos de vista e conceções sobre variadas questões.

É interessante perceber como perspetiva a deficiência, e aponta as oportunidades que o desporto lhe trouxe no conhecimento de outros países e culturas. Apesar de ao longo das sessões o João ter falado bastante sobre os seus sentimentos e convicções, consideramos que esta

sessão fomos um pouco além do que se pode depreender do João em contatos iniciais, conseguimos captar uma perspectiva mais interna e pessoal do nosso participante, determinante na construção do seu retrato.

#### **Anexo IV: Retrato da Ana Sofia**

---

Acompanhado da música Amigos para Siempre de José Carreras & Sarah Brightman.



Natural da Guarda, rumou à cidade de Aveiro, onde agora frequenta o Mestrado em Psicologia Clínica



## *Um olhar sobre si*

“Eu defino-me como uma pessoa muito corajosa, muito lutadora, muito simpática, persistente, preocupada, atenciosa, divertida, muito expansiva, muito expressiva, também acho que sou bastante perspicaz. Sou muito sincera, também tento ser transparente não só com os outros mas também comigo mesma.”



## *Deseja...*



Conhecer novos locais e culturas

Fazer voluntariado na área da formação de adultos

Dar formação na área da psicologia /promover e sensibilizar para hábitos de vida saudáveis



## *A universidade como...*

...uma forma de crescimento pessoal e de mostrar aos outros que é capaz.



Desde cedo tive o desejo de ir para a universidade



“...acho que é uma ótima razão para ir à universidade”

“O investimento é muito da minha parte, eu mostrar a mim mesma que consigo. Eu sei prender os outros, pela minha oratória.”

Desde cedo teve o desejo de ir para a universidade

“...acho que é uma mais valia apostar na formação”



"O investimento é muito da minha parte, eu mostrar a mim mesma que consigo. Eu surpreender os outros pelas minhas vitórias."



## **Anexo V: Retrato da Isabel Santos**

---

**“ A vida está cheia de desafios que quando aproveitados transformam-se em oportunidades.”**

Isabel Gomes dos Santos

**Força de vontade**  
Ser capaz de enfrentar os desafios da vida com determinação e coragem.

**Motivação**  
A força que nos impulsiona a alcançar os nossos objetivos e a superar as dificuldades.

**Programa Doutoral em Multimédia em Educação**  
Um programa de investigação e desenvolvimento de competências na área da multimédia e da educação.

**Desenvolver as suas capacidades**  
Aprender a aprender e a desenvolver as suas capacidades para enfrentar os desafios da vida.

Prezi

**“Considero-me um pessoa meiga, calma, simpática, persistente, lutadora por aquilo que acredito, sonhadora, amiga do seu amigo, sempre disponível para ajudar os outros, tímida...”**

Prezi

**Programa Doutoral em Multimédia em Educação**

Desde cedo teve o desejo de ir para o ensino superior.

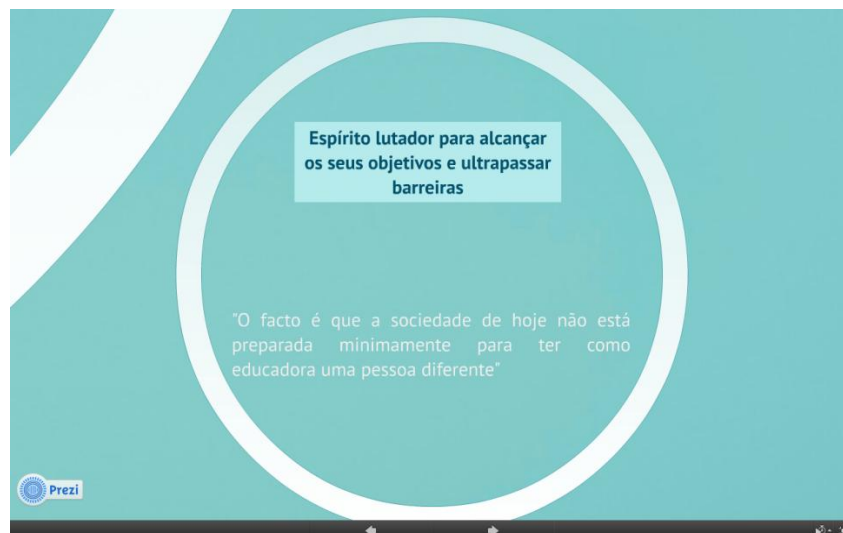
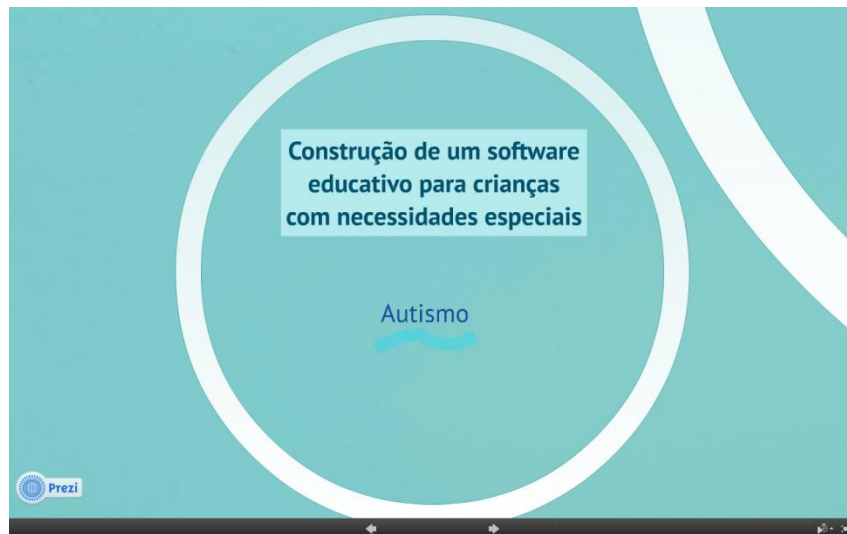
**Desenvolver as suas capacidades**

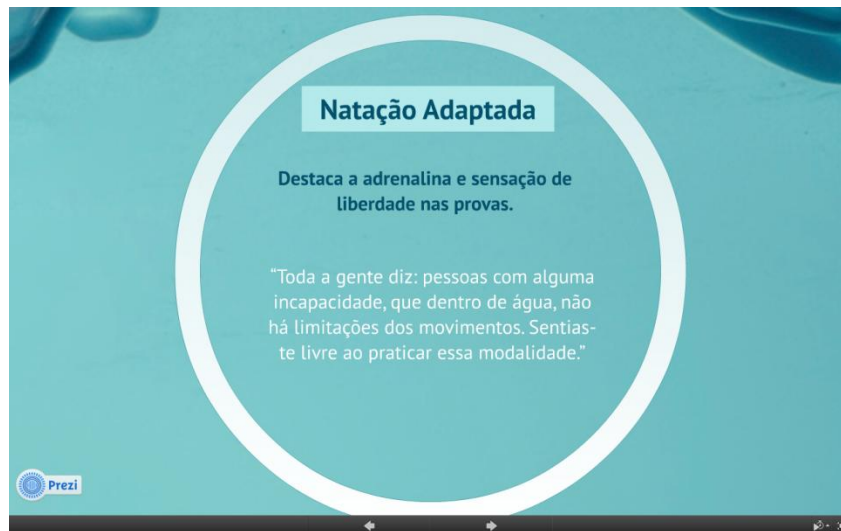
**Construção de um software educativo para crianças com necessidades especiais**  
Autismo

**Resumo do projeto de investigação**  
O projeto de investigação tem como objetivo desenvolver um software educativo para crianças com necessidades especiais.

Prezi





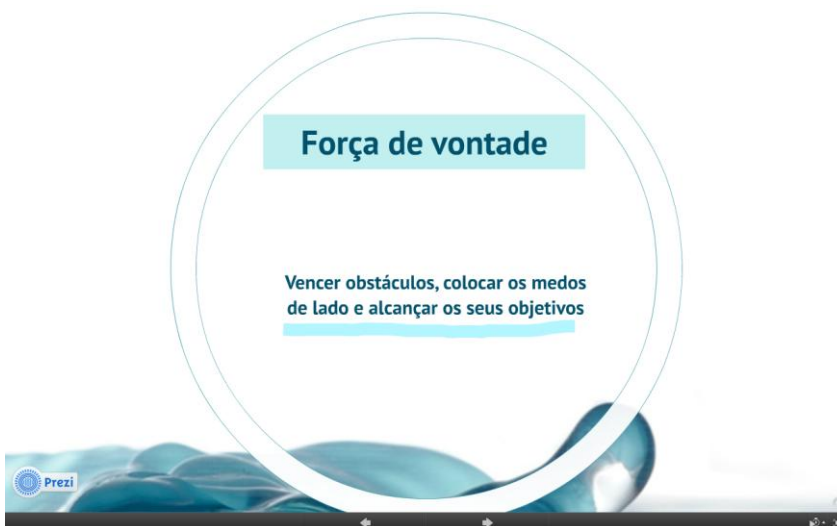


**Natação Adaptada**

Destaca a adrenalina e sensação de liberdade nas provas.

"Toda a gente diz: pessoas com alguma incapacidade, que dentro de água, não há limitações dos movimentos. Sentias-te livre ao praticar essa modalidade."

Prezi



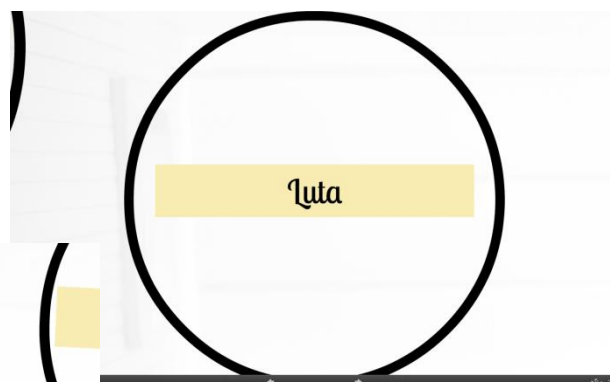
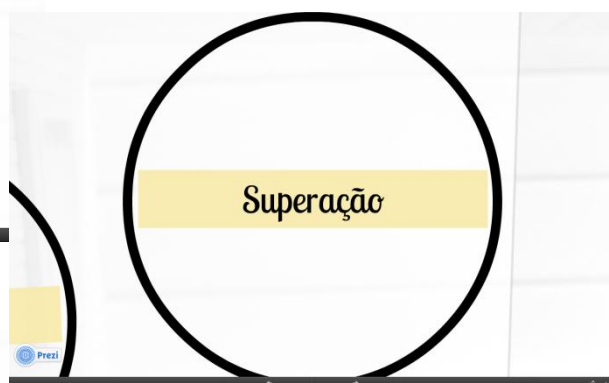
**Força de vontade**

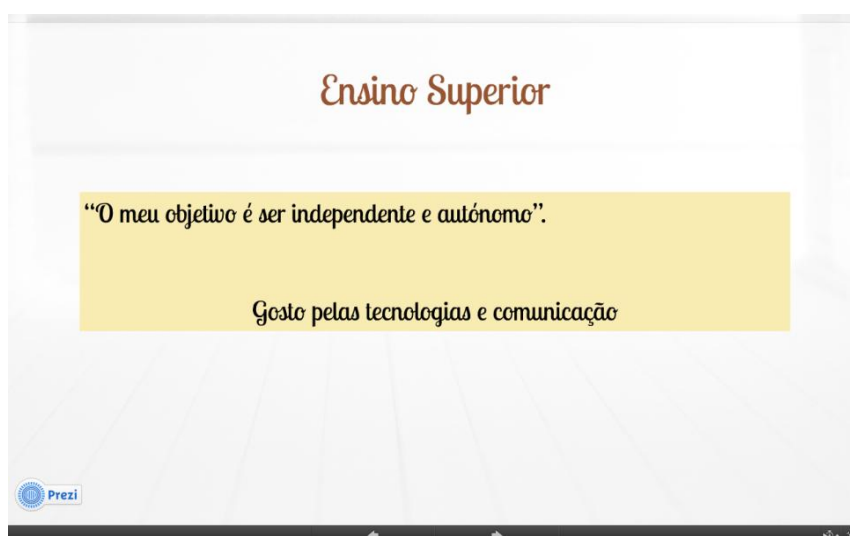
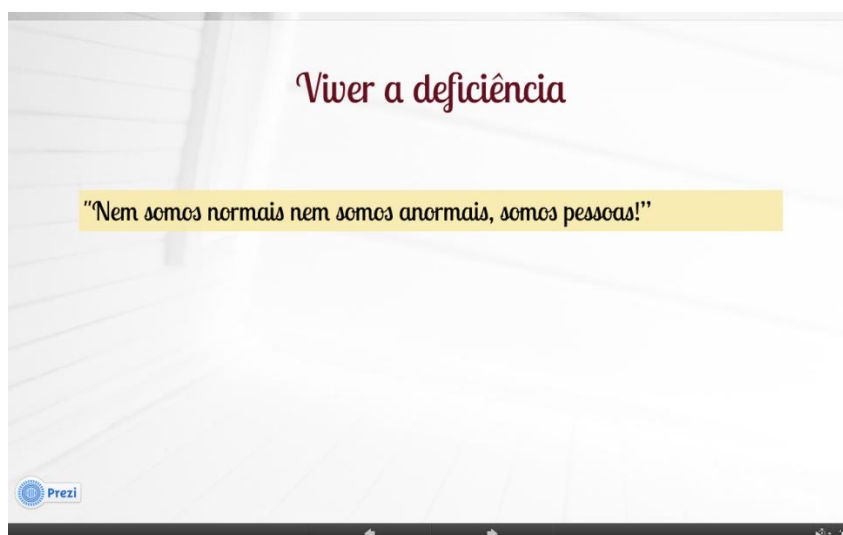
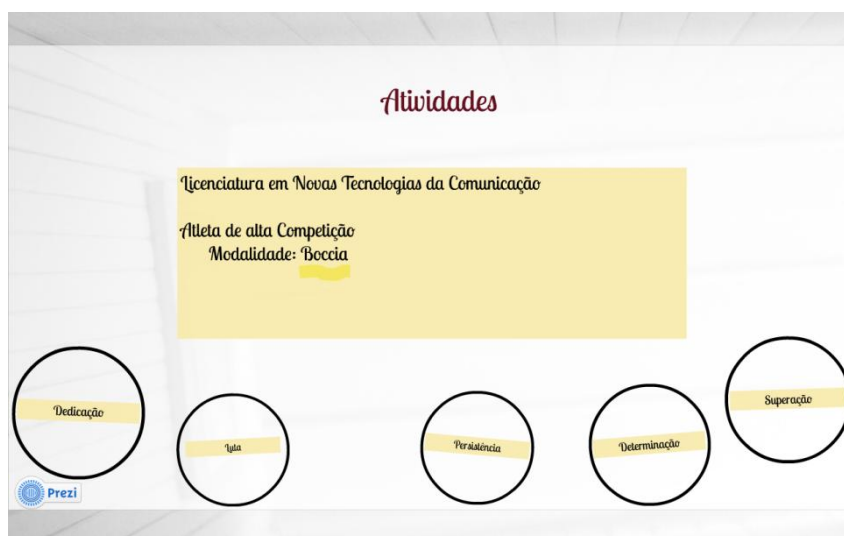
Vencer obstáculos, colocar os medos de lado e alcançar os seus objetivos

Prezi

## **Anexo VI: Retrato do João Paulo**

---





## Desporto

"Não só me deu a conhecer outras realidades pelo mundo fora como me deu oportunidade de crescer enquanto pessoa".

"De facto ser-se seleccionado ...e chegar e vencer. Isto , este corpo, transforma-se quando falo nisso. Fica em pele de galinha completamente."



"Orgulho é além do desporto. É eu no dia a dia conseguir fazer mais uma coisa. É eu conseguir, dar um passo à frente."

"Eu não me importa de estar assim neste corpo, eu gosto do meu corpo".



Como me defino...

"Sou uma pessoa que luta, que não baixa os braços à primeira, nem à primeira nem à segunda, nem à terceira..."

"Sou uma pessoa persistente"

Prezi



"Representa o esforço de tudo aquilo que eu passei e passo, cada prova é uma luta e cada ano, cada objetivo até chegar ao fim é uma luta"

Prezi